

**A Estética da Independência:
Evolução do Discurso Catalanista**

Diego Javier Rivarola Padrós

**Trabalho de Projecto de Mestrado
em Antropologia / Culturas Visuais**

Versão corrigida e melhorada
após defesa pública

Novembro, 2016

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Culturas Visuais realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Paula Godinho e a coorientação do Professor Doutor Roger Canals.



*Per al meu avi,
i les imatges que em va deixar.*

AGRADECIMENTOS

O mestrado apresentou-se como uma excelente possibilidade de adquirir conhecimentos de outras áreas e, ao mesmo tempo, noutra país e de outras pessoas. Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a todas as pessoas que fizeram do meu trabalho de campo na Catalunha uma experiência tão enriquecedora quanto inesquecível.

A Lisboa, a todas as pessoas que a constroem e vivem cada dia. À família da Rua da Fé, o meu primeiro contato nesta nova terra de acolhimento, e a todas as amizades que daí surgiram.

Aos meus colegas de turma, que fizeram de cada aula novas perspetivas de conhecimento. Aos professores que me ensinaram caminhos desconhecidos, sobretudo a minha orientadora, a professora Paula Godinho, e o meu coorientador, o professor Roger Canals, por terem confiado no meu projeto, ainda pouco definido no início.

Ao Brasil, que me abriu as portas a uma nova cultura impregnada de misturas africanas e lusas, de mares e pores do sol. Também aos portugueses cariocas que me abriram esta porta do continente europeu.

À minha família, por estar sempre lá, por ser o suporte que me possibilitou construir sonhos além da realidade, e pelo apoio em querer cumpri-los. Aos meus *avis*, por serem essa magia que envolve os sonhos.

À minha companheira, por viajarmos juntos sem saber muito bem onde, mas com a certeza de uma longa viagem inolvidável. Obrigado pela força, pelo apoio e pela alegria que me dás ao saber-te a meu lado.

A todos vós, o meu maior reconhecimento e gratidão.

BIOGRAFIA

Formado em Design Gráfico e Publicitário pela *IES Siglo 21* (2002), com um trabalho final sobre a comunicação visual do *Centro de Asistencia al Suicida Córdoba* (CASC) financiado pela própria IES, Córdoba, Argentina.

Interesse e formação complementar em artes plásticas e fotografia, tendo realizado cursos em várias especialidades, em distintas universidades, tanto teóricas – como o curso de extensão *“Arte moderna: do Impressionismo ao Expressionismo Abstrato”* (2013) na PUC Rio de Janeiro – quanto práticas; contando ainda com a participação em exposições em galerias de arte.

Com base na comunicação visual e no interesse focado na área social, foram realizados estudos adicionais em temáticas relacionadas com o gênero, a cultura, a identidade, entre outros, como por exemplo o curso de *“Representaciones Culturales de las Sexualidades”* (2014), na *Universitat Autònoma de Barcelona*, Espanha.

O âmbito profissional também possibilitou a implementação social da comunicação visual. Em sustentabilidade, com a participação no projeto *Rio+20*; em alimentação e reaproveitamento dos produtos, com o *Banco Rio de Alimentos*; e em saúde, com o *Move Brasil*; tendo sido alguns dos trabalhos realizados para o *Sesc Rio* e a agência *Evolutiva* no Rio de Janeiro.

O percurso realizado levou à busca de um crescimento acadêmico que permitisse a combinação de ambas áreas de interesse, apresentando-se o Mestrado em Antropologia, na vertente de Culturas Visuais, como um espaço idóneo para essa finalidade.

Dentro do contexto do mestrado surgiu a possibilidade de participar no seminário *“Memória, Cultura e Devir: teoria e caminhos nas ciências sociais”*, coordenado por Paula Godinho, Maria Alice Samara e Isabel Lopes Cardoso, que representou uma oportunidade de comprovar o frutífero contato da antropologia com a história, tendo sido útil ao desenvolvimento do projeto final.

A ESTÉTICA DA INDEPENDÊNCIA: EVOLUÇÃO DO DISCURSO CATALANISTA

DIEGO JAVIER RIVAROLA PADRÓS

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade a identificação e análise dos elementos estéticos que compõem os discursos e as práticas do independentismo catalão, a partir da resolução do *Tribunal Constitucional* contra o *Estatut de autonomia de Catalunya*, em junho de 2010. A pesquisa foi realizada através do aprofundamento e aplicação de conceitos básicos da antropologia, do reconhecimento de acontecimentos históricos e historiográficos relacionados com o novo movimento e, finalmente, da observação e estudo do objeto de pesquisa *in situ*, no decorrer dos atos performativos e comunicativos dos atores principais do processo. As imagens são reconhecidas como um elemento fundamental desse processo que, através das novas tecnologias e estratégias de comunicação, contribuem para a construção de uma realidade a ser consumida pelo público-alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Catalunha, independência, catalanismo, estética, imagem.

ABSTRACT

This study aims to identify and analyze the aesthetic elements that make up the discourse and the Catalan independentism practices, from the resolution of the Tribunal Constitucional against the *Estatut de autonomia de Catalunya* in June 2010. The research was conducted by deepening and applying basic concepts of anthropology, the recognition of historical and historiographical events related to the new movement and finally, the observation and study of the research object *in situ*, during the performative and communicative acts of the main actors in the process. Images are recognized as a key element of this process, through new technologies and communication strategies and contribute to the construction of a reality to be consumed by the target audience.

KEYWORDS: Catalonia, independence, catalanism, aesthetic, image.

RESUM

Aquest estudi té com a objectiu identificar i analitzar els elements estètics que conformen el discurs i les pràctiques de l'independentisme català, a partir de la resolució del *Tribunal Constitucional* contra l'Estatut d'autonomia de Catalunya, al juny de 2010. L'enquesta es va realitzar a través ulterior desenvolupament i aplicació dels conceptes bàsics de l'antropologia, el reconeixement dels fets històrics i historiogràfics relacionats amb el nou moviment i, finalment, l'observació i estudi de l'objecte d'investigació *in situ*, durant els actes performatius i comunicatius dels principals actors en el procés. Les imatges es reconeixen com un element clau d'aquest procés, a través de les noves tecnologies i estratègies de comunicació, contribueixen a la construcció d'una realitat per a ser consumida pel públic objectiu.

PARAULES CLAU: Catalunya, la independència, el catalanisme, l'estètica, la imatge.

RESUMEN

Este estudio tiene por objeto la identificación y análisis de los elementos estéticos que componen los discursos y las prácticas del independentismo catalán, a partir de la resolución del Tribunal Constitucional contra el *Estatut de autonomia de Catalunya*, en Junio de 2010. La investigación fue realizada a través de la profundización y aplicación de conceptos básicos de antropología, de reconocimiento de hechos históricos e historiográficos relacionados con el nuevo movimiento y, finalmente, de la observación del objeto de estudio *in situ*, en el transcurso de los atos performativos y comunicativos de los atores principales del proceso. Las imágenes son reconocidas como un elemento fundamental de este proceso que, por medio de las nuevas tecnologías y estrategias de comunicación, contribuyen a la construcción de una realidad a ser consumida por el público objetivo.

PALABRAS CLAVE: Cataluña, independencia, catalanismo, estética, imagen.



Fonte: <http://www.naciodigital.cat/noticia/90480/via/lliure/republica/catalana/guia/practica/diada/2015>

Participantes na Diada de 2015,
a “Via Llibre”.

Barcelona (2015).



Fonte: Adrià Costa

Manifestação da CUP frente ao Ajuntament de Barcelona a favor da desobediência ao Estado espanhol, “Sense por!”.

Barcelona (2015).



Fonte: <http://cdn.20m.es/img2/recortes/2013/08/31/135999-944-550.jpg>

Trecho da “Via Catalana”,
Diada de 2013.

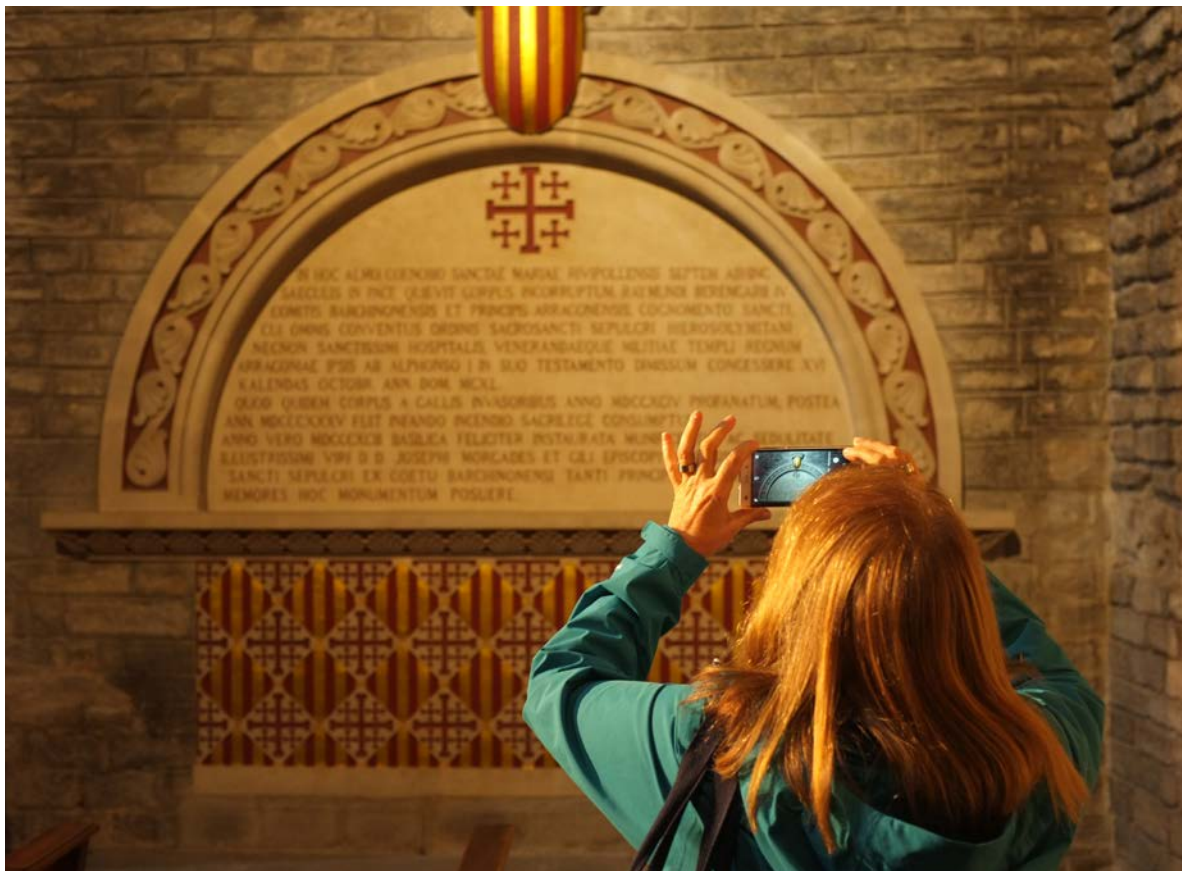
Barcelona (2015).



Fonte: <http://i.huffpost.com/gen/3536564/images/o-MANIFESTACION-facebook.jpg>

Concentração frente ao *Tribunal Superior de Justicia de Cataluña*,
“9M SOM TOTS”.

Barcelona (2015).



Fonte: Própria

Turista fotografando o cenotáfio de Ramón Verenguer IV (1113/1114 - 1162) Conde de Barcelona, Girona, Osona e Cerdanha.

Ripoll, Girona (2015).



Fonte: Própria

Loja de produtos independentista frente ao
"Fosser de les Moreres".

Barcelona (2015).



Fonte: Própria

Cartel publicitário da empresa de voos Qatar Airways no estádio “Camp Nou” do F.C. Barcelona.

Barcelona (2015).



Fonte: Própria

Promoção de cervejas edição especial
"Barcelona Born 17.14", à venda na Fábrica
Moritz.

Barcelona (2015).



Fonte: Toni Albir

Simpatizantes de *Juntxs pel Sí* fotografando-se com as imagens a tamanho real dos candidatos.

Barcelona (2015).



Fonte: Adrià]à Costa

A deputada da CUP, Anna Gabriel, num
Debate Nacional em Manresa.

Manresa, Barcelona (2015).



Fonte: Andreu Dalmau

O “baile” do candidato do PSC
Miquel Iceta na “Fiesta de la Rosa”.

Gavà, Barcelona (2015).



Fonte: Cèlia Atcet - (http://www.ara.cat/politica/Albiol-promet-que_0_1428457421.html)

O candidato do *Partido Popular*,
Xavier García Albiol, encesta uma bola
de basquete no início de campanha.

Barcelona (2015).

ÍNDICE

Capítulo I: Introdução	1
I. 1. Aproximação aos conceitos	2
I. 2. Ponto de partida e metodologia	17
Capítulo II: O fim e o princípio	23
II. 1. 1714, o fim do “Estado” catalão	23
II. 2. <i>La Renaixença</i>	28
II. 3. Golpe e revolução	31
II. 4. A Guerra e a pós-Guerra	36
II. 5. A Transição e a Constituição de 1978	41
II. 6. <i>Estatut de Autonomia de Catalunya</i> de 2006	43
II. 7. <i>Diada Nacional de Catalunya</i> , sua evolução reivindicativa	44
Capítulo III: Os atores do processo independentista	47
III. 1. Os partidos políticos	48
III. 2. As instituições independentistas.	52
III. 3. Os meios	61
III. 4. A sociedade civil	65
Capítulo IV: As imagens como agentes no discurso independentista	68
IV. 1. O catalanismo integrador	69
IV. 2. O catalanismo socializador	83
IV. 3. O catalanismo “espetacular”	90
Considerações finais	112
Figuras	116

Bibliografia	137
Anexo 1	176
Anexo 2	178

Capítulo I. Introdução

“Las naciones suben y bajan... se ponen de moda, así como los productos”. Albert Renté

O presente trabalho tem por finalidade reconhecer algumas das novas narrativas do movimento nacionalista catalão, ou “catalanismo”¹ a partir da sua produção visual. O enquadramento da Catalunha a nível histórico e antropológico, quanto à terminologia e aos fenómenos, é essencial para identificar as suas características atuais, já que como afirmava ironicamente Pierre Vilar sobre o último século em Espanha: *“Se inicia una nueva batalla, parecida - demasiado parecida- a las de 1931, 1934 y 1936. Afortunadamente, la historia nunca se repite”* (VILAR 1978: 58).

Muitos dos argumentos do independentismo atual têm raízes nesses momentos específicos do passado. Entre eles identificam-se nomes, elementos, datas e reivindicações. São invocados de diversas maneiras, com uma estética atualizada, adaptada aos tempos modernos, em que prevalece o domínio da visão ou “ocularcentrismo” da cultura ocidental (JAY 1996: 61).

O percurso empreendido para identificar as “novas maneiras estéticas” do catalanismo independentista começa com uma aproximação sobre o que representa o termo “nacionalismo” para alguns dos autores mais importantes no tema. Num segundo momento, procede-se à revisão e exposição dos fatos históricos, no contexto espanhol e catalão, que são pistas fundamentais para a análise do catalanismo e suas práticas e discursos, já que de modo algum este pode ser tomado como um fenómeno isolado.

A identificação dos atores independentistas permitiu analisar o uso desses momentos históricos a partir da situação atual desses grupos em relação às suas origens, à sua própria evolução e à evolução dos discursos e práticas. A inter-relação

¹ Utilizo os dois termos como equivalentes no desenvolvimento do trabalho, apesar de não significarem exatamente o mesmo, como indica Enric Ucelay-De Cal (UCELAY-DE CAL 2005: 14), e, de igual maneira, “nacionalismo espanhol” e “espanholismo”. Identificar nacionalismo, povo territorial e independentismo pareceria ser uma das finalidades no novo processo catalão (CANALES SERRANO 2005: 262), “catalão” = “catalanista” = “independentista”, considerando assim o catalão não independentista como “espanholista”.

entre eles também se apresentou como uma fonte de informação sobre o desenvolvimento performativo do processo independentista.

A partir dos cenários, passados e presentes, assim como dos participantes desses novos atos, conseguimos identificar algumas das estratégias-chave do movimento independentista. A sua encenação segue uma lógica que se alinha com o tempo atual e adapta os tempos percorridos, em forma e conteúdo.

I. 1. Aproximação aos conceitos

No dia 12 de dezembro de 2015 morreu Benedict Anderson, autor de um dos livros mais influentes sobre nacionalismo: *'Imagined Communities'* (1983). A sua postura sobre o nacionalismo não o reduzia exclusivamente a um sentimento violento e xenófobo. Acreditava igualmente que o nacionalismo poderia contribuir para a sociedade, fazendo com que as pessoas se comportassem melhor, por serem parte de uma sociedade, como uma ideologia atrativa, com elementos utópicos.

O conceito de Anderson descrevia a nação como uma comunidade política imaginada, inerentemente limitada e soberana. Referia a comunidade, porque mesmo no meio da desigualdade e da exploração, concebe-se como um companherismo profundo e horizontal. Imaginada porque mesmo pequena, os membros da nação nunca se chegariam a conhecer todos, e limitada, porque mesmo nas maiores nações, as fronteiras são finitas, embora elásticas. Finalmente, soberana porque nos seus domínios se pratica o exercício de autoridade e soberania (ANDERSON 1993: 23/5).

O nacionalismo não é só o conjunto de expressões radicais estudadas pela teoria tradicional, um mal – especialmente o nacionalismo dos outros – no qual se percebem os cornos de Leviatã (LLOBERA 1996: 9), conquanto também se exiba nos pequenos aspetos do dia a dia. Anderson referencia o texto de Michael Billig, *“Nacionalismo Banal”* (2014) ao dizer que o nacionalismo está em tudo: existe a hora nacional, o clima nacional, a comida nacional. Billig compara o nacionalismo com o corpo humano, *“sometimes it is healthy, but occasionally it might become sick,*

feverous and do ill things. But normal body temperature is not 41 degrees Celcius but 36.5 degrees Celcius” (KHAZALEH, UiO, 31/10/2013).

Anderson defende a ideia de que o nacionalismo não é um conceito antigo. A maneira de expressar ou comunicar o sentimento ou ideologia nacional parece ter evoluído, adaptando-se às novas situações sociais. A experiência transnacional vivida por muitas pessoas nesse tempo não apaga o sentimento, mas antes o potencia de uma outra maneira, exaltando-o por temor à perda. As novas tecnologias, como a internet, ajudam ao seu exercício à distância.

Também para Rubert de Ventós os nacionalismos se apresentam como paradigmas resistentes a processos tanto estatais, tal como acontece com o catalão ou basco na Espanha, quanto supranacionais, como o inglês ou francês na União Europeia. Para o autor os nacionalismos correspondem a uma ideia de identidade e pertença não solúvel “sem resíduo” no Estado (RUBERT DE VENTÓS 1994: 139). O Estado-Nação encontra-se envolvido em processos de globalização e localização, nos quais perderia soberania estatal e identidade cidadã. O Estado se encontrará como um “monumento de arqueologia política”, numa época em que as identidades *“es fan complexes, els poders dispersos, les soberanies difoses i les identitats col·lectives (...) configuracions sempre en vies d’assimilació”* (RUBERT DE VENTÓS 1999: 63). O filósofo vai reconhecer que, apesar da “pouca eficiência” atual dos Estados, um Estado catalão a chave, frente às outras nações, para “existirem e serem acreditáveis” (AMBINDEPENDENCIA, YouTube, 05/10/15).

Os primeiros exemplos do nascimento de uma nação, na aceção moderna da palavra, datam do século XVIII. Constituem uma revolução ideológica, um povo unido por laços, independente de qualquer soberano. Mas nação é mais do que isso, “o Povo é uma abstração, a nação é viva” (THIESSE 2000: 16). Muitas nações estão ainda à procura de um estado, declarando a sua existência e em busca do reconhecimento dessa soberania.

Os procedimentos utilizados apresentam diversos itens e têm diferentes objetivos, como por exemplo o inventário e invenção de heranças e, posteriormente, as exposições internacionais, que segundo Anne-Marie Thiesse (2000: 17), são lugares por excelência para a exibição identitária que, desde meados do século XIX, servem

para esse comércio simbólico. A construção coletiva das identidades nacionais foi feita de maneira transnacional. Os movimentos contaram com a cumplicidade de outros países na mesma situação, copiavam-se os modelos, pactuava-se e acordava-se, aconselhava-se e encorajavam-se outros.

A lista identitária designada por Orvar Löfgren de *“do-it-yourself” kit* (LÖFGREN 1989: 9), estabeleceria uma série de variantes e procedimentos para a aquisição de elementos simbólicos e materiais tendo em vista o reconhecimento de uma nação. A constituição dos elementos desse *kit* permitiria uma fácil assimilação que estaria ao serviço das comunicações nacionais.

Thiesse aponta uma ideia de nação sem temporalidade, assegurando que, por depender de um conservadorismo mais absoluto e menos contingente, pode suportar a evolução das relações económicas e sociais (THIESSE 2000: 20). De qualquer maneira, ficam abertas as mutações do conceito e a atuação para alcançá-la.

Em muitos casos, a criação ou afirmação de estados nacionais pretendeu negar, apagar ou uniformizar realidades nacionais anteriores. Esses pretendidos estados-nação estão a assistir, neste momento, a processos de reafirmação e reivindicação daqueles sentimentos, que se achavam extintos. Desde o início da idade moderna até a atualidade, os movimentos nacionalistas sofreram diversos destinos, alguns enfraqueceram totalmente até desaparecerem, outros fortaleceram-se até se tornarem o eixo principal do Estado.

O antropólogo catalão Josep R. Llobera (1996) defende a ideia de uma origem de nação a partir da Idade Média. Desde esse momento, assinala o autor, as nações desenvolveram-se ou perderam força, sendo que os processos de industrialização e modernização aceleraram o seu vigor.

A falta de coincidência territorial entre um estado (político) e nação (cultural) (ou entidade artificial e natural, respetivamente, segundo Prat de la Riba [PRAT DE LA RIBA 1906]), somada a uma situação de crise, conduziu a um ressurgimento e fortalecimento de processos soberanistas de vontade independentista, como o que está a viver neste momento a Catalunha, em Espanha. Ventós atribui as fronteiras dos estados ao “sangue dos soldados e ao sêmen dos imperadores” (AMBINDEPENDENCIA,

YouTube, 05/10/15). O processo catalão surge com a pretensão de um novo âmbito político, não correspondente aos estados surgidos da “sangue e sémen”, senão como uma alternativa aos “sistemas simbólicos” dentro do qual temos nascido, ao “*‘parc estatal’ d’objetes i institucions (...), producte de la praxi dels nostres avantpassats*” (RUBERT DE VENTÓS 1999: 62).

O novo processo independentista catalão não é, de modo nenhum, isolado, é o resultado de uma grande quantidade de acontecimentos sucedidos no tempo. O historiador Peter Sahlins (1989) aponta alguns desses eventos na sua pesquisa sobre a formação dos limites de Espanha e França na Cerdanha, região catalã cedida pela primeira à segunda mediante o Tratado dos Pirenéus de 1659.

Sahlins sinaliza o aparecimento do nacionalismo catalão durante o ultimo terço do século XVIII, a “nação” chamada Catalunha, que viria ser politizada. Essas reivindicações serão muito representativas do lado espanhol, mas vão encontrar pouca ressonância do lado francês. A partir do ultimo terço do século XIX, todos os programas do nacionalismo catalão se baseavam numa identidade forjada na diferenciação do idioma e da cultura, a língua como fundação do catalanismo moderno (SAHLINS 1989: 291).

O catalanismo poderia ser visto como “resposta a uma identidade atacada ao longo da história” (CARBONELL; BELLMUNT 2011: 25). A recuperação da consciência nacional alcançada por *La Renaixença*, o *Primer Congrés Catalanista*, o *Memorial de Greuges*² ou as *Bases de Manresa*³, entre outras manifestações, vão servir como base para o catalanismo do século XXI.

A restauração dos *Jocs Florals* medievais em Barcelona, a partir de 1859, dará ao movimento uma identidade institucional. Renascenças literárias e de línguas aconteceram por toda Europa na ultima parte do século XIX, mas poucos desses nacionalismos literários se transformarão em nacionalismos políticos (SAHLINS 1989: 291).

² Foi um memorial ao estilo dos que usavam as Cortes Catalãs, enviado a Alfonso XII no ano 1885 a propósito da defesa dos interesses morais e matérias da Catalunha.

³ Reclamação elaborada no ano de 1892, sobre a devolução das constituições catalãs e reivindicação da autonomia da Catalunha.

No início do século XX dar-se-á continuidade às ideias do século anterior. Prat de la Riba, intelectual catalanista, promoverá as instituições catalãs. Para ele, um fiel representante da burguesia ilustrada, Catalunha era uma nação, e defendia a ideia de uma federação espanhola integrada por estados-nação. As ideias revolucionárias do início do século XX vão “configurar uma paisagem social com uma ideologia renovadora que não vai permitir consolidar o catalanismo burguês” e vai promover a revolução (CARBONELL; BELMUNT 2011: 32/3). Segundo Carbonell e Belmunt, a reclamação da República catalã independente é um “exponente excepcional” desta revolução.

A contradição entre os pequenos burgueses, o poder central e o movimento operário, maioritariamente anarquista, vai representar um ponto crítico antes e durante a guerra, que conduzirá à perda das liberdades e à repressão tanto dos movimentos sociais e operários, quanto do catalanismo (idem 33). Alguns estudiosos como Enric Ucelay da Cal, sublinham a participação dessa burguesia nacionalista catalã⁴ dentro do projeto de reorganização de Espanha. Segundo o autor, Prat de la Riba era partidário de uma conciliação com a coroa, inserida numa conceção imperial: a Catalunha com um Estado, dentro de um império hispânico. O autor procura conectar também o discurso imperialista catalão⁵ com o imperialismo de inspiração fascista dos primeiros anos do regime de Franco (DE BLAS GUERRERO, *El País*, 24/08/04).

Fuentes Codera refere-se à postura de Eugenio d’Ors, outro intelectual catalanista, ao estabelecer uma diferença entre o “atrasado” nacionalismo espanhol e o “universalizante” e imperialista nacionalismo catalão, que viria ajudar também à regeneração de Espanha (FUENTES CODERA 2013: 151). A imagem catalanista promulgada pela direita burguesa, de modernização controlada e harmónica, vai esbarrar contra uma Catalunha “real”, que ficará evidenciada em acontecimentos como a “*Semana Trágica*” de 1909 (GONZÁLEZ CUEVAS 2003: 273).

⁴ Representado principalmente por Enric Prat de la Riba, Francesc Cambó e R d’Ors.

⁵ Segundo Prat de la Riba, a Catalunha era indiscutivelmente uma nação e Espanha apenas um Estado, por isso “*la solución al problema catalán era el nacionalismo dentro del Estado; lo que llevaba a la fórmula imperial, «forma superior de Estado y, a la vez, Nación de naciones»*” (GONZÁLEZ CUEVAS 2003: 272).

O historiador Ben Ami defende a ideia do apoio da burguesia catalã ao golpe de Primo de Rivera, por sentir em perigo os seus interesses e ideais, frente a “uma demagogia sindicalista que tinha alcançado uma intolerável intensidade e cronicidade” (BEN-AMI 2012: 111). Impõe-se assim, em 1923, a ditadura de Miguel Primo de Rivera, que vai exercer um controle estrito no território espanhol.

O ditador suprimirá a *Mancomunitat de Catalunya*⁶ e eliminar os partidos políticos, criando um único partido chamado *Unión Patriótica*, definido por ele mesmo como “*un movimiento nacional que expresaba una fe profunda en el destino de España y en el valor y la grandeza de la raza ibérica*” (idem 116). Serão asfixiados os ideais da burguesia e também das classes populares catalanistas. A nova situação política interditava qualquer fomento da língua catalã e o seu uso tanto oficial como particular (NARVÁEZ FERRI 2005 :695).

Militante primeiro da *Lliga Regionalista*, depois da *Solidaritat Catalana* e mais tarde separatista, Francesc Macià tenta juntar setores da pequena burguesia e da classe operária à volta de um programa independentista. Cria um movimento que agrupa o catalanismo radical, que se chamará *Estat Català*. Exila-se depois do golpe de estado de Primo de Rivera. Com o contacto e apoio dos centros separatistas da América, organiza uma incursão armada à Catalunha e planeia a ofensiva de Prats de Molló contra a ditadura. A conspiração fracassará e Macià será preso em França. Esses anos de exílio consolidam o seu poder enquanto símbolo. Quando volta a Barcelona, é recebido como um herói (GRAN ENCICLOPÈDIA CATALANA, *Enciclopèdia.cat*, 31/08/15).

No dia 14 de abril de 1931, no meio de uma viragem política do lado republicano, Macià proclama a “República Catalã, como Estado integrante da Federação Ibérica” (LA SEXTA NOTICIAS, *YouTube*, 02/11/14). Dentro de uma república espanhola, a proclamação de Macià representa uma dualidade de poder com Madrid⁷.

⁶ A *Mancomunitat de Catalunya* foi uma entidade política formada em 1914 pela união das quatro deputações provinciais. O seu papel foi de dotar a *Catalunya* de uma administração própria, embora com atribuições de força limitadas.

⁷ No discurso independentista, a imagem de Madrid apresenta-se como “*una polaridad opuesta a la realidad catalana, sin mayor profundidad que su función antagónica para con todo lo catalán*” (UCELAY-DA CAL 2005: 14).

Após o *Pacto de San Sebastián*⁸, a *República Catalana* transformar-se-á na *Generalitat de Catalunya*. O governo catalão terá autonomia, mas Madrid dará a aprovação.

Uma das sessões do *Pacto de San Sebastián* resume a complexidade desse momento no “caso catalão”, “(...) *el problema catalán, el problema de las autonomías españolas, es un hecho, y un problema en la historia de España, y no nos ha caído a nosotros de una teja el 14 de abril; existe desde hace muchos años...*” (GARCIA ALIX 1998 :481).

A II República Espanhola constituir-se-á como um período de liberdade e entusiasmo para o catalanismo social e popular. Será igualmente uma etapa agitada e dramática, que continuará através de uma outra, ainda mais marcante. A posterior Guerra Civil será um período de luta de interesses muito forte, terminando com a imposição da ditadura de Francisco Franco e a eliminação das ideias progressistas.

De maneira similar ao acontecido com Primo de Rivera, a classe catalanista conservadora apoiará Franco, praticamente com os mesmos motivos que os setores espanhóis: “*construir una sociedad armónica respetuosa de los poderes sociales establecidos y sometida a los principios de la Iglesia*” (CANALES SERRANO 2005: 266).

Canales Serrano, autor do texto “*El robo de la memoria*”, expõe uma série de conclusões sobre o discurso catalanista relativamente ao franquismo, sublinhando o paradoxo de “satanizar” o apoio ao movimento, ao mesmo tempo que constrói, com parte desses apoios, a coluna vertebral da resistência antifranquista: “*los mismos patronos, sacerdotes, conservadores, católicos, fuerzas vivas e elites locales que en el resto de España se identifican con las bases del regime (...) se tornan en Cataluña en protagonistas de la recuperación nacional y democrática*” (idem 266).

O lema franquista “*¡Una, Grande y Libre!*”, que evidenciava o projeto de Franco de nacionalizar o novo Estado numa Espanha indivisível, imperial e livre de forças estrangeiras, parece não ter sido alcançado. “Fazer coincidir a nação com os limites do estado pode levar a um trabalho gigantesco e muitas vezes, trágico⁹. “A fixação das

⁸ Pacto assinado pelos representantes republicanos de todo o estado espanhol para acabar com a monarquia borbónica.

⁹ A busca de reconstrução que transforma a imaginação de uma comunidade num processo de homogeneização é levado a cabo na Jugoslávia através da própria determinação e limpeza étnica,

fronteiras de um estado não pode traduzir de forma satisfatória a existência de uma nação (...)” (THIESSE 2000: 231).

A autarquia, política económica imposta pela ditadura de Franco em 1939, trouxe restrições energéticas e senhas de racionamento, deixando de lado os avanços sociais, políticos, económicos e culturais, obtidos em épocas anteriores, como no período republicano (PAGÈS I BLANCH 2007: 304). Só a partir do ano 1959, com o *Plan de Estabilización*, se deu início a um processo de modernização, como parte de uma economia internacional em expansão. Esse processo favoreceu a indústria e promoveu o turismo.

Nos anos 60, a necessidade de mão de obra dos novos processos industriais intensificou os fluxos migratórios iniciados duas décadas antes. A Catalunha recebeu principalmente população de origem rural, procedente da Andaluzia, Múrcia e Extremadura, que encontra nesse novo lugar uma língua e costumes diferentes.

Diversas organizações promoveram a sua integração, mas este não foi um processo simples, numa região onde tinham sido proibidos o uso do idioma e as práticas da cultura e costumes. A burguesia catalã, dona de muitas das fábricas que os empregaram, não era precisamente catalanista, mas sim “*pactista*”, utilizava o espanhol como língua de prestígio para se diferenciar do povo em geral, que falava em catalão (CARBONELL; BELLMUNT 2011: 34).

Esses migrantes, chegando à cidade, não foram colocados em guetos, mas distribuídos por “*barriadas*”, sendo em grande parte “*diluídos*” na sociedade já existente. Segundo o economista Albert Renté, quando a percentagem de migração é superior a 10% da população, ocorrem problemas. Essa meia integração possibilitou a paz social, mas não uma integração efetiva, nem para eles nem para a sua descendência. Barcelona converteu-se no centro da indústria catalã e na maior concentração industrial de Espanha. Próximo das áreas industriais construíram-se grandes polígonos habitacionais para operários e classes populares, que voltariam a vincular estreitamente a fábrica com os núcleos operários de residência (TATJER 2006).

através de formas legais e burocráticas, ou mediante drásticas medidas onde existem áreas mais misturadas (HAYDEN 2002).

O forte ritmo de chegada dos imigrantes, num ambiente de perseguição e castigo à expressão da cultura¹⁰ catalã, acentuou uma sensação de ameaça à identidade nacional da sociedade recetora (CLUA I FAINÉ 2011: 66). Como expõe a autora e como eu mesmo consegui constatar a partir do testemunho de alguns entrevistados, existe a crença de que essa migração foi uma planificação consciente de Franco para acabar com os catalães e a sua “identidade nacional diferenciada” (idem 67). Não falar ou entender o catalão foi entendido pela sociedade de acolhimento como uma falta de vontade de integração (CARBONELL; BELLMUNT 2011: 35).

Nos anos 60, terão início os movimentos de reivindicação nacionalista, baseados na luta pela liberdade, a amnistia e o *Estatut d’Autonomia*, mas o catalanismo não se conseguirá consolidar, devido à falta de integração efetiva da diversidade social e política. O discurso nacionalista e integrador catalão irá contrastar com uma ideologia xenófoba desenvolvida nesses mesmos anos na Catalunha (idem 67).

Em 1971, será constituída a *Assemblea de Catalunya* (GRAN ENCICLOPÈDIA CATALANA, *Enciclopèdia.cat*), organismo que vai integrar quase todos os partidos políticos, do centro até à extrema esquerda, sindicatos, assembleias territoriais, colégios profissionais, entidades, grupos culturais, religiosos e núcleos independentes em volta de quatro reivindicações: liberdade, amnistia, o restabelecimento do *Estatut* de 1932 e a coordenação de esforços com entidades de outros territórios do Estado espanhol para reclamar as liberdades nacionais. Outro objetivo da *Assemblea* dizia respeito ao uso do catalão, “a tots llocs i tots nivells”¹¹ (SÒRIA, *La Vanguardia*, 08/11/11), para consciencializar os imigrantes sobre os conteúdos básicos da luta pelo autogoverno e a sonhada democracia. A *Assemblea de Catalunya* será o organismo

¹⁰ Embora existam dificuldades no momento de considerar os grupos humanos como “unidades discretas classificáveis” em função da sua cultura e, mais ainda, “associá-las de modo simplista a um território determinado” (GRIMSON 2015: 61), será utilizado o termo “cultura catalã” para a referência ao conjunto de elementos simbólicos, costumes e valores identificados no discurso catalanista como singular e próprio da Catalunha. Depois de 1945, com a perda de legitimidade do conceito de raça, aumentou consideravelmente o uso social e político do conceito cultura.

¹¹ “Em todos os lugares e a todos os níveis” (tradução minha).

com maior suporte social em oposição ao franquismo desde 1939. O PSUC¹² vai ter um papel marcante nesse momento, juntando ao catalanismo os imigrantes chegados de diversas zonas do Estado espanhol.

Com a morte de Franco, em 1975, dar-se-á a transição do franquismo para a democracia. A pressão dos antifranquistas produzirá uma transformação do passado opressor, mas não uma quebra. O novo regime, a monarquia pós-franquista, focar-se-á desde novembro de 1975 na criação de uma base de suporte própria. A *Constitución española* de 1978 não será o resultado de um debate democrático entre iguais, mas entre vencedores e vencidos (MARTÌ, *NacióDigital*, 08/08/16).

Numa nota sobre o aniversário dos 40 anos da morte de Franco, o *The New York Times* refere a vigência do seu legado e o impacto que ele tem em Espanha (MINDER, *The New York Times*, 19/11/15). Expõe a chamada “*Transición española*”¹³ como um fracasso da maturação da democracia, o que demonstra que o fantasma do ditador continua vivo através dos seus símbolos, que permanecem no panorama político e físico espanhol. Segundo o jornal *Político*, “(...) acabar com esses símbolos desenterraria o passado e significaria reconhecer as debilidades da ‘*Transición*’, processo que muitos políticos da classe tradicional espanhola veem com carinho (...)” (HEDGECOE, *Político*, 20/11/15).

A partir de 1976 o catalanismo expressar-se-á de muitas maneiras, mas sobretudo através da resistência linguística. Em 1977 restaura-se provisoriamente a *Generalitat de Catalunya*, e em 1979 aprova-se o *Estatut de Autonomia*¹⁴, que permitiu o impulso de programas de normalização básicos em relação à língua e à cultura, e que influenciaram a estrutura social e política.

O governo de Jordi Pujol, que tomará posse em 1980, revelará a preponderância da direita frente às esquerdas. Pujol, com o seu partido *Convergència i*

¹² *Partit Socialista Unificat de Catalunya*, em defesa dos interesses dos operários e dos operários catalães.

¹³ Período de transição institucional espanhola entre o regime ditatorial franquista e o democrático constitucional.

¹⁴ Norma institucional pela qual Espanha outorga a autonomia e fixa os margens de autogoverno do território.

Unió (CiU) (*Convergència Democràtica de Catalunya* em coligação com *Unió Democràtica de Catalunya*), representa o triunfo do nacionalismo moderado catalanista de base *noucentista*¹⁵, que só acabará com o governo do *Partido Socialista Català* de Pasqual Maragall no ano 2003.

O triunfo do Partido Socialista foi possível pelo desgaste da CiU, e o seu apoio aos últimos governos de Aznar. Maragall viria a ser o presidente de um governo de coligação de esquerdas, o *Tripartito catalã*. A presidência de Maragall teve como principal objetivo estratégico impulsionar um novo *Estatut de autonomia*, para uma atualização das relações com Espanha. O *Tripartito* sofreu sucessivas crises de governo e Maragall decidiu convocar novas eleições depois da realização do referendo estatutário.

O novo *Estatut* foi aprovado na Catalunha em 2005, e, em 2006, em Espanha, após ter sido objeto de importantes modificações e cortes. Nas palavras do presidente da Comissão Constitucional do Congresso, em Madrid: a Comissão “*se cepilló*” o *Estatut Català*, (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 67). José Montilla foi o presidente de um novo *Tripartito*, e o primeiro presidente da *Generalitat* não nascido na Catalunha (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2010: 211).

No ano 2006 o Partido Popular (PP) apresentou ante o *Tribunal Constitucional* um recurso de inconstitucionalidade contra o “aprovado” *Estatut da Catalunha*. Todos os partidos políticos o acusarão de faltar ao respeito aos catalães, que já o tinham aprovado. Em 2010, quatro anos mais tarde, o Tribunal Constitucional resolverá a favor do recurso de inconstitucionalidade relativamente à maior parte do texto (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 67).

Em nome da unidade de Espanha, a sentença do *Tribunal Constitucional* “revogava a obrigatoriedade de conhecer o catalão e abria a porta para a demolição do sistema escolar catalão da imersão linguística”. A indignação de uma grande parte da população catalã será demonstrada na manifestação do dia 10 de julho do mesmo

¹⁵ O *noucentisme* foi um movimento cultural catalão que procurou recuperar a simplicidade do classicismo. Enquanto processo nacionalizador, este representou uma tentativa do modernismo de final de século de transformar uma cultura catalã tradicionalista e regional em moderna e cosmopolita (AURELL 2001: 278).

ano, convocada pela *Òmnium Cultural*¹⁶ com o lema: “*Som una nació, Nosaltres decidim*”. Assim começaram as manifestações massivas e a difusão de uma nova aposta independentista (idem, 68).

* * *

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, o catalanismo, enquanto movimento, sentimento de exaltação e defesa da cultura catalã, tem uma longa e complexa história. As relações deste com a Espanha e o espanholismo sofreram diversos encontros e desencontros ao longo do tempo, umas vezes de forma mais ativa e outras mais adormecida.

Quando decidi fazer a pesquisa sobre o “caso catalão” perguntei a alguns amigos, jornalistas e fotógrafos, que já tinham trabalhado sobre os processos independentistas catalães, o que achavam deste novo processo. Disseram-me que, como em todos os casos anteriores, depois de momentos de efervescência nacionalista, seguir-se-ia a normalização e um novo pacto com Espanha.

As tentativas do catalanismo, de reivindicação cultural, social e política, foram sempre moderadas no que respeita à criação de uma *República Catalana* soberana. Muitas vezes não era oportuno em termos de conjuntura histórica, e muitas outras era devido à própria conveniência da classe social hegemónica, que se aproveitava das relações com Espanha.

Na atualidade, o processo independentista repete muitas das características identificadas no passado, mas parece ter conseguido evoluir em algumas outras. A julgar pela grande participação da sociedade nos diversos eventos, as práticas e discursos utilizados pelos independentistas parecem ter adquirido um tom mais convincente. Isto, conjugado com uma situação particular com Espanha, conduziu a um reforço e legitimação do processo, com a adesão de uma parte significativa da população, abrindo o jogo do nacionalismo identitário dos “8 sobrenomes catalães” (HAKOBYAN; SOLANO, *VilaWeb*, 15/01/16).

¹⁶ Instituição dedicada à promoção e recuperação da língua e cultura catalã.

As crises, a má administração, a falta de diálogo (DEL TORO, *Ara*, 22/12/15) e a humilhação (TUGAS; COLOMER, *Ara*, 25/11/15) (sinalizada pela maioria dos entrevistados) exercida pelo governo central, estimularam o movimento independentista, que já tinha começado a despertar na manifestação de 2010, como resposta às alterações do *Tribunal Constitucional* ao *Estatut*. A participação ativa de instituições independentistas, as novas dinâmicas dos partidos políticos, a crise e a discrepância com o Estado, aparentaram fortalecer o movimento, permitindo aos independentistas ganhar as eleições de 2015.

Num artigo do jornal *El País* critica-se o apoio da esquerda espanhola (*Podemos*) ao referendo da Catalunha, sendo sublinhado que o nacionalismo teria que ser interpelado “como aquilo que é, um pensamento reacionário sem reservas, comparável ao sexismo ou ao racismo” (OVEJERO, *El País*, 12/01/16). Numa análise do historiador González Cuevas, realizada a partir de vários escritos de Ucelay Da Cal, estima-se que mesmo tendo percebido “um palpável racismo de raiz biológica catalã” em algumas obras de intelectuais catalães, a mentalidade catalanista manteve-se “resolutamente culturalista, com uma legitimação sociológica e não biológica” (GONZÁLEZ CUEVAS 2003: 272).

Discursos e práticas dos partidos independentistas, CUP¹⁷ e *Junts pel Sí*¹⁸, aparentam ter outras prioridades. A raiz da luta da CUP além da independência, relaciona-se com o anticapitalismo e tem como finalidade no novo estado erradicar o machismo, o racismo, e a globalização (sair da Comunidade Europeia), assim como reivindicar o feminismo, a liberdade sexual e a integração. As exigências e conversas entre os partidos independentistas apontaram a relevância dessas exigências até ao último minuto, na investidura do novo *President de la Generalitat*.

A preocupação sobre a representação, tanto de género, quanto de território, mostrou-se fundamental na construção do novo governo. O equilíbrio, em função de

¹⁷ *Candidatura d'Unitat Popular*. Organização política assembleária de alcance nacional que se estende ao redor dos *Països Catalans* e que trabalha por um país independente, socialista, ecologicamente sustentável, territorialmente equilibrado e desligado das formas de dominação patriarcal (CANDIDATURA D'UNITAT POPULAR BLANES, *CUP.cat*).

¹⁸ Candidatura de coligação entre a sociedade civil, *Convergència e Unió* e *Esquerra Republicana*, para as eleições plebiscitárias do 27 de setembro (JUNTS PEL SÍ, *Junts pel Sí*, 2015).

distribuições e responsabilidades, exige o mesmo número de homens e mulheres e a presença de todas as regiões da Catalunha (LASALAS, *El Nacional.cat*, 11/01/16).

Na atual situação entre Espanha e Catalunha, parece reconhecer-se uma luta de nacionalismos: uma Catalunha que utiliza o modelo de país “colonizado”, moderno e progressista, que procura sair da submissão a uma Espanha imperial, conservadora e antiquada, que inibe as características culturais próprias. Espanha apresenta-se como um poder unitário, centralista e uniformizador.

O novo catalanismo teria que conseguir misturar as características históricas próprias da cultura e da língua, apresentadas como uma singularidade dentro da Europa e o mundo e, ao mesmo tempo, as características que permitam configurar a integração e a coesão social daqueles que não partilham o passado, mas sim uma relação atual na comunidade. O fator económico condiciona a interação entre os membros da sociedade, pelo que as crises atuais poderiam constituir-se como uma oportunidade importante de encaixe do processo independentista, como um projeto conjunto e integrador da República Catalã.

Como referia Guy Debord (2003), a espetacularização do movimento poderia ser uma maneira de “transformar” a realidade em benefício próprio, revolver antigos conceitos com o propósito de os utilizar em novas reivindicações. Vargas Llosa (2012) também refere a sociedade do espetáculo, quando sinaliza a frivolidade dos recetores que só buscam fugir do tédio.

A “*revolució dels somriures*”¹⁹ combinou o sentido cívico de uma catalanidade renovada e o patriotismo integrador social e político, essencialmente democrático, do movimento independentista (RENYER, *VilaWeb*, 06/01/16). As propostas performativas, das manifestações lideradas pelas entidades soberanistas *Assemblea Nacional Catalana* (ANC)²⁰, *Òmnium Cultural*, entre outras, promoveram a participação e organização de grupos diversos com um claro objetivo comum.

¹⁹ Assim se batizaram mediaticamente a partir do ano 2010, as manifestações massivas a favor da independência da Catalunha.

²⁰ A *Assemblea Nacional Catalana* é “uma organização de base transversal e unitária que tem como finalidade a independência da nação catalã por meios democráticos e pacíficos”. Nascerá em 2012

A comunicação baseada na alegria, nas ilusões e na esperança dum país e um futuro económico melhores poderia encaixar perfeitamente numa “civilização do espetáculo”. De alguma maneira, o novo campo de batalha nacionalista poderia ser o “teatro das representações”, onde se confrontam os atores com suas melhores galas, e demonstram, assim, as suas coloridas capacidades performativas para seduzir uma sociedade que assiste expectante desde a plateia.

Marcos Pardeiro, um dos entrevistados, comparava o domínio do cenário do independentismo com um jogo de futebol, onde se mantém a sensação de que o jogo está sempre a ser jogado no *Camp Nou*²¹, nunca num outro estádio. “*Se eres independentista ahora mismo, puedes vivirlo desacomplejadamente, ¡a lo loco!*”. Segundo ele, “*el independentismo le lleva una gran ventaja al ‘unionismo’ en el tema de la ilusión; la independència, aunque sea un viaje a lo desconocido, ¡hace vibrar!, la defensa de la Constitución, que defiende la permanencia de Catalunya dentro de España, ‘no mola’, ¡no hace vibrar!...*”. “*¡El independentismo es exhibicionista!*”, conclui.

O novo processo independentista aparenta utilizar uma nova lógica de comunicação, que coincide perfeitamente com o mundo hipervisual em que vivemos, onde a imagem exerce um papel essencial na nossa identificação, divulgação ideológica e socialização de significados (WELLER/BASSALO 2011: 284). Performances complexas, manifestações massivas, exibição de *esteladas*²², *sardanas* e cânticos, renovação de monumentos e exposições em museus, tudo parece ser utilizado para chamar a atenção e procurar a participação do público.

Abert Castellón, um reconhecido consultor de marketing catalão, escreveu no seu livro: “Catalonia, Next Brand in Europe: Una estratègia de màrqueting per a un nou país”: “*el màrqueting és una disciplina que t’ajuda a construir la proposta de valor de qualsevol marca, sigui la d’una petita empresa, la d’una multinacional o la d’un país*”.

na sequência da primeira consulta pela independência realizada em Arenys de Munt (ASSAMBLEA NACIONAL CATALANA, *Assamblea.cat*).

²¹ Estádio do F.C. Barcelona.

²² Bandeira relacionada com o independentismo catalão. O nome provém da *estela* (estrela em catalão) que ela exibe.

Também “(...) *el màrqueting és una de les eines bàsiques per construir una proposta de futur il·lusionadora i imbatible d’un model de Catalunya que la majoria dels catalans vulguin comprar*” (CASTELLÓN 2013: 14/6). Esta nova maneira de entender a independência poderia trazer novos resultados para o catalanismo moderno.

I. 2. Ponto de partida e metodologia

O “caso catalão”, como foi designado pelas chancelarias europeias o conjunto de debates e acordos sobre Catalunha (1712-1714), chamou a minha atenção pela forma como se foi desenvolvendo ao longo da história. O exercício de memória de muitos dos participantes desta história contribuiu para a difusão do sentimento catalão fora da Catalunha.

A Argentina, como muitos outros países da América, recebeu emigrantes espanhóis durante a Guerra Civil. A grande maioria eram republicanos que fugiam do regime franquista que se instauraria no país. O meu avô foi um desses imigrantes que, depois de deixar o campo de concentração de Vernet d’Ariège em França, e passar pelo Uruguai, chega à Argentina no ano 1940.

O meu primeiro conhecimento do “catalão” veio através do próprio sentimento dele pela sua terra e cultura, e a mistura com a saudade provocada pela distância. Ele fez parte do *Casal Català*²³ de Córdoba, Argentina, juntamente com outros catalães chegados à província em diferentes épocas. Os *Casals Catalans* funcionam como um lugar de encontro e espaço de partilha da memória, uma *communitas* criada e viciada pela *espoir*, nas palavras de Luísa Tiago de Oliveira (*apud* GODINHO 2014: 23). A sua instituição permite aos emigrados manterem um interacionismo simbólico da cultura de origem (CARABAÑA; LAMO DE ESPINOSA 1978: 167), através de atividades tanto culturais, como sociais e desportivas.

Depois daquela partilha cultural que incluía tradições, imagens e curtos vídeos de *Super 8*, tive a possibilidade de viver em Barcelona. Em 2012 começou a minha

²³ Associações de catalães residentes fora da Catalunha, que têm como função a difusão da cultura catalã.

experiência de convívio com a cultura catalã. Os meus tios e primos já viviam em Tarragona desde 1988. Fiquei quase 3 anos, a trabalhar e estudar, comparando e transformando as minhas primeiras imagens de criança. Vários anos depois, surgiu a possibilidade de aprofundar o tema, olhando para um novo processo independentista através de uma perspetiva antropológica e visual.

Devido ao momento que a Catalunha está a viver desde o ano de 2010, é preciso observar e analisar uma grande quantidade de informação, apresentada em diversos meios e suportes. Uma etnografia clássica permitiu-me exercer observação direta ou participante, consoante os casos, e também enriquecer as fontes já disponíveis com aquelas “materializadas no comportamento e na memória dos homens vivos” (idem 19). Realizei também uma “netnografia”, através da qual é possível aceder aos factos tanto antigos como atuais, patentes em arquivos, documentos e outras fontes de informação, como redes sociais e jornais digitais.

O estudo qualitativo de dados visuais constitui-se como uma parte estruturante do meu trabalho. Quanto às formas de análise, é importante estabelecer uma distinção relativamente à origem dessas imagens. Por um lado, as preexistentes, que se analisam a partir de uma perspetiva relacionada com a comunicação e o design da informação; e, por outro lado, as imagens produzidas no campo, utilizadas para análise, e também apresentadas neste trabalho.

As informações obtidas através das imagens preexistentes, e as que decorreram da observação do comportamento de pessoas para com elas, conduzem ao objetivo do presente trabalho de investigação, centrado na identificação das características estéticas do novo processo independentista catalão. Foram estudadas as imagens no curso da investigação de campo, no seu contexto social, analisando a produção e o consumo dos recursos visuais mediante a indagação empírica na própria situação da produção (BANKS 2010: 59).

A investigação qualitativa requer uma aproximação ao objeto de estudo, pelo que foi preciso um trabalho etnográfico de, pelo menos, dois meses em Barcelona, cidade onde o movimento independentista teve mais presença e força. Dessa maneira foi possível analisar, a partir de dentro, as experiências dos indivíduos e grupos, as suas

interações e comunicações no momento em que se produzem e também os documentos e pegadas que eles deixaram (idem: 12).

O trabalho de campo decorreu nos meses de setembro e agosto de 2015, onde tiveram lugar alguns dos acontecimentos mais simbólicos do movimento: a *Diada* do dia 11 de setembro, anterior às eleições autonómicas plebiscitárias da Catalunha, e as ditas eleições, do dia 27 de setembro. Nesses dias a atuação das pessoas foi mais marcante do que em dias correntes, o que foi especialmente enriquecedor para o trabalho. Além dos acontecimentos já sinalizados aconteceram outros de caráter tradicional e popular, como a festa de *La Mercè*, padroeira de Barcelona (24 de setembro).

No dia 9 de novembro de 2014 teve lugar um evento determinante para o atual processo independentista, a consulta popular denominada 9N. A minha participação no dito evento, e na *Diada* desse mesmo ano, permitiu ter uma perspetiva mais aprofundada do movimento, acompanhá-lo numa sequência de tempo maior, e em situações seguintes que foram decisivas.

No início da investigação, dirigi a minha atenção para a *Diada de Catalunya*²⁴ do dia 11 de setembro de 2015, com a finalidade de estudar o que parecia ser a peça fundamental do atual processo independentista catalão. Participei, neste sentido, no evento chamado “*Catalan Weekend*”, organizado pela entidade independentista *Òmnium Cultural*. O evento consistia num convite aos estrangeiros, para que convivessem durante o fim de semana da *Diada* com uma família catalã, por forma a conhecerem a partir de dentro o processo independentista catalão.

Depois de ter participado no referido evento e de entrevistar o presidente da *Òmnium Cultural*, entendi que a sua relevância era em relação aos convidados internacionais da *Òmnium* e da ANC, com a finalidade de dar a conhecer a situação atual da Catalunha tanto do âmbito institucional quanto político (*ÒMNIMUM CULTURAL, Omnium.cat*, 12/09/15).

²⁴ *Diada* Nacional da Catalunha, comemora-se o que o cronista Francesc de Castelví denominou o “fim da nação catalã”, no dia 11 de setembro de 1714, nas mãos das tropas de Filipe V na Guerra da Sucessão (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 17).

A *Diada* tem sido o “fator mobilizador da sociedade civil catalã contemporânea” (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 12). Representa a maior performance do processo, quanto à participação, organização, desdobramento e civismo social. A partir da análise desta performance, que cumpre com um dos objetivos do movimento independentista, fui chegando a outros pontos, para tentar perceber algumas diferenças do novo processo catalão em relação aos anteriores.

O que se apresenta como uma atualização do catalanismo parece ter diversas causas e consequências, mas também muitos atores. O trabalho realizado previamente à etnografia consistiu numa primeira identificação desses atores, incluindo instituições, *media* e público, de diversas correntes de pensamento. Posteriormente, foi preciso começar com os guiões das entrevistas, para tentar delimitar as conversas e direcioná-las para o objetivo da investigação. Uma vez no terreno, foi necessário atualizar as perguntas ou articulá-las de acordo com a conversa. As indicações dos próprios entrevistados foram muito importantes para chegar a outros, não identificados inicialmente.

Apresentar-me como argentino e como atual residente em Lisboa influenciou as entrevistas de alguma maneira, já que, em alguns casos, os entrevistados referiram essas características para comparar situações ou falar de temas específicos como a conquista, o passado imperial de Espanha ou a crise.

O objeto de estudo, a imagem como criadora de discurso e de relações sociais, requereu o aprofundamento através de bibliografia específica relacionada tanto com as ciencias sociais quanto com a imagem. O propósito de fazer antropologia a partir dessas imagens permitiu relacionar a produção visual do independentismo com os conceitos específicos estudados. O estudo da imagem, assim como do audiovisual antropológico referido pelo professor Humberto Martins, pressupõe a procura de conhecimento de coisas diferentes relativamente a produtos textuais: “as imagens podem trazer novas possibilidades e oportunidades aos antropólogos nos seus processos de conhecimento” (MARTINS 2013: 407/8).

Segundo Marcus Banks, as imagens apresentam-se como objetos passíveis de agencialidade (BANKS 2010: 31), tal como as pessoas. Alguns estudiosos, como W. J. Thomas Mitchell, contribuem com teorias a partir da ideia de que os ditos objetos

possuem realmente agencialidade, como no livro *“What Do Pictures Want?”* (1996): “estou consciente de que esta é uma pergunta estranha (...) que implica uma subjetivação das imagens, uma duvidosa personificação de objetos inanimados que flerta com uma atitude retrógrada e supersticiosa para as imagens” (MITCHELL 2014: 28/9, tradução minha) e outros, como Alfred Gell que reconhece uma deslocação da agencialidade das pessoas para os objetos, uma “agência secundária” tomada pelo artefacto quando este é envolvido na trama das relações sociais (GELL 1998: 17).

Os meios de comunicação em massa e digitais apresentam-se como fontes imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho, já que, segundo a apresentação de Fernando Rosas no coloquio Internacional *Memória, Cultura e Devir*, o diálogo entre a abordagem crítica da academia e o *mainstream* da espectacularização dos *media* se mantém constantemente na sociedade, influenciando-se mutuamente²⁵.

Foi, e continua a ser, essencial a leitura de jornais e a análise da exposição mediática em geral do movimento, já que a produção e interpretação dos mesmos dados são o ponto principal do estudo. O foco principal do projeto foi mantido nas características estéticas do novo processo até ao dia das eleições denominadas plebiscitárias, que poderiam ter produzido o crescimento no apoio ao independentismo, de 15% da população para 48% (CARDÚS CARDELLACH, *VilaWeb*, 28/01/16) (resultado das eleições do dia 27/09/2015). Ao mesmo tempo, e de maneira excecional, foi necessário incorporar algumas informações de acontecimentos sucedidos posteriormente, relevantes para o objetivo do trabalho. Determinar uma data limite foi essencial para analisar um movimento que ainda não atingiu os seus objetivos e continua a produzir informação até ao momento presente.

Segundo Calavia Sáez, o método é um alterador da teoria, um recurso que obriga a teoria a apoiar-se na realidade do campo de estudo (CALAVIA SÁEZ 2013: 52). Desta maneira, regerá a atenção sobre o trabalho de campo, permitindo-me a utilização dos textos estudados e a aproximação à realidade, para ir atingindo os objetivos. Estou confiante que a triangulação entre o observado no campo, a teoria

²⁵ Conferência plenária de Fernando Rosas no âmbito do “Colóquio Internacional: *Memória, Cultura e Devir. Teoria e caminhos para as ciências sociais*”, decorrida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova no dia 1 de junho de 2016.

estudada e as deduções obtidas fruto da experiência prévia, “conduza a minha pesquisa através de pistas pertinentes, com metas de importância efetiva” (MALINOVSKI 1997: 26, tradução minha), e que tenham como resultado uma tese de proveito futuro.

Capítulo II. O fim e o princípio

Para um melhor entendimento da situação do catalanismo e da sua evolução, é essencial uma aproximação a alguns dos eventos mais representativos da história de Espanha e da Catalunha. Neles se encontrarão algumas possíveis pistas sobre as causas e consequências do ultimo movimento independentista. Os elementos ocorridos ao longo do tempo, e considerados nesta investigação, *“no pueden tomarse aisladamente y recombinarse al placer como en un juego estructuralista; sólo la historia puede cambiarlos (...)”* (LLOBERA 1996: 13).

“Retrocediendo en el tiempo, tenemos más posibilidades de percibir de qué forma los problemas planteados continuamente a una sociedad dependen de la solución (o de la no-solución) de los problemas planteados a la sociedad anterior, así como de la aparición (o de la no-aparición) de verdaderas novedades, que no siempre son las más destacadas” (VILAR 2011: 18).

II. 1. 1714, fim do “Estado” catalão

O dia 11 de setembro de 1714 representa para os catalães o fim das liberdades e a dissolução das instituições nas mãos das tropas borbónicas, no final da Guerra da Sucessão Espanhola. Essa guerra foi um conflito bélico internacional que teve como resultado o fim do modelo “composto” (ALBAREDA SALVADÓ 2010: 37) da Monarquia Hispânica dos Habsburgo espanhóis com a desapareição da Coroa de Aragão.

A Guerra da Sucessão foi desencadeada pela morte de Carlos II de Espanha, cuja falta de descendência provocou um conflito internacional, no qual as potências europeias disputaram o controle do comércio colonial e a hegemonia continental. Existiam dois pretendentes com direitos à coroa, Luís XIV e Leopoldo I, que, por terem um parentesco próximo a Carlos II, podiam aspirar ao trono.

Ao declarar formalmente o direito de sucessão de Filipe V, Luís XIV quebrava então os acordos do “tratado de reparto”; também existiria a possibilidade de uma eventual união entre Espanha e França, que violava o testamento de Carlos II e

ameaçava o equilíbrio europeu. O imperador Leopoldo, que também alegava direitos à sucessão espanhola, negou-se ao reconhecimento do novo rei, mas Inglaterra e Holanda aceitaram-no. O rei de Portugal firmou um tratado de aliança, tal como o duque de Saboia, que também concedeu ao rei a sua filha em matrimónio.

Em 1701, embora a Holanda tivesse reconhecido Filipe V, este fazia preparativos, juntava tropas e concentrava-as na fronteira com os Países Baixos. A essas forças iam juntar-se as do rei de Inglaterra. No dia 7 de setembro desse mesmo ano, estipulou-se, entre o imperador, o rei de Inglaterra e os Estados Gerais da Holanda, o *Tratado de Haia*, que deu origem à *Gran Alianza*. Porém, essas potências não declararam guerra ao rei da França até 15 de maio de 1702. Embora o Principado da Catalunha, dentro da Coroa de Aragão, tenha aceite Filipe V como rei “com mostras de entusiasmo” (LA LLAVE 1903: 54), rapidamente mudaram de parecer, por causa de diversos conflitos.

Entre as razões do levantamento catalão destacam-se, em primeiro lugar, a violação reiterada das Constituições por parte dos ministros reais, a expulsão do comerciante holandês Arnol de Jager da Catalunha (as Províncias Unidas eram parte da grande aliança antiborbónica) e o “governo despótico e repressivo” do vice-rei Velasco. Um segundo fator foi o apoio dos ingleses, holandeses e imperiais graças ao Pacto de Génova (ALVAREDA SALVADÓ 2010: 165/6).

Outros incidentes que alimentavam a fobia relativamente aos franceses foram as guerras contra estes na segunda metade do século XVII. As constantes ocupações do território catalão pelas suas tropas provocaram graves prejuízos económicos que originaram a irrupção de produtos franceses (idem 167). Dessa época foi a *Guerra dels Segadors*, revolta social produzida por camponeses e ceifeiros, sublevados contra os abusos do exército real na chamada *Guerra dos Trinta Anos*. A paz, que pôs fim à mencionada guerra, foi assinada mediante o Tratado dos Pirenéus, assinado entre Espanha e França, e teve como efeito a transferência do território catalão para França. Sobre esta nova fronteira, e o seu impacto na região a respeito da identidade, Peter Sahlins escreveu o livro *“Fronteres i identitats: la formació d’Espanya i França a la Cerdanya, s.XVII-XIX”* (1993).

Josep Fontana lembra que na Guerra da Sucessão existiram catalães em ambos os lados, embora uma minoria optasse por Filipe V. Da mesma maneira, a escolha pelo bando austracista respondia a abordagens e interesses diferentes, mas sublinha que alguns dos motivos foram apoiados pela classe dominante da sociedade catalã. Esses grupos dominantes tinham uma composição social diversa, mas o papel mais dinâmico era assumido por uma burguesia comercial já consciente disso em meados do século XVII. Fontana salienta a relação entre o que definia Pierre Vilar como: *“el renaixement econòmic iniciat al Principat, la nova florida d’iniciatives, les aspiracions al comerç lliure i al comerç colonial”* e as atitudes políticas que levariam à Guerra da Sucessão (FONTANA 2004: 11/2). A burguesia esperava que as atitudes políticas austracistas beneficiassem diretamente as condições sociais e económicas do modelo agrário catalão.

A Guerra durou 12 anos, começou em 1701 e acabou com o Tratado de Utrecht em 1713. Um dos eventos que puseram fim à Guerra foi a queda de Barcelona após um cerco de 12 meses. O ataque final acontecerá na madrugada de 11 de setembro: Rafael Casanova, o *conseller en cap*²⁶ da cidade, ergue a bandeira de Santa Eulália, talismã de proteção de Barcelona, e cai ferido. Às duas da tarde o comandante Villaroel também cai e decide capitular. Barcelona resistiu sessenta e um dias com a muralha aberta. No dia 13 de setembro de 1714 as tropas borbónicas tomaram Barcelona.

No dia 16 de janeiro de 1716 Filipe V promulga o *Decreto de Nueva Planta*, na Catalunha. Esse decreto proíbe o uso da língua catalã (KAGAY 1994: 50), e supõe a abolição das leis e instituições próprias do Principado da Catalunha. Como resultado, o Estado catalão deixava de existir, convertendo-se assim, tal como outros reinados da Coroa de Aragão, em províncias da monarquia (DEDIEU 2000: 130).

Em diversos livros de história ressaltam-se as palavras de Berwick, que, perante o pedido de capitulação, responde: *“ya habíamos entrado en la ciudad y podíamos si queríamos pasarlos todos a cuchillo”*. Albareda Salvadó transcreve uma descrição de um filipista no momento de ingresso das tropas borbónicas na cidade: *“(…) salió una*

²⁶ Conselheiro em chefe, cargo histórico correspondente à instituição medieval de Barcelona chamada *Consell de Cent*.

voz que decía en tono imperioso: Mata y quema. Soltó el ímpetu del ira el ejército, manaron las calles sangre (...)” (ALBAREDA SALVADÓ 2010: 383).

Segundo Alvareda Salvadó, o desenlace da guerra trouxe a Espanha o “triunfo de um rei em linha dinástica”, que para conservar o trono cedeu em concessões territoriais e perdeu no controle comercial dos domínios americanos, a “conclusão política da decadência espanhola” (*idem*, 2010:484-485). Filipe V não conseguiu manter a estrutura constitucional herdada dos Áustria de acordo com o testamento do Carlos II sobre a conservação da monarquia em toda a sua integridade.

Outro ponto relevante para o estudo da situação atual é a repressão imposta aos perdedores, os austracistas, que sofreram a imposição de uma “Espanha vertical”, especialmente nos territórios da Coroa de Aragão e sobretudo aos catalães, em relação aos quais Filipe V teria tido um caso de neurose obsessiva (OBIOLS, *El País*, 15/04/02) que não atendia aos pedidos de prudência de Luís XIV. A destruição da maneira de governar do tempo dos Áustria “baseada num genérico amor paternal do rei para com os seus vassalos” foi um mau começo para o “embrionário Estado-nação” Espanhol (*idem* 485).

Após a derrota de 1714, tudo continuou a funcionar, no caso dos catalães, segundo John Lynch: as dificuldades do pós-guerra superaram-se gradualmente, os catalães continuaram a produzir, a vender e comprar, o seu sentido de identidade prosseguiu intato e a língua sobreviveu, não sendo oficial, mas popular. “*La derrota de 1714 no constituyó una catástrofe. (...) La Guerra de Sucesión obligó a los catalanes a hacer una pausa más que a detenerse totalmente*” (LYNCH 2005: 327-328). Depois desse período de grande tensão e crise, dá-se um período de calma ou rigidez momentânea das estruturas sociais, tornando essa lembrança coletiva em “mito” (HALBWACHS 1990: 14).

Um dos melhores testemunhos que se conservam sobre a Guerra da Sucessão pertence ao austracista Francesc de Castelví, protagonista do assédio a Barcelona em 1714. Vai fazer parte da Junta de Braços de 1713, onde se decide a resistência a Filipe

V, e também vai lutar com grau de capitão à *Coronela de Barcelona*²⁷. Em 1718, em pleno conflito entre Espanha e França, foi acusado de dar apoio ao movimento contra Filipe V e posteriormente apreendido. Em 1726 decide emigrar para Viena, onde estavam exiliados muitos dos principais austracistas. Uma vez lá, receberá um subsídio do imperador (Carlos III) e começará o seu trabalho de historiador. A sua obra *“Narraciones Históricas”* constitui um “testemunho direto e bem documentado sobre os eventos da Guerra da Sucessão” (ALVAREDA SALVADÓ 2004: 113/115).

Filipe V proibiu a publicação de qualquer livro que aludisse à Guerra. O historiador Agustí Alcoberro liga a dita proibição ao seu interesse em gerar uma amnésia coletiva. *“Isso que fazemos comemorando o 11 de setembro (...) é uma prova mais de que a guerra mais importante, a guerra da memória, ganhámo-la nós”* (TV3, *ccma.cat*, 11/09/14, tradução minha), o trabalho de Castelví possibilita o exercício da memória, já que “não há saque mais importante para um conquistador de um povo que conquistar a língua e a memória” (idem, tradução minha).

Num dos textos do seu trabalho, Castelví vai analisar o caráter plurinacional de Espanha. Defende um sentido geográfico de Espanha, ao mesmo tempo que insiste num conceito de entidade política diferente da Coroa de Aragão, e de unidade linguística entre Catalunha e Valência (idem 113). Esses rasgos diferenciadores e singulares poderiam existir ainda hoje, como uma ideia nacional que, segundo Josep Llobera, estaria definida por uma “herança medieval”, a partir de um conjunto de elementos culturais e políticos combinados ao longo do milénio.

Embora o sentimento de nação possa ter ficado latente por um tempo, também pode vir a ser reanimado, através de recursos culturais e políticos. Segundo Llobera, a consolidação da monarquia absoluta dos séculos XVI e XVII ofuscou as forças nacionais emergentes no final da Idade Média (LLOBERA 1996: 19/20). A linguagem, em conjunto com outros elementos como as fronteiras territoriais, os mitos de descendência legitimadores, entre outros, são para Llobera indicadores históricos da categoria de nação, de um sentido de “consciência nacional” (idem 20/21). Se a

²⁷ Força armada não profissional que defendia Barcelona. Este corpo militar liderou a defesa radical e popular da cidade durante o cerco de 1713/1714 depois do abandono das tropas aliadas.

identidade nacional conseguiu consolidar-se, as possibilidades de sobreviver são boas, mesmo perdendo a autonomia ao incorpora-se num estado diferente.

O conceito desenvolvido por Barbara Kirshenblatt-Gimblett (KIRSHENBLATT-GIMBLETT 1998) sobre os processos de patrimonialização em relação a objetos e museus poderia ajudar-nos a esclarecer a ideia de nação defendida por Josep Llobera. O antropólogo catalão refere-se à ideia de nação como uma prática exercida de maneira “natural” na vida social e cultural das comunidades, definindo-se assim a “primeira vida” do termo. A “segunda vida” do nacionalismo traria a ideia de acaso, surgido em oposição aos grandes sistemas culturais que o procederam: a comunidade religiosa e o reino dinástico (ANDERSON 1993: 30). Outra das características do nacionalismo nessa nova fase relaciona-se com os discursos políticos, numa ligação complexa e inevitável com os imaginários coletivos (GONZÁLEZ CALLEJA 2005: 119) e as suas singularidades performativas.

II. 2. La Renaixença

No início do século XIX, os intelectuais tinham abandonado o uso do catalão como língua literária e científica, situação que teve origem na ocupação de Barcelona em 1714 pelas tropas de Filipe V e a disposição do decreto de “*Nueva Planta*” (GENERALITAT DE CATALUNYA, *EDU3.cat*, 1994). O castelhano é imposto sobre um catalão marginalizado. Fecha-se a *Universitat de Barcelona* e concessiona-se o monopólio de ensino ao município de Cervera, por ter apoiado Filipe V na sua causa (GELI, *El País*, 10/08/14).

A revolução industrial trouxe novas opções sociais a uma burguesia mais aberta, um novo clima intelectual crescia, ao mesmo tempo que se fortalecia na Europa um movimento romântico. A *Renaixença* foi o movimento catalão de ressurgimento acontecido na primeira metade do século XIX. Representa sobretudo a difusão progressiva da consciência duma cultura autónoma por meio da língua catalã,

e em geral, de tudo aquilo que compõe as particularidades catalãs²⁸ em relação a Espanha.

O surgimento de uma burguesia industrial e comercial, proveniente das comarcas da Catalunha, muito próximas da cultura popular, contrasta com a antiga nobreza barcelonense mais castelhanizada (UOC; LLLL, *Lletra.com*). Os românticos europeus manifestaram-se contra as tendências universalistas e uniformistas próprias do século XVIII. Sob a influencia deste movimento, os historiadores descobriram um passado glorioso da Catalunha e perderam os preconceitos sobre a cultura popular. Conhecer para trás, e viver e transformar para a frente, é um exercício de memória que liberta do apagamento intencional e permite uma reconstrução de mundo (GODINHO 2012: 21).

Victor Balaguer reúne as lendas populares catalãs e Manuel Milá i Fontanals as canções tradicionais, recuperando assim as bases da cultura catalã. Em meados do século XIX o movimento é uma visível redirecção da cultura catalã, que vai produzir uma manifestação ideológica que estará presente nos órgãos de difusão, sendo sustentado por algumas instituições como a *Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*, a *Universitat de Barcelona* (que voltará à cidade em 1821) e alguns setores da igreja que Jaume Collell i Torras i Bages representa (MARCHI 2011: 35). Esses órgãos vão promover os instrumentos culturais mais urgentes, como as regras gramaticais e os dicionários, sobre a língua, e vão criar os seus próprios mitos políticos, sobre Jaime I ou Filipe V, e literários.

Os séculos XIX e XX foram marcados pela “invenção das tradições”, que Eric Hobsbawm definiu como um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que através da repetição, implicam uma continuidade em relação ao passado. Esses anos coincidiram com a criação dos estados-nação a nível mundial, que buscava legitimar o presente através do passado, a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal (HOBSBAWM; RANGER 1984: 9/21).

²⁸ O historiador Jaume Arell identifica neste período a aparição de muitos dos arquétipos que seriam repetidos uma e outra vez pela historiografia nacionalista catalã (AURELL 2002 :268).

A recuperação das tradições e o destaque de elementos singulares de representação nacional constituem o que Löfgren designa de *do-it-yourself kit*, no qual estes funcionam como “ingredientes” necessários para uma nação ser reconhecida como tal (LÖFGREN 1989: 9). Essas características, assumidas internamente e demonstradas para o exterior, serão essenciais para o movimento independentista.

A projeção popular da *Reinaxença* consegue-se, em parte, pela restauração dos *Jocs Florals*, mediante a qual as elites cidadãos querem projetar o otimismo do momento, elaborando assim estratégias de construção cultural que as legitimam e dignificam (MUSEU D’HISTÒRIA DE BARCELONA 2009: 8). Uma exposição realizada recentemente no *Museu d’Història de Barcelona* chamada “*Barcelona y los ‘Jocs Florals’, 1859. Modernización y Romanticismo*” busca mostrar o “*gran desvelo de Catalunya en 1854*” assinalando uma reação catalã ao processo de nacionalização espanhola, servindo os *Jocs* os objetivos de redefinição das práticas culturais, relacionando-as com os valores do historicismo romântico e com as novas representações urbanas (AYUNTAMENT DE BARCELONA, *Any Cerdà.org*).

Diversas personalidades catalãs serão reconhecidas e premiadas em distintas áreas artísticas nos *Jocs Florals*: Jacint Verdaguer pelos seus poemas épicos de lendas heroicas, Frederic Soler e Àngel Guimerà vão consolidar o teatro em catalão e Narcís Oller na novela escrita. No final do século XIX criam-se as bases da indústria editorial catalã, sobre as quais uma grande quantidade de autores de qualidade, surgidos dos *Jocs Florals*, produziram revistas (*La Renaixensa*, *Lo Gay Saber*, *El Calendari Català*, *La Il·lustració Catalana*), editoras (*La Protecció Literària*, *La Renaixensa*, *Il·lustració Catalana*), associações (*La Jove Catalunya*, *Associació Catalanista d’Excursions Científiques*, *Associació Catalana de Excursions*, *Centre Català*), entre outras, que foram instrumentos de importante difusão para a *Renaixença*.

No dia 26 de novembro de 1876 cria-se o *Centre Excursionista de Catalunya*, que impulsará o reconhecimento e a admiração pelo país através do civismo e do interesse pela natureza. O *Centre* vai encarregar-se de descobrir e inventariar o património histórico e popular. Com os efeitos da modernização e a expansão do turismo, os monumentos adquiriram valor para além das suas propriedades intrínsecas, chegando assim a abranger o meio ambiente. Através de convenções

internacionais, esses tipos de bens adquiriram a noção de “património natural” (HEINICH 2009: 18).

Nos finais do século XIX a *sardana* converte-se numa dança de moda no Empordà, no Roselló e na Selva, mas com conotações políticas, adotada pelos republicanos contra os carlistas. José Ventura vai modificá-la, e a sua popularidade será decisiva na sua expansão pela *Catalunya Vella*²⁹. No ano 1902, desde o *Ajuntament de Barcelona*, Francesc Cambó impulsiona as festas de *la Mercè* como a festa *major de Catalunya* e, assim, a *sardana* vai estender-se também pela *Catalunya Nova*³⁰. “El vínculo emocional y de identidad entre pueblo y sardana fue muy explícito en las épocas represivas de las dictaduras de Primo de Rivera y de Francisco Franco” (AYUNTAMIENTO DE BARCELONA, *Barcelona.cat*).

Os impulsionadores da *Renaixença* conseguiram que o catalão fosse reconhecido como idioma, que a Catalunha se reconhecesse como nação, e mesmo sem o suporte de um estado próprio, formarão a sua identidade face à Europa (GENERALITAT DE CATALUNYA, *EDU3.cat*, 1994).

II. 3. Golpe e revolução

No período transcorrido entre a implementação da ditadura de Miguel Primo de Rivera e a de Francisco Franco, podem ser sublinhados diversos eventos de importância conceptual e estética, que influenciaram o movimento independentista da atualidade. Personalidades como Francesc Macià ou Lluís Companys serão fulcrais nos processos soberanistas seguintes.

Ditadura de Primo de Rivera

No dia 13 de setembro de 1923 o Capitão Geral da Catalunha, Miguel Primo de Rivera, faz um golpe de estado, quase sem oposição e com o apoio da burguesia,

²⁹ Faz referência aos territórios que pertenciam à Marca Hispánica. Parte da Catalunha entre a serra de l'Albera, a Norte, o maciço de Garraf, a Sul, e Montserrat e as serras que separam a bacia do Llobregat das de l'Anoia e do Segre e, a Oeste, o rio Llobregat.

³⁰ Parte do Principado da Catalunha situado a Oeste e Sul da bacia do Llobregat.

especialmente a catalã. Essa burguesia gostava da ordem e estava preocupada com a violência sindical e o “*pistoleirismo*”³¹ que reinava nesse momento. Porém, também estava ciente da necessidade económica de uma descentralização do Estado (NARVÁEZ FERRI 2005: 691).

A Catalunha, ao contrário de Valência e do País Basco, tinha desenvolvido uma radicalização e maturação política, alcançada antes da implementação da ditadura, intensificada a partir do fracasso do *Estatut d’Autonomia* promulgado pela *Mancomunitat* em 1919. Em 1922, a partir dessa situação, vai distanciar-se da *Lliga Regionalista*, *Acció Catalana*, com uma atitude mais nacionalista, liberal e democrática.

A situação também tinha feito crescer o movimento independentista: em 1922, Francesc Macià funda o *Estat Català*, e em 1923 a *Unió Socialista* procura catalanizar o socialismo na Catalunha. A *Lliga*, que temia perder o controle eleitoral, apoiará o golpe, colocando a ordem social acima das questões nacionalistas (idem 692).

Alfonso XIII apoia Primo de Rivera, e Espanha deixa de ser uma monarquia constitucional, convertendo-se numa ditadura. Suspendem-se as garantias constitucionais, dissolvem-se as cortes, ilegalizam-se os partidos políticos, e censura-se a imprensa (ÁLVAREZ, *YouTube*, 24/12/11). O governo das províncias fica nas mãos dos militares, e a lei e ordem nas dos *somatens*, milícia armada de voluntários de origem catalã, que se vão estender por toda a Espanha. Primo de Rivera forma um partido próprio, destinado a aumentar a base social da ditadura.

Começa o plano de obras públicas, de construção de estradas e de vias férreas, desenvolve-se uma política hidráulica, a eletricidade chega pouco a pouco a toda Espanha. “(...) *el régimen había podido aprovecharse de una prosperidad mundial excepcional y atribuirse los méritos de la misma*” (VILAR 1978: 37). Primo de Rivera comemora os 5 anos da ditadura em Barcelona, procurando recuperar o apoio da burguesia catalã, sumido pelas suas políticas centralistas.

A reação à dissolução da *Mancomunitat* e a proibição do catalão nos atos oficiais substituiu o nacionalismo moderado por outro mais radical, o de Francesc

³¹ Contratação de agressores/intimidadores por parte da entidade patronal, para fazer frente aos sindicatos de trabalhadores, que vão responder da mesma maneira.

Macià. Em 1925, Macià vai dirigir, a partir do seu exílio em França, o que será conhecido posteriormente como os “*Fets de Prats de Molló*”, uma tentativa de complot contra o regime, tendo em vista a independência da Catalunha. Os conspirados serão traídos pelo coronel Garibaldi e descobertos pela polícia francesa. O acontecimento foi recebido com admiração tanto por uma grande parte do povo catalão, como no estrangeiro, como uma demonstração de força emocional e esperança na mudança face ao regime.

Macià obtém uma grande popularidade e o evento transforma-se em mais uma denuncia da situação ditatorial que se vivia na Espanha. Outros elementos do fracasso da ditadura vão ser a falta de efetividade e consistência do seu partido único, “*La Unión Patriótica*”, e as suas atuações económicas que não solucionarão os problemas estruturais, mas apenas endividarão o país, fomentando a corrupção e especulação tanto pública, quanto privada (NARVÁEZ FERRI 2005: 795-6).

Primo de Rivera tentará institucionalizar a ditadura por meio de uma nova constituição de carácter autoritário e corporativo. O seu fracasso político será aproveitado pela oposição. O ditador demite-se, Alfonso XIII designa Dámaso Berenguer para restabelecer a normalidade constitucional depois da ditadura, conhecida como “*dictablanda*”. Em agosto, reúnem-se em San Sebastian/Donostia representantes das forças antimonárquicas, e republicanos, socialistas e regionalistas assinam um pacto no qual se comprometem a derrubar a monarquia³². Os intelectuais espanhóis defendem a posição. Realizam-se levantamentos, o governo convoca eleições, mas os partidos políticos negam-se a participar, e Berenguer demite-se. O rei designa Juan Bautista Aznar, que convoca eleições para 12 de abril, transformadas pelas campanhas dos republicanos em plebiscito contra a monarquia.

Em Barcelona triunfa *Esquerra Republicana*, Lluís Companys e Francesc Macià proclamam a *República Catalana* desde o *Ajuntament*. Em Madrid, Niceto Alcalá-Zamora proclama oficialmente a Segunda República Espanhola. O Presidente do

³² Segundo Alcalá Zamora, representante do partido progressista, a finalidade da conferência era dupla: por um lado derrubar a monarquia e, por outro, tratar do problema catalão, resolvido “mediante a apresentação às *Cortes Constituyentes* de um estatuto redigido livremente pela Catalunha para regular a sua vida regional e as suas relações com o Estado Espanhol”, oferecido também a todas as regiões de Espanha (GARCÍA ALIX 1998: 481).

Governo Provisório envia à Catalunha três representantes, para convencer Macià a renunciar à *República Catalana* em troca de poder autonómico. A favor da concórdia, este restabelece o nome histórico *Generalitat de Catalunya* e compromete-se com o governo da República Espanhola a aprovar um estatuto de autonomia, integrado numa nova Constituição republicana (NARVÁEZ FERRI 2005: 828).

Catalunha na II República espanhola

“A ditadura tinha governado sem transformar. A República quis transformar e governou dificilmente” (VILAR 1978: 38).

Uma vez constituído o primeiro *Parlament de Catalunya*, Macià é escolhido *President de la Generalitat* no dia 14 de dezembro de 1932. Começam os conflitos dentro do partido governante, aumenta a sensação de instabilidade na Catalunha como consequência das tensões que existem na República Espanhola. A partir das eleições de 1933, a direita (CEDA) alcançará o poder, atuando contra os princípios republicanos e democráticos, e fazendo reformas contra o domínio da igreja, dos proprietários das terras e de uma parte do exercito de Espanha (NARVÁEZ FERRI 2005: 843).

No dia 25 de dezembro de 1933 morre Macià. No dia 31 Lluís Companys é eleito como *President de la Generalitat*. Na Catalunha começa também a luta entre esquerdas e direitas. Em 1934 percebe-se a instabilidade, e o posicionamento da esquerda radicaliza-se, em resposta à autoridade e à falta de espírito democrático imposto pelo governo da República. Frente à mudança de orientação da República, alguns viram as autonomias em perigo. As relações com as nacionalidades históricas, Galiza e Pais Basco intensificaram-se, politica e culturalmente.

Macià era uma figura popular e de consenso que mantinha uma liderança que ninguém mais tinha naquele momento. O seu desaparecimento propiciará a perda da unanimidade nas relações políticas catalãs. A *Lliga* vai gerar conflitos entre o governo da *Generalitat* e o Estado, por causa da lei sobre a terra, que protegia os camponeses. O Estado colocará em questão a Autonomia Catalã, o que levará a que a *Lliga* seja assinalada como anticatalã, por antepor os seus próprios interesses, e permitir a intromissão do Estado na autonomia catalã (NARVÁEZ FERRI 843-4/849).

No dia 6 de outubro de 1934 o *President de la Generalitat*, Lluís Companys, confiando no êxito do movimento revolucionário no resto do Estado, proclama o *Estat Català* dentro da República Federal Espanhola. Segundo Narváez Ferri, a declaração de Companys não era separatista, mas buscava reafirmar os princípios republicanos e democráticos perdidos com o partido semifascista CEDA (idem 850).

O capitão general da Catalunha desobedece a Companys e declara o Estado de Guerra, contra os militantes da *Aliança Obrera* e independentistas. Companys rende-se no dia 7, o governo de Espanha suspende o *Parlament de Catalunya* e começa a repressão. Também fracassa a revolução no resto de Espanha. Nas Astúrias o movimento vai caracterizar-se pela unidade revolucionária e o armamento dos operários (VILAR 1978: 42). A partir de Madrid, Francisco Franco comandará o exército de África contra os sublevados, que se renderam no dia 20.

Os “*Fets d’Outubre*” tiveram uma forte repercussão na vida social e cultural da Catalunha, e a *Lliga* perde credibilidade, devido à atitude de colaboração a um governo que reprime indiscriminadamente a Catalunha. Os cargos de *President de la Generalitat* e de Alcalde de Barcelona são ocupados temporariamente por militares. A direita e a esquerda radicalizar-se-ão ainda mais. Azaña reagrupará as forças de centro esquerda, que se vão juntar aos comunistas.

Numa situação de crise, o governo convocará novas eleições para fevereiro de 1936. O *Front d’Esquerres* obterão 59% dos votos na Catalunha. Azaña, juntamente com os republicanos progressistas, vai presidir ao governo espanhol. O *Estatut*, o *Parlament* e o governo de Companys serão restituídos.

Devido ao incremento da violência e dos conflitos, aumentou o clima político de instabilidade, crescendo o apoio a uma revolução operária anarquista, e ao Partido Comunista. Também cresceu o Partido Falangista (GRANADA COLOR PRODUCTION, *YouTube*, 05/06/12), liderado por José Antonio Primo de Rivera, com a ideia de solução única, através da força e da preservação da ordem e da tradição, frente às reivindicações sociais e nacionalistas (NÚÑEZ SEIXAS 2007: 202).

Primo de Rivera apresentava a Falange como uma empresa coletiva de todos os espanhóis, que superasse as diferenças “produzidas pelas divisões engendradas pelos

separatismo locais, pela divisão engendrada entre os partidos e pela divisão engendrada pela luta de classes para assim voltar a ser grande, como nos bons tempos” (GRANADA COLOR PRODUCTION, *YouTube*, 05/06/12, tradução minha). A alusão aos “bons tempos” poderia relacionar-se com o poder imperial espanhol, tentando usar a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão (HOBSBAWM; RANGER 1983: 9/21).

Neste ambiente, germinava uma conspiração militar, apoiada pelas classes elevadas e pelos círculos religiosos e falangistas, que se encaminhava para o Golpe de Estado e início de Guerra Civil (NARVÁEZ FERRI 2005: 861).

II. 4. A Guerra e a pós-Guerra

A Guerra Civil Espanhola

Havia vários meses que os oficiais conspiravam; o chefe, Sanjurjo, militar exiliado pelo levantamento de 1932, aliado ao político Calvo-Sotelo, que professava uma “confiança nos militares, a aversão aos movimentos revolucionários, a criação de Cortes corporativistas e a instauração de uma monarquia autoritária” (PAYNE 1999: 132, tradução minha), pretendem lançar-se em março, mas esperam até julho, onde finalmente se aproveita o efeito moral da morte de Calvo-Sotelo (VILAR 1978: 44). Desde o lugar onde foram confinados pelo governo em 1931, Manuel Goded, nas Balears, e Francisco Franco, nas Canárias, incorporam-se nos pontos sensíveis, Barcelona e Marrocos, respetivamente, onde proclamaram o “estado de guerra”.

O alzamiento produz-se em África no dia 17 de julho e propaga-se na Península no dia 18. Os sublevados contavam com uma suposta debilidade do Governo da República, e com um pronunciamento eficiente nas principais capitais da Espanha. Mas a República e as suas principais capitais resistiram, e o levantamento transformou-se em Guerra Civil (NARVÁEZ FERRI 2005: 865).

O Governo apoia-se no povo, os combatentes populares estão enquadrados por partidos e sindicatos, e os “blocos regionais” defendem-se contra o pronunciamento, um efeito dos “nacionalismos” bascos e catalão (VILAR 1978: 45). A

divisão geográfica de que padeciam os militares favorecia ao governo. O primeiro objetivo das operações militares era unir. Franco substituiu Sanjurjo (morto num acidente de avião) como chefe de zona e, com apoio exterior, compra aviões de transporte para entrar na Península. Os republicanos perdem a sua primeira possibilidade de manter dividido o inimigo.

Desde o primeiro momento, os sublevados contaram com o apoio incondicional da Alemanha e de Itália, que preparavam uma campanha de expansão continental. Para evitar uma guerra entre os países da Europa, os estados democráticos acordam a não intervenção no conflito. Na Catalunha, os militantes dos sindicatos e dos partidos socialista e comunista ocupam as ruas e principais vias de comunicação do Principado. Assim, conseguem frustrar o levantamento, mas ao mesmo tempo desencadeiam um movimento revolucionário que supera o poder constituído. A confusão e violência surgida dos extremistas faz com que muitos que apoiavam a República mudem de lado (NARVÁEZ FERRI 2005: 866).

Em finais de outubro, Madrid estava cercada por três lados. Para os sublevados, ter Madrid representaria a vitória. No dia 6 de novembro, o governo abandona a capital, e a 9 realiza-se o ataque geral, que fracassa, porque os reforços chegam de todos lados. As brigadas internacionais trazem à defesa a experiência dos combates.

Em março de 1937 realiza-se o ataque à zona vasco-asturiana, com bombardeamentos em massa em Durango e Guernica. Em agosto, os italianos tomaram Santander, e as Astúrias caíram em outubro. Em março de 1938, uma grande ofensiva nacionalista tenta isolar a Catalunha e bloquear a saída para o mar. Em abril, a Catalunha é separada de Valência na zona do delta do Ebro.

Depois de uma forte batalha de desgaste, o exército republicano retrocede. No dia 26 de janeiro de 1939 cairá Barcelona. Quatrocentos mil refugiados atravessam para França. Só os comunistas apoiam o governo que volta para Valência. Em Madrid constitui-se contra eles uma junta para negociar a rendição. Franco ocupa Madrid a 28 de março, fim da guerra. Segundo Vilar, a vitória dos insurretos não teria sido possível sem ajuda estrangeira, com setenta mil “voluntários” pagos a meias entre Franco e Mussolini. Os aviões italianos tinham assegurado a passagem de Franco através do estreito e atuaram em diversas batalhas.

O único apoio dos republicanos foi russo, com envio de material rudimentar, mas abundante e sólido. Encontrou dificuldades com os intermediários e as distâncias. Os republicanos conseguiram recrutar voluntários e material, não comparável com a intervenção italo-alemã. *“La España de 1936, como la España de 1808, se convirtió en el centro de las pasiones y decepciones del mundo”* (VILAR 1978: 46).

Para Pierre Vilar, os acontecimentos respondem a uma “crise nacional e social” reconhecida pelos dois lados, invocando ao mesmo tempo a “defesa patriótica e a vontade revolucionária”. Vilar faz o exercício de comparar os dois nacionalismos; por um lado, de catalães e bascos, que segundo o autor fazem uso da palavra “nação” no sentido romântico, de “comunidade espontaneamente sentida”, em oposição ao “nacionalismo” do campo insurreto unitário e autoproclamado “expansivo”. A Falange e as JONS³³ vão receber do fascismo a mística da *Unidade*, e defender a *Unidade* de Espanha como um todo, contra os nacionalismos locais: *“Todo separatismo es un crimen que no perdonaremos”* (VILAR 1978: 48).

Ditadura de Francisco Franco

Depois da desaparecimento de Sanjurjo, Calvo-Sotelo, José Antonio Primo de Rivera (condenado à morte e executado nos primeiros meses da guerra) e Mola, Franco foi promovido à primeira posição, e soube manter-se nela. Deu responsabilidades aos jovens fascistas, tranquilizou a igreja, os tradicionalistas e os proprietários e preparou o domínio pelo exército. Em agosto de 1937, juntou o título de *“Caudillo”* ao de chefe de Estado (VILAR 1978: 47).

Nos primeiros anos da ditadura, entre 1939 e 1942, Franco encontrou-se com Mussolini e com Hitler. Num encontro hispano-português, assegura a ingleses e alemães a neutralidade ibérica. A Falange baseia a sua economia e legislação no modelo nazi. Sob pressão da diplomacia, suaviza-se o tom autoritário, e Espanha recebe apoio para a sua indústria. Entre 1944 e 1948, a opinião pública internacional obriga a ONU a condenar o regime de Franco. A França “fecha a fronteira”. É um período de graves dificuldades económicas. Em 1953, com o tratado de “ajuda militar”,

³³ *Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista*. Partido fascista surgido em outubro de 1931. No ano 1934 funde-se com a *Falange Española*, dando origem ao *Falange Española de la JONS*.

destinado a “fortalecer a base económica do programa de cooperação militar”, os Estados Unidos doam 126 milhões de dólares, o que representará o auge da política exterior do regime franquista.

A partir do *Plan de Estabilización* de 1958, melhora-se o índice de produção, e as cidades vão mudando o seu aspeto. Em Zaragoza, Burgos, Valladolid e Pamplona, os arrabaldes transformam-se em bairros satélites, Madrid vai converter-se em cidade industrial, Barcelona e Bilbao manterão o lugar de indústria nacional e vão formar aglomerações gigantes. O papel do capital estrangeiro será cada vez mais importante, estando relacionado com os interesses da oligarquia (idem 52).

Canales Serrano destaca a colaboração dos setores-chave da sociedade catalã, como a direita, a burguesia e a Igreja, com o regime franquista (CANALES SERRANO 2005: 260). O regime representava o controle de uma cidade industrial e operária, que era vista “como um perigo” por parte da classe dirigente (TATJER 2006). Já a partir de 1940, a ditadura de Franco vai acordar questões económicas com setores importantes da burguesia catalã (CARBONELL; BELLMUNT 2011: 36), “impregnada de ‘economicismo’” (QUINTA, *El País*, 04/05/76), e que renunciou à abordagem de temas políticos, em busca de solução para os problemas económicos.

Os anos seguintes foram acompanhados de uma forte inflação, uma intensa agitação social e um forte movimento universitário. Entre 1959 e 1960, o *Plan de Estabilización* retrai a saída da moeda, provocando uma estagnação económica. Em 1962 reaparecem as manifestações e greves (VILAR 1978: 50). A “*Ley Orgánica*” de 1966 mantém Franco como chefe de Estado. Em 1970, o príncipe Juan Carlos assume o papel de sucessor, designado por Franco.

O regime de Franco retomou o modelo de Estado autoritário e centralizado, reprimindo radicalmente os nacionalismos periféricos (THIESSE 2000: 233) e as ideologias e organizações democráticas operárias. São proibidas tanto as práticas políticas quanto os símbolos, como hinos, bandeiras, festas, monumentos, entre outros. O caráter unitário do Estado afirma-se no conjunto das Leis Fundamentais da Ditadura, que declaram “intangível” a “unidade entre os homens e as terras de Espanha” e “indivisível” a soberania da nação “sem que seja suscetível de delegação nem de cessão” (ESTEBAN DE VEGA / MORALES MOYA 2004: 15). Num dos artigos

publicados no *El Norte de Castilla* em 1936, Francisco Cossío referiu-se aos catalães como os novos muçulmanos e escreveu sobre a *nueva Reconquista*, “(...) *nuestra Granada, hoy, debe ser Barcelona, en donde hemos de extirpar a todos los traidores y salvar a los buenos españoles que hay allí, prisioneros del separatismo. La Generalidad será nuestra Santafé*” (NÚÑEZ SEIXAS 2006: 202).

O nacionalismo franquista tem as suas origens na visão de uma Espanha católico-tradicionalista e radicalmente unitarista, própria de grupos da direita autoritária anteriores à Guerra Civil. Juntamente com esses ideais, encontram-se os dos intelectuais da Falange que, muito influentes na primeira parte do regime, uniram o castelhanismo essencialista (Castela como desígnio nacional) e uma retórica imperial, que insistia “na ‘universalidade’ do espanhol e no conceito de ‘Hispanidad’, entendido como manifestação de um desígnio providencial de evangelização e tutela cultural de América.

Durante os anos 60, desenvolveu-se uma forte reaparição dos nacionalismos periféricos, radicalizados pela identificação do regime com a nacionalidade espanhola, as suas práticas centralistas, a sua agressão aos direitos linguísticos e à repressão. A ETA³⁴ surge em 1959. O ressurgimento do catalanismo, tanto cultural quanto político, através de uma unidade de ação encabeçada pela *Assemblea de Catalunya* de 1971, à volta de um programa de democracia e amnistia, procurava recuperar o *Estatut de Autonomia* de 1932 e o direito de autodeterminação (DE VEGA; MORALES MOYA 2004: 16).

Para Esteban de Vega e Morales Moya, esses nacionalismos revelaram a ineficiência do franquismo, tanto nas ações repressivas, como nos propósitos de renacionalização da sociedade espanhola (idem 17). O franquismo utilizou como discurso mobilizador os símbolos históricos do imaginário nacional dos espanhóis, destinados a promover adesões de áreas diferentes, incluindo as de quem se mostrava aberto a uma certa descentralização, mas isso provocou o seu desgaste e deslegitimação (NÚÑEZ SEIXAS 2006: 201). A luta contra o regime autoritário legitimou

³⁴ *Euskadi Ta Askatasuna*: País Basco e Liberdade.

os nacionalismos numa base democrática, que começou a ser aceite por uma parte importante da esquerda espanhola, juntamente com reivindicações políticas, históricas e linguístico-culturais.

II. 5. A *Transición* e a Constituição de 1978

A promulgação da Constituição espanhola do ano de 1978 significará para alguns historiadores a culminação da chamada *Transición* para a democracia. Segundo alguns estudiosos, a Transição começa com a morte de Francisco Franco, no dia 20 de novembro de 1975, em que se dá a transferência de poderes do “*Caudillo*” para o “rei”. Juan Carlos I vai ser coerente com as suas origens de poder, escolhendo um franquista para presidente: Arias Navarro, também conhecido como “el carnicero de Málaga” (VILAR 1978: 54). Face ao distanciamento em relação ao rei, este pede-lhe a renúncia, e substitui-o por Adolfo Suárez, que vai anunciar uma reforma política real, uma amnistia e novas eleições.

As eleições do dia 5 de junho de 1977 deram a vitória ao partido do chefe de governo, *Unión del Centro Democrático*, seguido desde muito próximo pelo jovem *Partido Socialista Obrero Español*. Na Catalunha, os comunistas do PSUC tiveram quase 20% dos votos, e os socialistas 30%, enquanto os velhos partidos catalães anteriores a 1936 não conseguiram o resultado previsto (VILAR 1978: 55). O historiador Vicens i Vives reparou numa trajetória contemporânea catalã, que funcionava de maneira oposta ao resto de Espanha de final de século; segundo este, “*allí donde la interpretación socioeconómica era de retrasos e insuficiências, la de Cataluña era de industria y transformación*” (SAZ; ARCHILÉS 2011: 260). A estrutura social da Catalunha demonstrava a sua progressão de camponesa para operária.

No dia 11 de setembro de 1977, em comemoração da *Diada*, realizou-se em Barcelona uma massiva manifestação, sob a consigna “*Llibertats, Amnistia, Estatut de Autonomia*”, que representou o impulso definitivo para a consecução das reivindicações catalãs (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2010: 196). A questão dos nacionalismos periféricos durante a transição obrigou o nacionalismo espanhol a empreender um trabalho de relegitimação complexo e ainda não acabado (ESTEBAN

DE VEGA; MORALES MOYA 2004: 17/8). O rei e o governo vão restabelecer a *Generalitat de Catalunya* de forma provisória. Tarradellas, de volta do exílio, será o sucessor de Macià e Companys na função de *President de Catalunya*. Segundo Esteban de Vega e Morales Moya, a construção do atual Estado Autônomico não vai começar com a Constituição de 1978, mas assenta antes as suas bases no momento do restabelecimento provisório da *Generalitat* pelo *Real Decreto de Ley* de 1977, que começará o processo, seguido pelas outras autonomias.

A Constituição de 1978 abrange a realidade autonómica que já havia começado. Tal como na II República, tenta definir uma via intermedia, entre um Estado centralizado e Federal, “*la Constitución se fundamenta en la indisoluble unidad de la Nación española, patria común e indivisible de todos los españoles*”, mas também que a Constituição “*reconoce y garantiza el derecho a la autonomía de las nacionalidades y regiones que la integran*”. Concebe uma relação entre “nação” e “nacionalidades” (idem 18).

Na Catalunha, a transição para a democracia concretizou-se com o restabelecimento da *Generalitat*, a aprovação do *Estatut de Autonomía* e a celebração das primeiras eleições no *Parlament de Catalunya* (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2010: 194). Em 1980 aconteceram as primeiras eleições autonómicas para o *Parlament de Catalunya*, constituído finalmente no dia 10 de abril, do qual Heribert Barrera, da ERC, seria o *President*. O governo da *Generalitat* surgido dessas eleições foi presidido por Jordi Pujol i Soley, e constituído no dia 8 de maio de 1980. Pujol manteve o cargo até 2003.

Segundo citam Esteban de Vega e Morales Moya, Espanha conseguiu um “Estado Federal com fatos diferenciais” dos quais surgiram vantagens consideráveis para os cidadãos e também, através da Transição, “o nacionalismo espanhol, reacionário, unitarista e autoritário, desapareceu como estado de opinião e como força política, pelo que resulta impensável qualquer retorno a formas centralizadas de organização do Estado muito arraigadas na trajetória histórica espanhola dos últimos séculos” (DE VEGA; MORALES MOYA 2004: 20, tradução minha), afirmações que questionaremos mais à frente.

Na atualidade, a Constituição foi convertida na insígnia da legitimidade única frente à rebelião catalã. Diversas fontes do *soberanismo* vão tentar lembrar que a “Constituição não vai ser um modelo de debate democrático entre iguais, mas o resultado de pactos difíceis entre diferentes, entre vencedores e vencidos” (MARTÍ, NacióDigital, 02/12/15).

O franquismo não se derrubou nem foi derrubado, e as forças democráticas tiveram que adaptar-se em 1977 para as primeiras eleições. Entre a morte de Franco e as eleições ficou um “*agujero negro*”, nas palavras de Morán, da democracia espanhola, a fragilidade do sistema da época exigia não falar “daquelas coisas”. Para não agravar a insegurança, admitiram que naquela luta política não houve nem vencedores nem vencidos, “para um futuro comum, um passado inexistente” (MORÁN 1992: 24). A experiência espanhola da Transição desvaloriza a Guerra Civil: “o milagre da Transição atira para o inferno dos malditos o que poderia ter de magnífico o fervor democrático e antifascista de julho de 1936” (idem 16). Como modelo, deixava obsoleta qualquer referência à Guerra Civil como primeira batalha europeia da democracia contra os fascismos.

Uma análise feita por Madalena Meyer Resende sobre os nacionalismos conservadores espanhóis da atualidade (entre os anos 90 e 2004), identifica as origens do PP (*Partido Popular*) no partido pós-franquista *Aliança Popular* (AP). Segundo a autora, o PP é o “herdeiro natural” na crença de uma “Espanha unida, grande e livre”, um conceito franquista não resolvido na construção da estrutura semifederal do Estado, nas negociações da Constituição de 1978 (MEYER RESENDE 2011: 749/50).

II. 6. *Estatut de Autonomia de 2006*

A reforma do *Estatut de Autonomia de 2006* representou um plano ambicioso do governo *Tripartit* (PSC, ERC e ICV) de reivindicação soberanista, que procurava aprofundar o autogoverno da Catalunha. Alguns dos pontos mais importantes desta reforma eram sobre a referência à Catalunha como “nação”, o reconhecimento das duas línguas como oficiais (castelhano e catalão), um novo sistema de financiamento, a laicidade no ensino, um Conselho de Justiça da Catalunha, entre outros. Esta reforma

foi aprovada no *Parlament* catalão em setembro de 2005. Porém, a aprovação pelas Cortes Espanholas só foi possível depois de muitas modificações, descritas pelo presidente da comissão em questão, Alfonso Guerra, como uma “*cepillada*”³⁵ (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 67). O PP decide apelar ao *Tribunal Constitucional* (TC) e apresentar o recurso de inconstitucionalidade contra o novo *Estatut de Autonomia*.

Em junho de 2010, depois de 4 anos, o Tribunal Constitucional decide contra a constitucionalidade da maior parte do texto (LÁZARO, *El País*, 28/06/10). Pronuncia-se a favor da unidade de Espanha, derroga a obrigatoriedade de conhecer o catalão, e possibilita mudar o sistema escolar catalão da imersão linguística.

Para Albertí Robira, a sentença do TC do dia 28 de junho de 2010 constitui “uma das decisões de maior relevo em matéria de organização territorial do Estado” (ALBERTÍ ROVIRA 2010: 11/2, tradução minha), que tem influenciado muito o desenvolvimento do estado autonómico em Espanha, por ter sido o primeiro controle constitucional de um estatuto de autonomia aprovado num referendo popular. Segundo ele, os recursos apresentados pelo PP e pelo *Defensor del Pueblo* para impugnar o *Estatut* não são fáceis de explicar em termos jurídicos, porque não impugnaram outros estatutos de conteúdos similares ou até idênticos. Outro ponto notável desenvolve-se em torno da constituição do TC, com magistrados de mandatos caducados ou mortos, não substituídos, dando pouca credibilidade e prestígio à decisão (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 67).

II. 7. *Diada Nacional de Catalunya*, sua evolução reivindicativa

A *Diada* foi declarada institucionalmente como festa nacional da Catalunha em 12 de junho de 1980, através de uma lei promulgada pelo recentemente reconstituído *Parlament de Catalunya*. Essa lei referir-se-á à recuperação das instituições de autogoverno e à valorização e exaltação dos símbolos, que representarão os complexos fatores históricos, sociais e culturais como raízes de realidade nacional.

³⁵ Expressão do presidente Guerra usa para se referir aos muitos cortes que sofreu o *Estatut*.

Entre estes símbolos destaca-se a existência de um dia de Festa. Embora lembre um dia de perda de liberdades, o 11 de setembro de 1714 também representa uma atitude de reivindicação e resistência contra a opressão e uma esperança de recuperação nacional (PUJOL, *Gencat.cat*, 12/06/80).

A invenção e utilização de sinais de associação a um país, como a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, as Armas Nacionais, e outros símbolos e acessórios, são cruciais para a proclamação da identidade e soberania. Contêm uma grande carga simbólica e emocional de importante reconhecimento universal (HOBBSAWM; RANGER 1984: 15). A produção e recuperação de imagens, apoiadas numa tradição, e baseadas num passado coletivo, irão dar origem a uma legitimação (BALANDIER 1980: 7).

A partir de 1996, em paralelo com a subida do PP ao poder e com o crescimento de um “novo” espanholismo, uma associação de grupos da sociedade civil catalã decidirá juntar-se com a finalidade de revitalizar a *Diada Nacional de Catalunya*. Nasce assim a *Comissió Onze de Setembre*, que impulsionará a partir do ano 2000 a *Festa de la Llibertat*. O governo socialista de Pasqual Maragall vai propor a todos os partidos políticos realizar uma oferenda de flores no monumento de Casanova, a cada 11 de setembro. Também incentivará um ato institucional na *Ciutadela*, transformado no ato central da *Diada*. A reivindicação nacionalista continuou a crescer nos governos de esquerda seguintes, que aproveitaram a reforma do *Estatut* para aprofundar o autogoverno catalão.

A nova reforma do *Estatut*, aprovada no *Parlament de Catalunya* em setembro de 2005, foi utilizada como estratégia de campanha por José María Aznar (PP) para demonstrar uma “suposta insolidariedade dos catalães” (MUSEU D’HISTÒRIA DE CATALUNYA 2014: 66/7), e tornar tensas as relações do resto do Estado com a Catalunha, arrecadando votos. A partir das alterações realizadas ao novo *Estatut* pela *Comisión Constitucional del Congreso*, e a posterior aprovação do recurso de inconstitucionalidade sobre o mesmo, apresentado pelo PP, a sociedade civil catalã reagiu e promoveu a manifestação de 11 de setembro de 2009. No dia 10 de julho de 2010, Òmnium convoca a manifestação sob o lema “*Som una nació. Nosaltres*

decidim". Nesta manifestação e nas seguintes foi perceptível uma mudança da opinião pública catalã, de autonomista para independentista.

No dia 12 de dezembro de 2013, o *president* Artur Mas propôs fazer a consulta para o dia 9 de novembro (9N) de 2014. Por falta de garantias legais, converte-se num processo de participação cidadã (NOGUER, *El País*, 14/10/14), e significou para muitas pessoas um ato explosivo, de rutura do *cordon sanitaire* (SCOTT 2000:43/4), ao tornar público um novo desejo de soberania catalã, que parecia adormecido. O 9N deu voz aos independentistas, que através de uma oposição aberta expressaram um desafio ao Estado. Poderá provocar respostas repressivas ou atos cada vez mais atrevidos.

Como comemoração dos 300 anos da perda das liberdades catalãs (1714 – 2014), juntaram-se à *Assamblea Nacional Catalana* (ANC) a *Òmnium Cultural*, e criaram uma campanha unitária chamada "*Ara és l'hora*", que tinha como propósito mobilizar voluntários e a população em geral para a "maior concentração democrática da história" e obter uma maioria de votos a favor da independência na consulta do 9N.

As massivas manifestações seguintes, em 2012, sob o lema "*Catalunya, nou Estat d'Europa*", em 2013 "*Via Catalana cap a la Independència*" e em 2014 "*Ara és l'hora*", vão apresentar ao mundo as aspirações independentistas e as vontades de soberania do povo catalão. No dia 14 de janeiro de 2015, Artur Mas anunciará as eleições antecipadas para o dia 27 de setembro do mesmo ano, cuja data é "simbólica e emblemática". Assim o sublinhou, na conferência que concedeu, depois de assinar o acordo com o líder da ERC e com as três entidades independentistas: ANC, *Òmnium Cultural* e AMI, já que nela se cumpriria um ano desde que fora assinado o decreto de convocatória do 9N. O início das campanhas eleitorais foi a 11 de setembro, na tradicional *Diada* da Catalunha, que "desde 2012 é o cenário principal das reivindicações soberanistas dessa comunidade" (MENÉNDEZ, *RTVE*, 14/01/15).

Os momentos e acontecimentos históricos sinalizados neste capítulo voltarão a ser lembrados e utilizados no atual processo independentista de diversas maneiras. O recurso à palavra será trocado substancialmente pela imagem, cuja função atual "*no se limita a representar la realidad sino que se convierten en realidad misma*" (ESPEJO, *El Cultural*, 11/12/15), uso que analisaremos no capítulo IV deste trabalho.

Capítulo III. Os atores do processo independentista

A partir de uma pesquisa prévia e do trabalho de campo realizado em Barcelona durante os meses de setembro e outubro, foram reconhecidos diversos atores no atual processo independentista. No seguinte capítulo distinguiram-se os dois principais partidos, algumas das instituições mais representativas e os *media* com uma participação mais claramente alinhada ao processo. Alguns deles foram criados com o único objetivo de alcançar a independência, em quanto outros existem desde muito tempo antes.

Ao mesmo tempo que surgiram esses novos grupos e alianças, os outros que já existiam, assumiram uma posição em relação ao movimento. Os novos grupos estão muito ativos neste novo processo, onde também pode identificar-se uma forte participação política da sociedade civil. As instituições compõem um discurso plural, “cada entidade é uma maneira de ver as coisas e, ao mesmo tempo, uma mensagem entre todos” (tradução minha) declara Liz Castro, participante da *Assemblea Nacional Catalana* (ANC).

Estes grupos, em diversos níveis certamente, poderiam identificar-se como os “compositores” de “independentismo” na sociedade catalã, que Berger e Luckmann referem no livro *“La construcción social de la realidad”*, como o grupo limitado de gente que se dedica a teorizar, a elaborar a *Weltanschauung*³⁶, que na sociedade todos finalmente vão ‘conhecer’; o que vai ser interpretado por alguns, e todos vão viver (BERGER / LUCKMANN 2003: 28).

Neste capítulo será importante identificar os atores para constatar (segundo o citado anteriormente) o que as pessoas “conhecem” como “realidade” e a sua relação para com essas entidades. Também, como esse “conhecimento” corresponde às memórias coletivas (HALBWACHS 1990), que essas entidades se encarregam de desenvolver, através da lembrança de diversos acontecimentos no passado (GODINHO 2012 :16), ou da construção ou adaptação, para serem mais “úteis”, neste novo caso.

³⁶ *Weltanschauung*: concepção íntegra ou apreensão do mundo de um ponto de vista específico.

III. 1. Os partidos políticos

Num panorama político com muita história, na Catalunha decidiu-se introduzir os representantes que, segundo foi percebido no trabalho de campo, mais se comprometeram com a responsabilidade do processo. Alguns partidos, como o *Partido Socialista Catalán* (PSC), o *Partido Popular* catalão, *Ciutadans* ou coligações como *Catalunya Sí que Es Pots*, alinharam maioritariamente o seu discurso como delegações dos partidos de âmbito estatal. No caso do *Catalunya Sí que Es Pot*, apoiado pelo *Podemos*, este defendeu o direito dos catalães a votar num referendo sobre a independência, mas não a independência abertamente, como a CUP ou *Junts pel Sí*.

A CUP é um partido surgido há poucos anos, como uma aliança de grupos mais radicais; *Junts pel Sí* é uma coligação de dois dos partidos com mais representatividade na Catalunha, *Convergència Democràtica de Catalunya* e *Esquerra Republicana de Catalunya*, juntamente com vários representantes da sociedade civil catalã. Essas duas listas advogaram transformar as eleições autonómicas tradicionais do dia 27 de setembro de 2015 em plebiscitárias, nas quais o partido mais votado levaria em frente o que fosse decidido pela sociedade, o “Sim” ou “Não” à independência.

CUP (*Candidatura d’Unitat Popular*)

A CUP é uma organização política de assembleias (VICENS, *Ara*, 18/11/15), de âmbito nacional, que se estende em torno dos *Països Catalans*³⁷. O objetivo da CUP é trabalhar para um país independente, socialista, ecologicamente sustentável, territorialmente equilibrado e desligado das formas de dominação patriarcal. Tem a intenção de ser um espaço de confluência de diversos movimentos cívicos e populares, na luta pela liberdade nacional e social dos *Països Catalans* (CANDIDATURA D’UNITAT POPULAR, *CUP.cat*).

Uma forte tradição municipalista contribuiu para que se mantivessem longe das grandes instituições até que, em 2012, decidiram entrar no *Parlament*. Além de exibirem uma estética provocadora, manifestada nas t-shirts reivindicativas e nos

³⁷ Os *Països Catalans* são o conjunto de territórios de língua e cultura catalã. Segundo a enciclopédia catalã, abrangem a: Catalunha, País Valenciano, Ilhas Baleares, Franja do Ponent, Catalunha Norte, Andorra e a cidade de Alghero, na Sardenia.

modos de falar, a CUP gaba-se de ter revolucionado, através das suas dinâmicas políticas e parlamentares, “a convivência entre a nossa dinâmica de trabalho, participativa e de assembleias choca frontalmente com a dinâmica política da instituição” (CUP 2015: 24, tradução minha).

No livro da CUP “Um Peu al Parlament de Catalunya” a deputada Anna Gabriel escreve: “*El Parlament és una institució formal, formalitzada i plena de formalismes*”. Para ela, a classe política concebeu a instituição de maneira que, mantendo desconhecida a sua função por parte da maioria da população, consiga manter “*el monopoli del coneixement de com es fan les coses*”. Como uma forma de lutar contra isso, a CUP define-se como um instrumento para “*conèixer la institució, demostrar que la impugnació a la totalitat del règim està més que justificada i argumentada, i esdevenir espai polític impermeable a la succió del sistema*” (CUP 2015: 21).

Desde a primeira conferência de imprensa no *Parlament* (SALLÉS, *NacióDigital*, 13/12/12), a CUP vai representar novas formas de discursar e fazer política. A utilização de objetos como “didática performativa” nos seus discursos, como a “bola de borracha” usada para “ilustrar” o procedimento da polícia especial catalã contra os manifestantes (Figura 1), a sandália exposta em tom ameaçador ao ex-presidente de *Bankia*, Rodrigo Rato (COCA, *El Mundo*, 13/10/14) (Figura 2), ou as notas falsas deitadas para o ar, por um dos seus regedores, no ajuntamento de Barcelona (SIERRA, *La Vanguardia*, 24/07/15) (Figura 3), em alusão à corrupção de alguns dos partidos, entre outros, repetir-se-ão ao longo dos atos desta formação política.

A CUP assumiu a postura mais radical do independentismo, que através do programa político (CUP, CUP.cat, 05/09/15), compreendia a *Declaració Unilateral d’Independència* (DIU), no caso de conseguir a maioria absoluta, e um processo constituinte, democrático e popular. As suas principais bandeiras são a independência, o anticapitalismo, antixenofobismo e o feminismo, que reivindicam a cada manifestação ou ato.

O partido forma parte da *L’Esquerra Independentista* (EI), um movimento político constituído por diversas organizações (*Arran*, O *Sindicat d’Estudiants dels Països Catalans*, a antirrepressiva *Alerta Solidària* e o sindicato COS) que pretendem representar os diferentes setores sociais da classe popular, e duas organizações

políticas que atuam dentro da CUP como duas correntes: *Endavant* e *Poble Lliure*. Outros setores da CUP são o partido trotskista *Em Lluita* e *Unitat Popular Catalana*, mais informal. Também o grupo de *Crida Constituent*, com *Lluita Internacionalista* e *Corrent Roig* aliados à CUP.

As diferenças entre essas partes que compõem a CUP foram observadas no momento da investidura de Artur Mas, que, depois de ter ganho na lista de *Junts pel Sí*, precisava do seu apoio por não ter a maioria absoluta de deputados no Parlament. Por unanimidade, os grupos que compõem a CUP decidiram que Mas não representava a base social independentista, pela sua vinculação aos cortes e a casos de corrupção relacionados com *Convergència Democràtica de Catalunya* (CDC) (VICENS, *Ara*, 15/11/15).

Mas com o decorrer do tempo e as negociações com *Junts pel Sí*, grupos internos da CUP favoráveis a investir Artur Mas, como *Poble Lliure*, começaram a fazer campanha com esse propósito, favorecendo o objetivo da independência, acima dos outros valores do partido (Figura 4), mais importantes para grupos como *Endavant*, *Arran* ou *Coordinadora Obrera Sindical* (TOMÁS, *El Temps*, 02/01/16) (Figura 5).

Existe uma maneira particular de ver o “personalismo” dentro da CUP. Houve debates internos sobre se os primeiros três deputados dentro do *Parlament*, David Fernández, Quim Arrufat e Isabel Vallet, não tinham protagonismo a mais no processo, acreditando-se que é melhor evitar “as estrelas” (BARNILS, *VilaWeb*, 08/11/15). É um partido antissistema que sempre lutou por manter uma distancia da maquinaria de poder e, provavelmente, o “único genuinamente dirigido desde as bases” (BUCK, *The Financial Times*, 10/11/15), segundo Lluís Orriols, professor da *Universidad Carlos III* de Madrid.

O seu comprometimento é claramente “ousado” quanto ao Governo espanhol, demonstrado no seu *Marc Polític* (CUP CRIDA CONSTITUENT, *perlaruptura.cat*, 07/10/15), apresentado para as eleições, e também no seu atual papel de radicalizar as ações do governo majoritário do *Junts pel Sí*, que eles identificam como “*pactuador*” e pouco convincente, nas suas atuações no sentido da soberania da Catalunha. As campanhas do partido foram muito claras quanto à diferenciação dos outros partidos e às bases às quais pertencem.

O posicionamento radical a favor da independência é acompanhado por uma postura contra o nacionalismo. Antonio Baños, cabeça de lista da CUP para o 27S, disse depreciar “quem faz das tradições catalãs o centro de discussão política” (TORREBLANCA, *El País*, 31/10/15). A independência da CUP é para romper com o modelo neoliberal, livre da economia de mercado da Comunidade Europeia e desvincular-se do Estado opressor espanhol, criar uma república catalã, de economia socialista e sociedade igualitária.

Junts pel Sí

Define-se no próprio site oficial como uma “candidatura da sociedade civil, com o apoio da *Convergència Democràtica de Catalunya* e da *Esquerra Republicana* para ganhar as eleições plesbicitarias do 27S (27 de setembro) e, dessa maneira, construir um novo país que melhore a vida das pessoas” (JUNTS PEL SÍ, *Junts pel Sí*, 2015). O discurso procura dar protagonismo à sociedade catalã, deixando para segundo lugar os partidos políticos, que finalmente governarão.

Artur Mas, presidente da *Convergència i Unió* (partido que depois do dia 18 de junho voltaria a dividir-se em *Convergència Democràtica de Catalunya* e *Unió Democràtica de Catalunya*, por diferenças ideológicas relativamente à independência) e Oriol Junqueras, presidente da *Esquerra Republicana de Catalunya*, assinaram no dia 18 de junho um acordo quanto à convocatória da consulta soberanista. O compromisso previa convocar o referendo para 2014.

Os dois líderes, Mas e Junqueras, reclamaram a formação de uma lista “o mais ampla possível”, razão pela qual Mas ofereceu às entidades independentistas a possibilidade de formarem uma “lista de país” que representasse a sociedade civil, na qual ele seria o presidente no caso de ser a mais votada. Essa lista foi composta por: Nº1 Raül Romeva, ex-deputado europeu, Nº2 Carme Forcadell, ex-presidenta da ANC, Nº3 Muriel Casals, ex-presidenta da *Òmnium Cultural*, Nº4 Artur Mas, anterior *President de la Generalitat* e presidente da CDC e Nº5 Oriol Junqueras, presidente da ERC.

Desde esse momento começaram a revelar-se as diferenças de posicionamento entre os dois partidos independentistas; David Fernández, da CUP, disse que votariam

contra a tomada de posse de Mas já que, mesmo que a prioridade seja a consulta soberanista, não poderiam aceitar as medidas de austeridade que teria que aceitar o *Govern*, que “aprofundarão na injustiça e nas desigualdades” (BARBETA, *La Vanguardia*, 19/12/12 tradução minha). A CUP foi convidada a formar parte da lista, mas não aceitou.

A candidatura apresentou-se publicamente no dia 20 de julho de 2015. Nesse ato de apresentação da candidatura, Raül Romeva indicou que a primeira ação a ser executada era a de promover uma “declaração solene” no *Parlament de Catalunya* para iniciar o processo de independência. O novo *Govern* também impulsionaria uma lei de transitoriedade para tornar possível a “desconexão” de Espanha. Romeva justificava assim as decisões soberanistas: “É estranho, mas em tempos extraordinários, devemos fazer coisas extraordinárias” (*La Vanguardia*, 20/07/15, tradução minha).

Existiram fortes tensões entre os dois partidos, o Junts pel Sí e a CUP, no momento da investidura de Artur Mas; a ERC pediu a Mas para dar “um passo ao lado” (EFE, *El Mundo*, 04/01/16), e a CUP propôs outras alternativas de governo, como um “governo coral”³⁸ (ACN BARCELONA, *El Periódico*, 01/10/15) que o transformaria em algo “menos presidencialista” e com diversos perfis de peso equivalente. Também propuseram para o cargo de presidente o primeiro da lista do *Junts pel Sí*, Raül Romeva (RICO, *El Periódico*, 04/01/16).

III. 2. As instituições independentistas

As instituições independentistas da sociedade civil tiveram um papel fundamental no novo processo independentista. Conseguiram organizar a cidadania em diversas ações que constituíram uma mensagem contundente da vontade geral, ao mesmo tempo que carregaram de conteúdo as performances soberanistas.

O aparecimento de novas entidades permitiu criar grupos de interação e também processos de debate, onde “o homem é capaz de produzir um mundo que

³⁸ Refere-se a um governo com mais do que um presidente.

depois há de experimentar-se como algo distinto de um produto humano” (BERGER/LUCKMANN 2003: 81), uma relação dialética à volta de um tema central: a independência.

Assemblea Nacional Catalana - ANC

A ANC é uma plataforma criada a partir da sociedade civil catalã com o objetivo de impulsionar a independência da Catalunha. Surgiu a partir de uma série de consultas sobre a independência, tendo sido constituída no dia 10 de março de 2012 num ato no Palau Sant Jordi.

Segundo a denominação dos *estatuts* da associação, constituiu-se a *Assemblea Nacional Catalana* por tempo indefinido e com as seguintes finalidades claramente independentistas: 1) Promover as condições políticas e sociais para a constituição de um Estado Catalão próprio, independente, de direito, social e democrático; 2) Juntar todas as pessoas e grupos que trabalhem com objetivos afins à ANC; 3) Facilitar, potenciar e receber todo o tipo de iniciativas democráticas para conseguir os objetivos nomeados anteriormente. A ANC não tem fins lucrativos, manter-se-á totalmente independente de qualquer partido político e não se apresentará a eleições (ANC, *Assemblea.cat*, 10/03/12).

Liz Castro, autora do livro *“What’s up with Catalonia? The causes which impel them to the separation”*³⁹ e sócia da ANC desde 2011, lembra a criação da associação a partir das primeiras consultas independentistas de 2009. Essas consultas foram um conjunto de votações sucessivas, extraoficiais e juridicamente não vinculativas, decorridas entre 2009 e 2011, convocadas em 549 vilas e cidades catalãs, e em 7 países estrangeiros que consistiam na pergunta: *“Esteu d’acord que la Nació catalana esdevingui un estat de dret, independent, democràtic i social, integrat a la Unió Europea?”*⁴⁰.

³⁹ Livro escrito primeiramente em inglês com a finalidade de contar para fora da Catalunha os motivos da independência. O livro é um compêndio de ensaios escritos por especialistas em diversas áreas como a história, política, economia, língua e cultura da Catalunha, com o prólogo de Artur Mas, seu anterior Presidente. O livro também foi impresso em espanhol.

⁴⁰ “Concorda que a nação catalã seja um estado de direito, independente, democrático e social, integrado na Comunidade Europeia?”.

A primeira consulta foi realizada em Arenys de Munt no dia 13 de setembro de 2009, com uma participação de 41% da população (2671 vizinhos dos quais 96% votou a favor da independência). Este número contrastava com uma sondagem feita pela *Generalitat de Catalunya* uns meses antes, que apontava para um apoio ao independentismo de apenas 19% (ELPAÍS.COM/EFE, *EL País*, 13/09/09). A consulta de Arenys de Munt foi o despoletar de um processo que abarcou muitas outras consultas noutros lugares da Catalunha. Tanto a organização como o planeamento e a difusão foram feitos por plataformas constituídas por cidadãos e entidades da sociedade civil. O posicionamento do Governo Espanhol contra estas consultas provocou uma reação social que favoreceu a difusão da convocatória. Desse frenesim coletivo saiu a possibilidade de organizar a *Assemblea Nacional Catalana*.

Ao mesmo tempo, Castro reconhece como um dos problemas do independentismo a divisão interna, as discussões entre partidos que contam já com uma larga história na Catalunha, sobretudo, segundo ela, o *Convergència* e o *Esquerra Republicana*. No momento da formação da ANC, procurou evitar-se que as diferenças ideológicas ou “formais” intercedessem, pelo que se ideou uma metodologia particular: cada uma das pessoas disporia de um email com um número e dessa maneira a participação seria anónima, possibilitando a organização fora dos prováveis preconceitos.

Isso aconteceu no ano 2009, mas ao mesmo tempo e ao longo dos anos 2010 e 2011, outros povos e cidades continuaram a organizar consultas/referendos, constituindo-se em grupos de voluntários de onde surgiram, por exemplo, o *Barcelona Desideix*, e o *Ripoll Desideix* entre muitos outros, como uma reação muito casual, sem ajuda institucional. Para os anos de 2011/2012 a ANC constituiu-se oficialmente e apresentou uma folha de rota⁴¹ que manifesta o objetivo da independência. Todos esses grupos e comissões, distribuídos ao longo da Catalunha e surgidos a partir das consultas, passam a integrar a ANC.

A estrutura da ANC é composta por: comissões territoriais, em vilas, cerca de 500, 600; as sectoriais, da qual Castro faz parte, composta por voluntários de diversas

⁴¹ A folha de rota é o plano de ação que define em linhas gerais a atuação da instituição ou partido político, para atingir o objetivo proposto.

especialidades, como tradução, economia, direito, entre outras, que resolvem problemas específicos relacionados com o objetivo particular. Há 40 ou 50 destes grupos; finalmente, os exteriores, que se ocupam de comunicar o processo para fora da Catalunha, contactando jornalistas, políticos, organizar manifestações, entre muitas outras tarefas.

A ANC foi a principal responsável pelas manifestações massivas dos anos 2012, 2013, 2014 e 2015. No dia 11 de setembro de 2012, mais de 1,5 milhões de cidadãos pediram a independência do Estado Catalão. Em 2013, mais de 1,6 milhões de pessoas formaram a “cadeia humana”, a *Via Catalana*, cobrindo 400 km através do país. Em 2014 foi organizada a “V humana”, formada por 1,8 milhões de pessoas em duas das principais ruas da cidade de Barcelona⁴². 1,4 milhões de cidadãos saíram à rua em 2015, numa composição colorida e performativa que encheu a Avenida Meridiana de Barcelona⁴³.

“Si tiras bombas todo el mundo presta atención... sino, la solución es responder masivamente... hacer manifestaciones muy grandes, tan grandes como podamos” (tradução minha) afirmava Liz Castro, e isso é o que a organização fez. Em 2012 foi uma manifestação simples, mas a partir de 2013 começaram a organizar-se manifestações noutras cidades, para antecipar a maior de Barcelona. Também aumentou a performatividade e a complexidade das demonstrações; as pessoas precisaram de se inscrever no site, deixando os seus dados e comprometendo-se, assim, a participar e seguir as consignas juntamente com o grupo.

Òmnium Cultural

Num contexto difícil para a cultura catalã, em plena ditadura franquista, cinco empreendedores assinaram no dia 11 de julho de 1961 as atas da constituição da *Òmnium Cultural*. Durante o franquismo, a entidade sofreu encerramentos e suspensões das suas atividades. Muitas das pessoas que irão aprender catalão nas

⁴² *“The Catalan National Assembly: Gathering civil society, working for independence”* Press kit, Barcelona, September 2014.

⁴³ *“Un persistent missatge al món”*, Diari Ara. Especial Diada, sábado 12 de setembro de 2015, *“We want our own independent state”*.

classes organizadas pela *Òmnium* formaram as primeiras gerações de professores da língua. A seguir à queda da ditadura e à recuperação da democracia, a instituição manterá um papel importante na recuperação das instituições de autogoverno, na reivindicação do uso da língua e dos direitos nacionais da Catalunha (*Òmnium Cultural, Omnium.cat*).

Tendo em vista a prossecução desses objetivos organizam diversas atividades, como o evento artístico chamado “*Nit de Santa Llúcia*” onde se concede o “*Premi d’Honor de les Lletres Catalanes*” em reconhecimento pela trajetória de uma pessoa pela sua obra, seja ela literária ou científica, relacionada com a cultura dos Países Catalães (*ÒMNIMUM CULTURAL, YouTube, 21/12/15*). Também promoveram cursos de língua e história, e estabeleceram laços com outras entidades. A *Òmnium* terá um papel muito importante na reivindicação dos símbolos e na visibilidade internacional da Catalunha durante os jogos olímpicos de 1992.

Em 2010 a entidade vai constituir-se como ponto de encontro da manifestação a favor da dignidade e do direito do povo catalão a decidir. Sob o lema: “*Som una Nació. Nosaltres Decidim*”, vai protestar-se contra a sentença ditada pelo Tribunal Constitucional sobre o *Estatut de Autonomia* catalão. Desde essa data, *Òmnium*, tal como outras instituições, teve um importante papel no processo de luta pela independência.

Em junho de 2013 organizou, no *Camp Nou* de Barcelona, o “*Concert per la Llibertat*”, a favor do direito da Catalunha a decidir. O ato dividiu-se em duas partes: a primeira, onde vários artistas interpretaram músicas relacionadas com a liberdade e com o imaginário popular catalão, e uma segunda parte onde as músicas eram intercaladas com a leitura de textos. O concerto teve um objetivo político, centrado na vontade de um referendo do povo catalão; um objetivo social, mobilizador da sociedade civil catalã; e um económico, para conseguir fundos destinados a investir em novas campanhas de suporte ao processo (*Òmnium.cat, 29/06/13*).

Nesse mesmo ano, e na véspera da consulta do 9N, a *Òmnium* criou a campanha “*Un país normal*”, onde se apresentava a “normalidade” de um país que quer decidir o seu futuro através das urnas. A campanha contava com entrevistas a diversas personalidades e infografias que comunicavam os referendos e separações

pacíficas e vantajosas que aconteceram pelo mundo. Em junho de 2014 vai organizar os *Castells*⁴⁴ por todo o mundo, para promover a cultura catalã e mostrar a vontade dos catalães de votar: “*Catalans want to vote: Human towers for democracy*”.

Em junho do mesmo ano, a Òmnium organizou uma mobilização em defesa da escola catalã, com o propósito de escolher o próprio modelo educativo e de defender a imersão linguística. Em setembro, em conjunto com a ANC, vai organizar a *Via Catalana* ou *V*, uma concentração multitudinária para celebrar a consulta de autodeterminação da Catalunha e a independência.

Com a finalidade de dar apoio à consulta do 9N e de preparar a *Diada* de 2014 e 2015, a Òmnium vai organizar com a ANC e a *Associació de Municipis per la Independència* (AMI) a campanha “*Ara es l’Hora*”. Esta campanha apoiou ao mesmo tempo as eleições municipais do 24 de maio de 2015 “*Tornen les Urnes, Tornem al Carrer*”, com o objetivo de reforçar o processo destinado à independência a partir das diferentes câmaras municipais.

Depois dessas eleições, a campanha conjunta focou-se na mobilização cidadã sob o lema “*27°09’2015 on tot comença*”, que concluirá com a concentração do dia 11 de setembro de 2015 na Avenida Meridiana de Barcelona, a *Via Lliure a la República Catalana*. Essa mobilização aponta para as eleições do dia 27 de setembro do mesmo ano, onde se buscaria a constituição da República Catalã⁴⁵.

Para a *Diada* de 2015, a instituição organizou o “*Catalan Weekend*”, campanha que consistia em convidar pessoas de fora da Catalunha para passar o fim de semana da manifestação com uma família catalã, que informaria melhor o convidado sobre a situação que está a viver Catalunha e as suas razões para apoiar a independência. As inscrições foram feitas através do site da Òmnium, que contactava os dois grupos.

A campanha contava com um *kit* de boas-vindas para o convidado, onde se incluía um passe gratuito de comboio e metro, informação sobre a cultura catalã,

⁴⁴ Os *castells* são figuras pertencentes às tradições da cultura catalã, que representam torres formadas por pessoas, homens e mulheres, de várias idades. Os *castells* foram declarados Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em novembro de 2010.

⁴⁵ “*Aglutinando a la Sociedad Civil, Trabajando por la Independencia*”, Asamblea Nacional Catalana. Brochura informativa obtida na ANC.

ícones turísticos catalães e sobre o processo independentista (Figura 6). Incluía também o ponteiro a usar na Diada, neste caso, personalizado. A Òmnium fez também o seu trabalho institucional, designadamente: convidar 30 personalidades internacionais do âmbito da política, jornalismo, academia, entre outros; e transmitir a mensagem que depois levariam para os respetivos países.

Associació de Municipis per la Independència (AMI)

A AMI teve muita relevância ao nível dos municípios e no papel deles como entidade representativa de todas as pessoas que neles vivem. Os municípios que começaram a fazer parte da associação autorreconheciam-se como independentistas; o presidente da câmara passava a representar a cidade ou povo como independentista frente aos outros.

Segundo o seu site oficial, a AMI é composta por instituições (municípios) da Catalunha que representam a sociedade local e tem como objetivo somar esforços para conseguir, num futuro próximo, a criação de um estado próprio para a Catalunha no quadro da Comunidade Europeia. Esta será constituída na cidade de Vic, no dia 14 de dezembro de 2011. Neste momento é composta por 785 municípios e 49 *consells comarcals, diputacions e altres ens locals* (ASSOCIACIÓ DE MUNICIPIS PER LA INDEPENDÈNCIA, *municipisindependencia.cat*,).

Entre os principais objetivos definidos pela AMI encontram-se: ampliar o debate e partilhar ideias, experiências, informação e tudo o que possa interessar à Catalunha no caminho da independência; fomentar e defender os direitos nacionais; comunicar os cidadãos sobre o direito à autodeterminação; criar uma rede de promoção exterior, sobretudo na Comunidade Europeia; promover o financiamento dos municípios; e, finalmente, procurar sinergias noutros âmbitos, como o empresarial e o financeiro (*idem*).

No ano de 2010, em resposta à sentença do Tribunal Constitucional, os grupos municipais pertencentes a Port de la Selva (Girona) aprovam uma declaração institucional que declara o município “moralmente excluído do âmbito da Constituição Espanhola”. Com esse ato, os representantes da população desse município

procuraram “questionar a soberania espanhola sobre Catalunya” (*Lavozdebarcelona.com*, 05/07/10).

A AMI participou na *Diada* do dia 11 de setembro de 2012, na qual os *alcaldes* encabeçaram a manifestação de 2 milhões de pessoas com cartazes que enunciavam: “*Catalunya, nou Estat d’Europa*”. Também participou nas *Diadas* dos anos 2013 e 2014. A associação apoiou e promoveu, através da disponibilização das dependências municipais correspondentes, a campanha “*Signa Um Vot per la Independència*” (DELPHIN, *DailyMotion*, 12/09/15) onde se pedia aos cidadãos catalães que solicitassem de maneira individual o “direito de pedido” ao governo, no sentido da sua intervenção tendo em vista a declaração da independência (*NacióDigital*, 18/03/14).

Em 2013 fez o maior inquérito realizado sobre a independência, a mais de 3 mil pessoas, com um resultado a favor do “Si” de 56,5%. Também participou ativamente na convocatória para a consulta do 9N, e na campanha para promover as respostas afirmativas às duas perguntas realizadas: “Quer que a Catalunya seja um Estado?”, e “Em caso afirmativo, quer que seja um Estado independente?” (Figura 7).

Segundo Xavier Vilá, responsável do gabinete de imprensa da AMI, o papel mais relevante da instituição para o movimento foi o de funcionar como ponte entre a sociedade civil e o âmbito político. Vilá sinaliza como um dos eventos mais “potentes” organizados pelo AMI o ato de apoio ao 9N, no qual mais de 800 *alcaldes* da Catalunya assinaram e apresentaram os acordos de plenos ao *President Mas* e ao governo na praça Sant Jaume, em Barcelona (Figura 8). Também o dia da consulta foi importante, com a organização das urnas, para o qual a participação dos *ajuntaments* foi indispensável.

Súmate

A *Súmate* é uma entidade sem fins lucrativos e que funciona sem o apoio de partidos políticos. Foi apresentada no dia 2 de outubro de 2013, em Bellvitge, L’Hospitalet de Llobregat. Na dita apresentação compareceram elementos da direção da ANC, da *Òmnium Cultural* e de partidos políticos como o ERC, o CDC e o Iniciativa (XURIACH, *Público*, 12/10/13). O slogan e princípio da instituição é: “*No importa el origen, sino el destino*”.

O presidente da instituição, Eduardo Reyes, nascido em Córdoba, Espanha, chegou a Barcelona com os seus pais nos anos 50. Em diversas apresentações e entrevistas, Reyes disse ter-se convencido a favor da independência, depois de ver a forma como Espanha se aproveita economicamente da Catalunha. Ele fundou o *Súmate* para informar e promover o voto independentista entre cidadãos catalães nascidos fora da Catalunha, que têm como idioma de uso quotidiano o castelhano.

Joan Solé, chefe de comunicação de Reyes e da entidade, diz que nos atos da instituição não é usada nenhuma bandeira nem hino, só um cartaz de fundo branco com a marca *Súmate* e a data (Figura 9). O formato dos atos é simples, uma pessoa da entidade conta a sua história e o porquê do seu apoio ao independentismo catalão, as pessoas do público pedem o microfone e participam; toda a gente pode pedir o microfone e contar a própria história. Solé destaca a ausência de conteúdo identitário e cultural catalão nos discursos da instituição, procurando assim, transmitir só o objetivo de lutar por um futuro melhor para a família, uma melhoria económica como consequência de uma Catalunha independente.

Segundo Solé, a *Súmate* tem muita mais aceitação na área metropolitana de Barcelona que outras instituições como a ANC ou a *Òmnium*, que têm um discurso baseado na história, na cultura e sobretudo no idioma. O discurso da *Súmate* é feito em castelhano e não o acompanham nem *esteladas* nem outros símbolos catalães utilizados normalmente pelas outras instituições. Promovem um independentismo “sem bandeiras”, porque na construção desse futuro conjunto não importa a origem. O posicionamento estético diferenciado, sinalizado por Solé, demonstra o interesse da instituição em afastar-se de uma imagem identitária relacionada com a *estelada*.

A *Súmate* tem uma atuação conhecida fundamentalmente na área como o “*Cinturó Roig*”, composta sobretudo por imigrantes (PICAZO, *El Crític*, 14/07/15), dirigindo-se principalmente aos espanhóis que chegaram nos anos 60 e 70 da Andaluzia e da Extremadura e seus descendentes. Todos os cenários e discursos da entidade mantêm as características estéticas representativas desse público-alvo. Existe também uma estética de discurso para os descendentes de matrimónios mistos, onde um dos pais é catalão e o outro de uma região diferente de Espanha.

Nos anos 60 e 70 surgiu o termo “*xarnego*”, para denominar aos filhos desses matrimónios. O dito termo não trata de uma categorização de classificação social nem tem conotações estritamente biológicas, mas foi adquirindo significados sobrepostos e utilizado na sociedade catalã para fazer referência a um coletivo que, mesmo procedendo de uma migração interna espanhola, é considerado estrangeiro em termos de nação catalã (CLUA I FAINÉ 2011: 58).

A palavra “*xarnego*” é raramente ouvida nos atuais discursos independentistas, às vezes usada pelas próprias pessoas que apresentam as características anteriormente citadas, com a finalidade de desmistificar o termo, exibindo a aceitação social, política e cultural dos catalães e o apoio ao movimento (VilaWeb TV, *DailyMotion*, 04/03/16). A associação trouxe este tipo de discurso ao novo jogo independentista, que ao mesmo tempo o utilizou para demonstrar a “intolerância espanhola” (VilaWeb, 07/03/16).

Reyes é um dos representantes da sociedade civil catalã que ocupou um lugar no *Junts pel Sí*, a lista conjunta independentista que ganhou as eleições do 27S. Também à instituição pertence o cabeça de lista da CUP, Antonio Baños, que ingressou no *Parlament* nas mesmas eleições, e o cabeça de lista da ERC, Gabriel Rufián, que passou a integrar o Congresso Espanhol.

Um jornalista do *El Nacional* sublinha a relevância política no independentismo, tanto de Baños como de Gabriel Rufián do *Junts pel Sí* (oriundo de fora da Catalunha e da área metropolitana de Barcelona), atribuindo-a a uma “*Catalunya que pide perdón por existir y que necesita sentirse validada por la cultura castellana y el discurso políticamente correcto*”. E afirma ainda: “*si las chicas guapas del unionismo (por Arrimadas, de Ciutadans) intentan tapar el fantasma de la Guardia Civil, los chicos de moda del independentismo también hacen su función en este mundo de simulación y encubrimiento*” (Vila, *El Nacional*, 15/11/15).

III. 3. Os meios

Para falar sobre os meios de comunicação na Catalunha é necessário um contexto histórico próprio. Revistas, jornais e televisão sofreram em diversos

momentos, censura ou destruição, seja sob a ditadura ou em situações específicas. Diversos governos catalães utilizaram esse passado conflituoso como uma razão para subsidiá-los, no caso das publicações em catalão. Conforme veremos mais à frente, os *media* catalães influenciam substancialmente a presença do idioma na sociedade catalã.

A partir da entrada das tropas franquistas no território do Principado, foram-se sucedendo as queimas de livros em catalão de bibliotecas privadas e editores comerciais. Jornais muito importantes na época, como “*La Publicitat*” ou “*La Humanitat*”, foram bombardeados ou saqueados, respetivamente, e “*La Veu da Catalunha*” tomada pelos anarquistas. A repressão e a destruição do mercado fez com que a indústria jornalística de massas em catalão não seja muito forte. O sistema comunicativo global era em castelhano e também *a língua veicular*. Existiram diversas instituições, grupos e entidades privadas que ajudaram a manter o catalão, mesmo não sendo comercialmente proveitoso ou operativo.

A partir do regresso à democracia e das novas eleições autonómicas da Catalunha, que deram a vitória a um partido nacionalista moderado, o *Convergència i Unió*, a universidade catalã e o campo de estudos académico começam a configurar-se para manter um diálogo entre a reflexão teórica e a prática mediática.

Após a “Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação”, apoiada pela UNESCO e pelo “Congresso de Cultura Catalã” de 1978, alguns investigadores catalães previram a necessidade de construir instituições mediáticas próprias para a Catalunha e para os *Països Catalans*, por considerá-los uma nação diferente da espanhola; e de um novo espaço de comunicação que cubra as comunidades de língua e cultura, que reconstrua a nação catalã e também permita fundar um campo académico de estudos sobre comunicação (GIORI 2014: 120/1).

Segundo as conclusões de Giori sobre a construção do espaço nacional de comunicação catalão, constata-se que mesmo com um avanço considerável (no ano 2000, 30% do consumo televisivo era em catalão), a capacidade normativa da *Generalitat* não melhorou e as políticas compensatórias não são suficientes. Reconhece ainda um tardio apoio institucional aos meios tradicionais que se soma a novos problemas em relação às novas tecnologias de comunicação e informação (idem 135).

Para Sarantoulakis, as subvenções da *Generalitat de Catalunya* aos meios de comunicação públicos e o fomento aos operadores radiofónicos autóctones, tinham criado um sistema mediático suficientemente importante para o aumento e difusão do catalão num âmbito local, já que este era muito menos importante em comparação com o castelhano, que tinha cobertura estatal. Situação que se mantém na atualidade (*Lavozdebarcelona.com*, 29/11/11). Depois da mudança de lei acordada na Constituição de 1978, os meios de comunicação catalães “*deben informar, entretener y mantener una relación cultural con el público y por otro lado deben garantizar el uso de las dos lenguas oficiales*” (SARANTOULAKIS 2015: 22-4).

Em 1983 aprovou-se a “*Ley de Normalización Lingüística*” (GENERALITAT DE CATALUNYA 1989) que favoreceu a criação dos organismos públicos de rádio e televisão, *Catalunya Rádio* e *TV3*. O catalão seria a língua utilizada nestes *media* públicos e, ao mesmo tempo, esta seria fomentada nos *media* privados, assim como no teatro, cinema e edição (idem 24). A televisão pública catalã foi uma importante ferramenta para a incorporação da língua no ambiente mediático catalão.

O atual processo independentista intensificou os debates sobre a influência dos meios de comunicação, o doutrinação ou simplesmente a informação aos cidadãos. Os meios de comunicação do Estado espanhol, como o “*El Mundo*”, acusam à *Generalitat de Catalunya* de subvencionar os *media* para conseguirem o seu alinhamento ao independentismo, mais do que para dar apoio à língua (RUBIÓ, *El Mundo*, 08/09/14), função que o governo mantém devido à diferença de condições entre os dois idiomas.

Sobre a cobertura efetuada pelos *media* públicos à manifestação reivindicativa da *Diada*, a Junta Electoral Central (JEC) pronunciou-se, obrigando os mesmos a compensar os partidos que não participaram na *Via Lliure* de 2015 (*Ara*, 17/09/15), procurando defender uma igualdade de tempo da campanha para cada partido. A TV3 emitiu assim, durante 3 horas, as festas e atos (*Ara*, 18/09/15; HERNÁNDEZ, *El Mundo*, 20/09/15) dos partidos independentistas. Tanto a ANC como a *Òmnium Cultural* incentivaram os cidadãos a boicotar a imposição da JEC a TV3 (*Ara*, 18/09/15), e pediram para estes não sintonizarem o canal nesse horário. Os espetadores

corresponderam, e o canal teve a pior audiência da história nesse dia e horário (ELMUNDO.es, *El Mundo*, 21/09/15).

Do lado dos independentistas, critica-se a falta de informação sobre o processo fora da Catalunha. Segundo Joan Solé, os *media* espanhóis, como *TeleMadrid* o *13TV*, não chamam os participantes independentistas para explicar o processo, senão para “*machacar*lo” ao vivo, um fenómeno que, segundo ele, produz mais independentistas. Solé assegurava com ironia que, se uma emissora de televisão com 13% do *share* (TV3) pode doutrinar os restantes 87% que não assistem a esse canal, “*¡esa es una verdadera máquina política!*”.

Quim Torra, que no momento da entrevista era o presidente da *Òmnium Cultural*, falava sobre uma análise feita à “*tertúlia estrela*” de *La Sexta*, onde durante dois meses tinham aparecido 71 tertulianos contra a independência, e zero a favor. Por outro lado, argumentava uma certa submissão dos *media* privados catalães aos *blogues* eleitorais, e uma censura do *Parlament*, como reflexo de uma certa visão independentista e catalanista que ele agora possui.

Nos *media* impressos, o jornal *Ara* adquiriu um papel muito importante no processo. Este nasceu depois da grande manifestação do ano de 2010 contra o chumbo do TC. Segundo o artigo do *Público*, o jornal é associado pelos seus leitores com o processo soberanista catalão. O jornal não se assume como independentista, mas defende o direito dos catalães a escolherem o seu futuro através de um referendo (LORENA, *Público*, 07/11/14), a mesma posição que assumiu o *F.C. Barcelona* (MUNDODEPORTIVO.COM, *Mundo Deportivo*, 10/03/16).

Outros jornais, mas especificamente no âmbito digital, alinhados com essa postura, são o *Vilaweb* e o *Nació Digital*, pertencentes a empresas familiares. O *Vilaweb* surgiu no ano de 1996, a partir de um primeiro “motor de buscas” e diretório de recursos chamado *La Infopista*, em 1995; um dos primeiros no mundo, e o primeiro em catalão. O seu objetivo, num marco dos *Països Catalans*, é ajudar a construir “*una societat més plural, oberta i lliure*” (VilaWeb, 1995). O *VilaWeb*, o *Nació Digital* e o *Ara* pugnam nesses últimos anos pelo pódio de audiência entre os meios de comunicação em língua catalã (GORDILLO 2014: 34).

O jornal *Ara* escreveu um livro com a recompilação de algumas colunas publicadas nos últimos três anos por diversos jornais. Desde “a construção mediática de *Ciutadans* até às notícias mais surrealistas vinculadas ao soberanismo, passando por todo um mostruário de distorções numéricas ou verbais com tal de apontar uma determinada posição editorial” (GUTIÉRREZ 2015). A proposta do autor, Àlex Gutiérrez não é só de fazer uma seleção de textos publicados, mas também oferecer, através de uma análise, “o como é dito e quem o diz”.

A exibição de capas e títulos de jornais nacionais é uma prática comum em diversos *media* impressos, como o *VilaWeb*, que consiste na apresentação de títulos do *EL País*, *La Vanguardia* ou *ABC* e identificação da campanha contra o movimento catalão, e consequente comparação com um pistoleiro que, acurralado e sem saída, dispara a olhos fechados e gritos estridentes. “Surpreende a quantidade de artilharia despregada e a intensidade do bombardeamento informativo, com mensagens apocalípticas de todos os tipos” (CASULLERAS NUALART, *VilaWeb*, 18/09/15, tradução minha). Também se aproveita para exibir como é reconhecida internacionalmente a integração dos imigrantes em território catalão através da cultura popular.

III. 4. Sociedade Civil⁴⁶

A participação da sociedade civil catalã foi fundamental no último processo independentista, iniciado, segundo a maioria dos entrevistados, depois do chumbo do Tribunal Constitucional de 2010 ao *Estatut de Autonomia*. O dito *Estatut* já tinha sido aprovado em 2006 pela *Comisión Constitucional del Congreso de los Diputados* e através de um referendo, pelos cidadãos da Catalunha. A pressão dessa grande mobilização teria levado o *President de la Generalitat* a iniciar o processo soberanista.

⁴⁶ Para Hegel, a sociedade civil era o que estava fora da esfera do Estado. Gramsci acrescenta uma distinção em função do poder: “*por ahora se pueden fijar dos grandes planos superestructurales, el que se puede llamar de la ‘sociedad civil’, que está formado por el conjunto de los organismos vulgarmente llamados ‘privados’, y el de la ‘sociedad política o Estado’; y que corresponden a la función de ‘hegemonía’ que el grupo dominante ejerce en toda sociedad*” (GRAMSCI 2006: 9). A distinção desses dois grupos dentro da sociedade civil será muito interessante no momento de analisar a participação das classes sociais no independentismo catalão.

A sociedade catalã, como qualquer outra, não é homogênea. É composta por um grande número de pensamentos e pareceres que dependem das origens, tanto geográficas como económicas, assim como das experiências de vida, além de muitas outras características. Da mesma maneira existem diversos posicionamentos relativamente ao independentismo, que o novo processo catalanista procurou reunir.

De acordo com o exposto anteriormente, tanto os partidos políticos como as entidades criaram discursos e espaços de integração para chegar a essas partes não alinhadas com o projeto independentista. Com essa finalidade, o nacionalismo catalão pareceu adotar uma “tipologia cívica”, tentando afastar-se assim de uma tipologia de origem étnica. Madalena Resende diferencia essa dupla tipologia do nacionalismo de acordo com a dimensão interna de nação. Enquanto a visão cívica é descrita como um fenómeno moderno e voluntarista, possível para cidadãos de diversas origens, a conceção étnica vê as nações como comunidades ancestrais, etnicamente homogêneas (MEYER RESENDE 2011: 743).

Para Montserrat Guibernau (LURGAIN, *Noticias de Gipuzkoa*, 19/04/10) especialista no tema, o nacionalismo puro, defendido por uma identidade pura formada, por sua vez, por elementos originários, é impossível, já que estamos submetidos a muitos mais fluxos culturais que o influenciam. Alejandro Grimson (2015) diz que por trás do abandono do conceito de raça está subjacente um aumento considerável do uso social e político do conceito de cultura; conceito que também pode ser usado como legitimador de uma hierarquização, ao conceber as fronteiras como fixas (GRIMSON 2015: 57-9). Como já vimos, na atualidade seria muito difícil procurar a legitimação de um nacionalismo através de discursos fechados compostos de elementos étnicos e culturais, pelo que os grupos independentistas recorrem a formatos mais abrangentes de catalanismo.

No movimento independentista identificam-se dois tipos de catalanismo. Um mais subversivo e revolucionário, no sentido de promover a desobediência e a rutura do sistema tradicional, e outro de tipo mais conservador, menos frontal. Os cidadãos que apoiam a soberania da Catalunha alinham-se nessas duas perspetivas.

Os atores independentistas vão-se encarregar de misturar os acontecimentos do passado com os do presente, criando novas mensagens para serem codificadas

pelos recetores. A utilização de mensagens visuais utilizadas profusamente por estes agentes independentistas serão o nosso sujeito de reconhecimento e estudo no próximo capítulo.

Como já percebemos na descrição anterior, existe um grande número de atores responsáveis por influenciar a ação das pessoas e a sua maneira de interpretar e construir a realidade. O seguinte capítulo pretende evidenciar o efeito da sua utilização relativamente ao atual movimento independentista catalão.

Capítulo IV. As imagens como agentes no discurso independentista

“Una imagen es más que un producto de la percepción. Se manifiesta como resultado de una simbolización personal y colectiva” (BELTING 2007: 14).

O processo independentista parece ter conseguido incorporar os códigos de comunicação atuais de uma sociedade que privilegia o olhar como elemento epistemológico, misturando imagem e realidade, “o ‘real’ é o que pode ser visto” (PEIXOTO 2011: 47). A elaboração dessa Catalunha *heterotópica* ou *Països Catalans heterotòpics*, segundo o discurso, poderá edificar-se através de elementos visuais: “o audiovisual como suporte privilegiado para a reconstrução identitária ou para a afirmação dela” (MARTINS 2013: 411).

O discurso e as práticas sobre a “comunidade imaginada” (1991) catalã teria o objetivo de criar um novo estado-nação acentuadamente inclusivo, através de ações socializadoras, performativas e cénicas. As novas tecnologias admitem formas de comunidades virtuais, onde a sociedade é cada vez mais identificada com uma “rede” em vez de uma “estrutura” onde se permitem as conexões e desconexões aleatórias (BAUMAN 2007: 9), onde as imagens reinam, exercendo um papel de identificação, divulgação e sociabilização (WELLER; BASSALO 2011: 284).

Os *mass media* converteram-se nos principais intermediários entre o sistema político e a cidadania. Nas palavras do estudioso de ciências políticas, Giovanni Sartori: “a palavra é destronada pela imagem” (SARTORI 1998: 11), a razão pela emoção, a política transformou-se num espetáculo que apelava mais ao coração que ao cérebro, e que Guy Debord (2003) descreveu como uma sociedade onde as massas se obrigavam a uma passividade impassível. A partir da sala de casa, consome-se tanto a novela da tarde como os desfiles de políticos (VINCENT, *Anfibia*). No seu reconhecido livro, “*La Société du Spectacle*” (1967), Debord já tinha reconhecido o papel das imagens na sociedade dessa época: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD 2003: 14).

A imagem tem a capacidade de atingir um público mais vasto, em vez de se limitar apenas às palavras. Belting reconhece sua particular influência nas pessoas: estas são utilizadas como janelas para a realidade. Já que a realidade se altera constantemente, também a nossa reivindicação de imagens se modifica (BELTING 2011: 9). A sua utilização, como captação sensível de uma realidade pretensiosamente isenta de interpretações e deformações, encadeia os nossos sentidos e imaginação, exercendo uma força própria (idem 10).

Sobre a relação imagem-realidade-pessoa, Norman Bryson apresenta dois valores opostos da imagem: o primeiro, a capacidade de reproduzir numa forma perfeita a realidade do mundo natural, e neste caso a imagem é independente da história. O segundo valor, postulado pela sociología do conhecimento, reporta-se à incapacidade da imagem de fugir da história, já que a realidade experimentada pelos seres humanos é sempre produzida historicamente (JENKS 2003: 6). Por outro lado, Chris Jenks sugere que todo o *“way of seeing”*, ou formas de conhecimento, geram um ponto de vista parcial do mundo, levado a cabo mediante práticas de seleção, abstração e transformação. Desta maneira, apresenta ao *“ator humano”* uma visão que se constrói socialmente, ao mesmo tempo que está culturalmente situada: a vista como artifício (idem 8/10). Jenks reconhece então a condição sociocultural da percepção.

“As it is the case that sociocultural theory, and the visual arts, are about the construction of worlds from worlds (from worlds...) we do need to interrogate the nature of ‘seeing’ and ‘seen-ness’” (idem 12). Outro ponto considerado no momento de focar na análise das imagens foi a sua relevância na atualidade: *“modernity’s project was most effectively achieved through the privileging of ‘sight’ and that modern culture has, in turn, elected the visual to the dual status of being”*, segundo argumentava Martin Jay.

IV. 1. O catalanismo integrador

“A única solução pode sair de um catalanismo que inclua o maior número de gente”. JOSEP FRADERA (ARAGAY, Ara, 13/09/15).

Perante a necessidade de abranger uma população plural, o catalanismo reconheceu a importância de utilizar novos discursos e práticas mais abrangentes, e assim chegar aos cidadãos que não partilham a ideia de uma Catalunha independente ou que nunca pensaram sequer nessa possibilidade. A antropóloga Montserrat Clua i Fainé identificou uma dualidade histórica de discurso no catalanismo: a identidade catalã sempre se definiu como “cívica”, a partir de elementos culturais, mas reconheceu também elementos biológicos nos discursos nacionalistas anteriores.

Segundo o seu artigo, a classificação social na Catalunha não foi apenas construída, também se foi alterando em função do contexto. A atual crise económica dos próprios catalães, dos espanhóis oriundos de outras regiões de Espanha e do resto dos imigrantes europeus e não europeus (Figura 10) e seus descendentes, levanta novos desafios ao novo discurso catalanista (CLUA I FAINÉ 2011), que terá de deixar de lado os elementos biológicos e construir-se a partir de interesses sociais comuns a todos.

Tanto os espanhóis que chegaram à Catalunha de outras regiões de Espanha nos anos 60 e 70, como a sua descendência, parecem ser um dos principais públicos-alvo do discurso catalanista. A utilização política do idioma (FERNÁNDEZ, *VilaWeb*, 11/04/16) mostra esse interesse do independentismo em chegar a esse setor da sociedade que mantém o castelhano como idioma de uso habitual. “A sociedade catalã e a sociedade espanhola estiveram ligadas desde sempre” (ARAGAY, *Ara*, 13/09/15). declara o historiador Josep Fradera, o que apresentaria a necessidade de construção de um discurso que consiga conciliar o eixo social e o nacional, num terreno onde há muitos interesses e história partilhados.

“Hubo muchos esfuerzos para llegar a los castellano-hablantes” disse Liz Castro da ANC, reconhecendo a importância desse setor da sociedade para a maioria independentista. Assim como a ANC, também outras entidades atuaram nesses bairros de Barcelona. Um dos mais representativos foi o *Súmate* que, através de uma comunicação “neutral” (sem elementos alusivos ao “ser catalão”), pretendia chegar aos indecisos que não sentiam uma relação com a cultura catalã, mas sim uma necessidade de participar num futuro melhor a partir de um novo país. *“El cartel, lo*

que tiene que poner es... fondo blanco, usar blanco y negro, el rojo para poner una fecha y ya está... cuanto más simple lo hagas, más atraerás a la gente", garantia Joan Solé.

*"Si ponéis esteladas, ¡no vendrá ni Dios...!", Solé diz que o movimento "no es de esteladas", que é um movimento de todos, "sabemos que en nuestro movimiento hay gente que no se siente cómoda con esta bandera, y hay gente que se siente cómoda con la Española, con la brasilera...", sem bandeiras, sem hinos, sem nada de identitário. "Los catalanes, que llevan la 'ceba' (referindo-se aos catalães 'da gema'), ya sabemos que votarán que sí". Os atos realizados pelo Súmate constavam de um microfone e uma história de alguém, que normalmente não tinha nascido na Catalunha e apoiava a independência; uma história como a do presidente da instituição, Eduardo Reyes. Marcos Pardeiro, jornalista do *La Razón*, reconhece que o maior sucesso do soberanismo desses anos é que "personas castellano-hablantes, que a lo mejor nunca se había pensado o se habría visto, en primera línea, defendiendo la independencia!".*

Em diversos casos apresentados por Peter Burke, no livro *"Visto y no visto"* (2005), o nacionalismo torna-se relativamente fácil de expressar por imagens, através da caricatura de estrangeiros, da celebração dos grandes acontecimentos da nação ou da evocação da arte popular da região (BURKE 2005: 82-3). No caso da Catalunha, o nacionalismo independentista procura misturar elementos próprios da cultura mas, ao mesmo tempo, elementos sociais, com os quais qualquer um consiga sensibilizar-se e identificar-se.

Para Lluís Cabrera, impulsionador do *Ateneu Popular de Nou Barris*, a "operação Súmate" foi um erro gravíssimo que ajudou a bloquear e manter as identidades congeladas. Segundo este, *"el catalanisme polític mai no ha sabut acollir com a patrimoni propi el castellà"*, para convencer essas pessoas não é preciso "usar" o 1714; *"avui tenim un grup humà que ha decidit de separar-se d'Espanya perquè no vol viure en un estat opressor. Però parlant de cultura i llengua hi ha una gent que mai no se sentirà aollida"* (ZABALLA, VilaWeb, 14/12/15).

O debate entre Cabrera, Antonio Baños (CUP) e a jornalista Odei A. Etxearte (os três representantes da área metropolitana de Barcelona) sobre como *"ampliar la*

majoria social a favor de la independència a l'àrea metropolitana” apresentou diversos fatores sobre a relação do catalanismo com esta área em particular. Etxearte sinalizou o ganho político que o tema das identidades representava, e como este alimentava a divisão e aumentava a percepção sobre o caráter burguês do catalanismo, o que gerava uma recusa da uma parte das pessoas da área metropolitana. Baños acredita que, para chegar a essa parte da população, é mais importante uma fórmula baseada na concessão de direitos e deixar de lado a questão identitária e de língua, “*parlar més de república i menys d’independència*” (CASULLERAS NUALART, *VilaWeb*, 12/03/16).

Os termos que começam a utilizar-se para agrupar o “nós” e o “eles”, tais como “independentista”, “unionista”, “separatista”, “espanholista”, “catalanista”, começam a carregar-se de preconceitos e a evocar imagens estereotipadas (BURKE 2005: 161) a partir dos seus usos políticos e mediáticos e baseados num desconhecimento parcial ou total do outro, o que resulta numa simplificação de uma característica que o sintetiza e determina. Palavras relacionadas com classes sociais, como “burguês”, “área metropolitana” ou “novos catalães”, também são estereotipadas e utilizadas nas práticas e discursos independentistas (PICAZO, *El Crític*, 22/04/15), como reconhece a jornalista Etxearte num vídeo do *Cercle Català de Negocis* (LOS GARCÍA CATALUNYA, *YouTube*, 10/06/13), onde se apresenta uma família “típica” de Santa Coloma de Gramenet, que descobre os prejuízos de estar em Espanha e decide “abraçar” o independentismo (ETXEARTE, *VilaWeb*, 03/07/13).

Frases como: “*un sol poble*” ouvem-se nas manifestações independentistas; mensagens como esta pretendem passar a imagem de um catalanismo inclusivo e cívico, que salienta as diferenças sociais, culturais e políticas. Num texto do jornal *El País*, Pau Marí-Klose sintetiza: “*A grans trets, el suport a la independència és minoritari en els grups més desfavorits, al mateix temps que està molt estès en els acomodats*” (MARÍ-KLOSE, *El País*, 06/10/15). Outras frases contrárias ao “integracionismo” do movimento, ou simplesmente desafortunadas, circulam nos jornais e redes sociais: Junqueras (*Junts pel Sí*) assinala ao jornal *Avui*, em 2008, que os genes particulares dos catalães são mais parecidos com os dos suíços e franceses do que com os restantes espanhóis (JUNQUERAS, *Avui*, 27/08/08) e Artur Mas (*Junts pel Sí*) refere ao jornal *La Vanguardia*, em 2012, a existência de um ADN carolíngio na Catalunha, derivado da

sua pertença à Marca Hispânica do século IX (RAHOLA, *La Vanguardia*, 24/02/12), o que a diferencia de uma Espanha a dada altura habitada pelos árabes.

A proclamação do manifesto Koiné, referido anteriormente, que vai alertar para os riscos do bilinguismo social para a sobrevivência do catalão numa hipotética Catalunha independente, vai ser rotulado de “racista e fundamentalista cultural” pelos contrários ao independentismo, como um dos deputados do *Catalunya si que es Pot* (CATALUNYA SI QUE ES POT, *YouTube*, 06/04/16; PRUNA, *Ara*, 07/04/16). O manifesto em questão teve uma série de repercussões e polémicas que trariam novamente ao jogo mediático conceitos como “fundamentalismo cultural”, “nacionalismo etno-linguístico” e noções de raça e cultura, associados ao nacionalismo catalão (SANTAMARÍA, *El Viejo Topo*, 07/04/16). O jornal *VilaWeb* defenderá o manifesto, assinalando a dificuldade em falar sobre “língua” como se fosse um tabú (PARTAL, *VilaWeb*, 06/04/16), outros jornais, como o *Ara* e *El Nacional*, atribuíram o dilema à má interpretação (FORN, *El Nacional.cat*, 06/04/16), mas também às formas do grupo *Koiné* de expor a questão (RODRÍGUEZ, *VilaWeb*, 02/04/16).

Os atores que defendem o manifesto procuram um olhar crítico sobre o posicionamento da nova república relativamente à questão do idioma catalão no futuro, ao mesmo tempo que tentam integrar as novas e antigas imigrações no soberanismo (ACN, *VilaWeb*, 09/04/16). Ações como estas evidenciam o desencontro de classes na Catalunha: *“Els catalans catalanoparlants s'han sumat majoritàriament al projete independentista, mentre que els castellanoparlants, no. Aquestes diferències es corresponen, de manera bastant ajustada, amb diferències semblants en orientacions polítiques de diversos grups de renda a causa de la correlació entre nivell socioeconòmic i origen cultural”* (MARÍ-KLOSE, *El País*, 06/10/15). Como afirmaria o catedrático Vicenç Navarro: *“España no es un país de clase media”* (2013).

No documentário *“Un país normal”*, cidadãos conhecidos na Catalunha defendem o direito a votar no referendo. Antonio Baños, da CUP, dizia: *“(…) molta gent s’ha trobat en l’atzucac de dir: ‘escolta, si aquest Estat no funciona i no es pot canviar, hem de trobar un nou Estat, un nou model polític’, i per aixó molta gent arriba al ‘sí’, no des del catalanisme clàssic, no des de la llengua ni a cultura, no des de drets*

històrics, sinó que arriba davant d'una confirmació empírica: el que no funciona i no es pot canviar, s'ha de substituir" (UN PAÍS NORMAL, YouTube, 15/07/14).

Vicenç Navarro assegura que *"lo que es verdaderamente novedoso en Catalunya, que es la aceptación generalizada entre el pueblo catalán del derecho a decidir o soberanismo"*. Se a recusa ao Estado central tivesse sido baseada mais no tema social que no tema identitário, teria sido possível juntar as duas Catalunhas em vez de dividi-las (NAVARRO, *Público.es*, 30/09/15).

O independentismo convida diversas minorias para o movimento, como grupos LGBT e feministas (Figura 11), através de ações de partidos políticos como sejam atos, propostas de lei e reivindicações. Também as minorias linguísticas como o aranês⁴⁷ são reconhecidas nos discursos destes atores. No ato de encerramento da CUP deu-se voz a outros movimentos nacionalistas, como o de autodeterminação do povo curdo, a independência do Québec, e de solidariedade ao *Sindicato Andaluz de los Trabajadores*, que ao mesmo tempo apoiaram a CUP (Figura 12).

Segundo afirmaria Anne-Marie Thiesse: "não há nada de mais internacional que a formação das identidades nacionais". A autora reconhece a origem das identidades nacionais num mesmo modelo e sublinha um paradoxo, uma vez que, mesmo tendo servido como pretexto de confrontos sangrentos, "o seu aperfeiçoamento foi efetuado no âmbito de intensas permutas internacionais" (THIESSE 2000: 15).

As campanhas dos partidos políticos independentistas, o *Junts pel Sí* e a CUP, destinaram uma parte fundamental da estética e do conteúdo da sua comunicação a elementos que evidenciassem um perfil mais participativo e integrador do atual movimento independentista.

A campanha de *Junts pel Sí* utilizou o slogan *"El vot de la teva vida"* (Figura 13), simbolizando a importância histórica das eleições que os independentistas definiram como plesbicitárias que acabariam com o *status quo* e definiriam as bases de um novo país. As fotografias dos principais candidatos que compõem a campanha sugerem esperança e confiança. Eles olham para o horizonte, a luz ambiente é cálida e outras dão brilho aos olhos e iluminam partes do rosto (Figura 14).

⁴⁷ É o nome que recebe a língua occitana no Vale de Aran, própria deste território.

As fotos dos candidatos são utilizadas segundo objetivo específicos. Os cartazes e bandeiras das ruas utilizaram os seus retratos e foram distribuídos de acordo com a região para a qual se candidatavam. Para além das fotografias individuais foram utilizadas outras onde aparecem agrupamentos, reforçando a ideia de grupo (Figura 15). Em Barcelona, o candidato à presidência da *Generalitat*, Artur Mas, misturava-se com os outros, situando-se em quarto lugar na lista. Esta procura atribuir as ideias e valores do movimento não a um indivíduo em particular (BURKE 2005: 83), mas reparti-los por todos os candidatos. *“En Madrid se equivocan, si procesan a Mas o caiga Mas va a ir otro detrás, porque no es Mas el que lo está pidiendo, es el pueblo”* assegurava N.T.

A candidatura do *Junts pel Sí* descreve os proponentes segundo a sua trajetória e inclui pessoas de origens diversas. Com a finalidade de chegar às *“persones nascudes a més de 170 països diferents i que parlen més de 250 llengües”* foi disponibilizado um díptico informativo em 13 idiomas (Figura 16) que pode ser descarregado a partir do site *nouscatalans.cat* (novos catalães): *“Aquesta és la campanya electoral de la nostra vida i tots els vots són importants, essencials”* (BERTRAND, *Nouscatalans.cat*, 15/09/15).

Joan Solé, da entidade Súmate, assegura que a candidatura do *Junts pel Sí* *“no es una lista de nombres, es una lista de voluntades”*, pelo que esta decidiu fazer uma campanha eleitoral independente das estruturas dos partidos que a compõem, convidando todos os cidadãos a se inscreverem na “maior lista eleitoral da Europa”, como candidatos simbólicos, através do site oficial do *Junts pel Sí*. Esses candidatos, que se esperava chegarem aos 100 mil, ajudariam a levar a mensagem independentista por toda Catalunha e também através das redes sociais (NOGUER, *El País*, 25/08/15).

Joan Solé acreditava que *“una de las grandes cosas que ha hecho el marketing soberanista es de haber incluido a las personas en la lista, te dan una fiche con tu foto e lo puedes colgar en la calle, y es tan lícito colgar el tuyo como el de Romeva”*. A campanha mobilizadora indicada por Solé consistiu na inscrição dos interessados na internet, onde para além do mais, carregando uma fotografia similar à dos candidatos,

puderam criar uma cartaz que levantariam impresso nos grandes atos do partido, juntamente com uma pulseira e um alfinete (Figura 17).

No dia 28 de agosto de 2015, a coaligação celebrou o seu primeiro ato de campanha chamado “*Festa dels Candidats*” (JUNTS PEL SÍ, *YouTube*, 28/08/15) (Figura 18); neste intervieram alguns dos principais políticos da lista, como Carme Forcadell, Eduardo Reyes (presidente do *Súmate*), Lluís Llach (cantor e compositor de várias músicas de protesto durante a ditadura franquista), Romeva, Mas, Junqueras, entre outros. O evento teve também tendas onde os “candidatos simbólicos” podiam adquirir os *kits* personalizados e diversos elementos de merchandising do *Junts pel Sí* (Ara, 27/08/15).

O elemento predominante na imagem gráfica da campanha da CUP é a palavra *Governem-nos*, utilizada tanto nas bandeiras de rua (Figura 19) e folhetos, quanto nos atos do partido (Figura 20) e camisetas à venda. Esta é utilizada como marca da campanha junto às principais propostas: Independência, justiça social e processo constituinte.

Ambos os partidos apelaram em alguns cartazes a temas relacionados com os problemas económicos, mas escolheram diferentes perspectivas para o fazerem. A CUP utilizou a imagem de uma pessoa lavrando a terra para representar o trabalho, o sustento (pão) e a liberdade (Figura 21), em coerência com os seus objetivos de sustentabilidade e equilíbrio nacional; também incluiu o idioma aranês (Figura 22). O *Junts pel Sí* utilizou imagens de jovens para representar a falta de oportunidades para serem parte de Espanha (Figura 23).

As marcas usadas pelos partidos independentistas, *Junts pel Sí* e *Governem-nos*, são esteticamente muito similares. Elas foram criadas através de uma técnica do design tipográfico chamado “*lettering*”, que cria e manipula letras tipográficas para o uso específico do design de marcas. A diferença com a tipografia é que se considera as letras como uma imagem indivisível (IRAOLA 2013: 16). O traço mais pessoal do “*lettering*” contrasta com as caixas de texto mais geométricas e ordenadas, é mais emotivo e empático. As duas marcas apelam ao plural e são integradoras.

A palavra *Governem-nos* é acompanhada por uma estrela no final da palavra, que completa a marca. Essa estrela pode representar a revolução, relacionando-a com a bandeira cubana, identificando a república livre, independente e soberana, e também a unidade (ECURED, *ecured.cu*); na simbologia política de esquerda representa também o internacionalismo. A *senyera*⁴⁸ *estelada* utilizada pelos independentistas também emprega uma estrela; criada por Vicenç Albert Ballester e inspirada na bandeira de Cuba, ela representa a luta pela soberania.

As campanhas audiovisuais independentistas também se focaram na “integração” como fator principal do movimento. *Junts pel Sí* desenvolveu uma “*película de campaña*” a que, com uma clara intenção de convite, chamou “*Junts ho podem tot*”⁴⁹. O “filme” contou com a participação dos 350 candidatos da lista, entre os que se destacam os representantes das 4 principais províncias: Barcelona, Girona, Tarragona e Lleida.

No vídeo representa-se um lugar “sonhado”, como uma utopia que se contrapõe à imagem do lugar real, por ser de imaginação e de melancolia. Entre esses lugares do real e da utopia poderia encontrar-se a *heterotopia*, “um lugar real, que existe, uma espécie de contralocal, uma espécie de utopia realizada, na qual se podem encontrar todos os lugares reais de uma cultura” (SEIÇA SALGADO 2014: 90); neste caso é uma cultura em construção, uma cultura híbrida. Podem observar-se muitas pessoas felizes, de diversas idades e origens, que interatuam em distintos cenários. A luz parece corresponder maioritariamente ao pôr do sol, a “hora mágica”⁵⁰; há famílias, casais heterossexuais e homossexuais. A sensação de se estar a sonhar, num ambiente ideal, é transmitida através de sorrisos e risos, imagens cálidas no meio de festas e da natureza (Figura 24). As pessoas falam de justiça, liberdade, força, coragem,

⁴⁸ A *senyera* é a bandeira que pertenceu à antiga Coroa de Aragão e que atualmente é usada oficialmente como bandeira autonómica de Catalunha, Aragão (com o escudo de Aragão), à Comunidade Valenciana (com uma franja azul e uma coroa) e às Ilhas Baleares (com um retângulo roxo e um castelo).

⁴⁹ Juntos podemos tudo.

⁵⁰ Termo empregado em cinema e fotografia referente aos minutos antes do pôr ou nascer do sol, que ajudam a transmitir ambientes nostálgicos.

também de trabalho, inovação e sonhos, tudo o que traria um novo país construído em conjunto.

O vídeo da CUP também apela a “todos”, numa imagem que lembra um “*road-movie*” (Figura 25), e começa com a frase “baseada em realidades políticas” sobre um fundo preto. A atuação, realizada pelos antigos deputados e os novos candidatos da CUP, apresenta, através de diversas metáforas e ironias, a situação atual do processo, simbolizado por uma carrinha.

A meio do caminho, a carrinha avaria-se e para. A partir desse momento começam os diálogos que aludem à proposta política do partido, como a justiça, a desobediência e soberania, e também a ideia dos *Països Catalans*, do anticapitalismo e do feminismo. Outros personagens aparecem no vídeo, um carro representa a CDC, os passageiros usam roupa de executivos e uma pulseira de *merchandising* com a *estelada* (Figura 26). Outro carro, com a música de Joaquín Sabina (músico que se posiciona contra o independentismo), dirige-se apressadamente em sentido contrário, e numa placa pelo caminho pode ler-se Madrid 1978 (ano da assinatura da Constituição espanhola) (Figura 27).

No final do vídeo, ao pôr do sol e depois de resolvido o problema do pneu furado, chamam a outra integrante da CUP, que promete ajuda. A carrinha começa a mexer-se, aparece na imagem um grupo de pessoas que a empurra, o grupo aumenta. O vídeo acaba com o texto “... *quan el motor és la gent*”, *Governem-nos* (marca) (Figura 28). As pessoas “fazem andar o processo”.

Também foram feitos outros vídeos, convidando todos os cidadãos a participar no movimento. Os vídeos do *Junts pel Sí* mantinham normalmente aquele tipo de imagem de sonho, de fantasia, esperança no vídeo descrito anteriormente, enquanto a CUP utilizava uma imagem mais crua e direta, menos “idílica” e mais frontal.

A língua catalã mistura-se com o castelhano em alguns dos vídeos analisados do *Junts pel Sí*; Também se mostram alguns rasgos da tradição, como o *castell*, mas através de um enquadramento apenas das mãos e rostos, que apoiam a metáfora

*“fem pinya”*⁵¹. É preciso mais pessoas para fortalecer a base para um *castell* mais estável e resistente (Figura 29).

Nos vídeos *“Si, tot és possible”* do *Junts pel Sí*, convida-se o povo à rebelia, à esperança e ao entusiasmo. As imagens destes dois vídeos é igual, mas muda o discurso que o acompanha, o apelo e também o ator que o pronuncia. Artur Mas (JUNTS PEL SÍ, *YouTube*, 24/09/15) encoraja os cidadãos que foram votar na Consulta do 9N a reafirmar o compromisso com a independência nas eleições do 27S. O discurso apela à atitude de combate e de autoafirmação das pessoas que votaram por um futuro melhor e por um país livre, frente a um estado espanhol intimidador.

No segundo vídeo da “saga” é Oriol Junqueras (JUNTS PEL SÍ, *YouTube*, 24/09/15), presidente da ERC que fala. Junqueras apela à fé, ao entusiasmo, à liberdade, à dignidade e à democracia, defender o eleito nas urnas de todas as formas, mesmo sem termos escolhido o lugar onde nascemos nem “la llengua amb que ens parla la nostra mare”, podemos escolher onde viver e onde trabalhar. As imagens de ambos os vídeos mostram os candidatos subindo a diferentes cadeiras em diversos ambientes, praia, cidade, bosque da Catalunha (Figura 30). A ação de subir a cadeira lembra a cena do filme *“Dead Poets Society”* (*El Periódico*, 24/09/15) na qual os alunos sobem à secretária para “ver o mundo de uma maneira diferente” (MBRICA, *YouTube*, 26/01/14). No final, o número um da lista, Raül Romeva diz: *“Si, tot és possible”*.

Elementos que podem ser identificados como “identitários”, próprios da cultura catalã, aparecem como secundários, enquanto parte da composição da imagem, el Borne, a igreja de Sant Felip Neri⁵² (Figura 31), nos vídeos de *Junts pel Sí*, enquadrando a comunicação principal; ou como parte de uma narrativa juntamente com outros eventos equiparáveis de apelo à justiça, como a queda de Allende (Figura 32) ou o terrorismo de estado como consequência do 11S das Torres Gémeas (Figura 33), no vídeo da CUP.

⁵¹ “Fazer pinha”, expressão usada normalmente nos *castells*, mas também para simbolizar a base forte para um objetivo, sem importar o origem ou as características pessoais de quem participa.

⁵² Igreja localizada no bairro Gòtic de Barcelona. Na fachada podem ver-se os impactos de balas da Guerra Civil.

Nos vídeos “#OPODEMTOT” (PREMSA CUPNACIONAL, *YouTube*, 23/09/15) e “#275 Governem-nos per canviar-ho tot!” (PREMSA CUPNACIONAL, *YouTube*, 03/04/14) a CUP procura atingir todas as pessoas que queiram mudar o sistema a partir de baixo, com uma proposta independentista, mas sobretudo antissistema. O primeiro vídeo usa imagens de arquivo que apelam à sensibilidade dos vídeos documentários e históricos. Com essas imagens misturam-se outras de discursos fervorosos, e uma música que vai aumentando a cadência e a força.

O segundo vídeo é criado através de uma montagem de imagens onde os partidos e personagens contrários compõem o seu próprio discurso político: separatismo, anticorrupção, antissistema com os seus *slogans* (Figura 34). Os dois vídeos apelavam a uma unidade popular sem distinções, contra o capitalismo e contra as oligarquias, comprometendo-se na luta para mudá-los.

As entidades independentistas criaram, dentro da campanha *Ara és l’hora*, um espaço participativo onde as pessoas expõem os seus motivos e desejos a partir dos quais acreditam que tem que ser construído um novo país. No *site* de *Ara és l’Hora* apresenta-se os depoimentos tanto de pessoas conhecidas quanto anónimas ao lado da sua fotografia, agrupados em diversos temas, como “*pensions*”, “*dignitat*”, “*bienestar*”, entre outros. Segundo o *site* da Òmnium Cultural, “en la línia de l’eix central de la campanya, basada en arribar a totes les llars del país per tal d’escoltar els somnis i desitjos de tothom per a construir un país nou”⁵³ (ÒMNIMUM CULTURAL, 01/10/14).

No *site* da campanha qualquer pessoa podia participar, preenchendo o espaço que se assemelha a um “*lembrete*” interativo, que começa com a palavra “*Vull:*” ou “*Quiero:*” e acaba com o “*#SíSí*”. A estética corresponde aos pequenos blocos amarelos onde se escrevem listas e coisas para não serem esquecidas, ou para lembrar outras pessoas, conhecidos normalmente como “*Post-it*” (marca). A campanha desdobrou-se em muitos suportes visuais que lhe deram maior visibilidade, tais como a instalação de painéis *led* à entrada da cidade de Barcelona e grandes cartazes nas ruas. Também se repartiu material para as pessoas usarem, como pequenos blocos do

⁵³ “O eixo central da campanha baseia-se em chegar a todos os lares do país para ouvir todos os sonhos e desejos das pessoas para construir um país novo” (tradução minha).

tipo “post-it”, adesivos e bandeiras, que eram penduradas nas varandas dos prédios (Figura 35).

No final da mesma campanha, realizou-se um grande inquérito chamado “Gigaenquesta” “*per saber quina Catalunya volem i després, fer un país nou entre tots*”⁵⁴ (ANC, *assemblea.cat*, 02/10/14), nas palavras da presidenta do *Òmnium Cultural*. O questionário tinha a estética mencionada anteriormente (Figura 36) e continha uma série de perguntas relativamente às políticas de uma Catalunha independente, às quais o entrevistado podia responder escolhendo uma das opções propostas. A última pergunta da inquérito era: “*Anirà a votar el dia 9 de Novembre?*”⁵⁵. O questionário também era disponibilizado na internet para ser impresso, preenchido e enviado às instituições⁵⁶. Os resultados da “Gigaenquesta” foram disponibilizados no site de “*Ara és l’Hora*” (ARA ÉS L’HORA, *araeshora.cat*).

Outro projeto representativo nessa procura integradora e participativa foi “*The Catalan Project*”, dirigido “a todos os cidadãos que trabalhem e/ou vivam em Catalunha e que tenham propostas para criar um país melhor” (THE CATALAN PROJECT, *Facebook*, 11/09/12). A plataforma começou criar vídeos de tipo infográfico, numa linguagem gráfica atual, animados e didáticos, sobre benefícios de uma Catalunha independente (THE CATALAN PROJECT, *YouTube*) (Figura 37). Também fez o vídeo de apresentação da entidade *Súmate*. Uma das características mais destacáveis do seu trabalho foi a utilização do design e de *media* digitais; o site do “*The Catalan Project*” permitia aos interessados fazer uma proposta e compor a mensagem na forma de *colagem*, incorporando vídeos, avisos, fotografias, que seria partilhada nas redes sociais.

O convite à “esperança de um novo país” não é recebido de igual forma por todos. Como já falámos anteriormente, a “experiência” de classe social e a sua origem parece continuar a apresentar barreiras ao independentismo integrador, que busca afastar-se do “etnonacionalismo” (HOBSBAWM 1992: 4; SMITH 1997). Carlos de Palma

⁵⁴ “Para saber que Catalunya querem e depois, fazer uma entre todos” (tradução minha)

⁵⁵ “Irà votar no dia 9 de novembro?” (tradução minha).

⁵⁶ PDF disponível em: <https://atua.araeshora.cat/page/-/ENQUESTA.pdf>.

Corchado, vizinho do Hospitalet de Llobregat, município da Província de Barcelona, tem raízes andaluzas e portuguesas. Ele não é independentista mas diz que os seus tios e primos, da mesma origem, abraçaram o independentismo por razões económicas: *“España nos roba”* repetem. O primo vive no Brasil, mas diz que voltará para o país numa *“Catalunha independente”*. Segundo se lembra, na sua família não se falava catalão anteriormente, mas agora sim. A namorada de Carlos, Azahra, nascida em Vilanova i la Geltrú, cidade da província de Barcelona, mostrava-se estranha com essa mudança de língua, assegurando que *“no van a ser menos catalanes por hablar en español”*.

Diversas são as vozes que mantiveram a crítica sobre as reivindicações baseadas na cultura do independentismo (ROBLES, *El Mundo*, 06/06/16), que deixava por fora *“gente que não se encaixava na imagem idílica de uma Catalunha inventada, (...) que confronta quotidianamente com um classismo baseado na língua, a cultura e o lugar de nascimento”* e não pode *“subscrever ao independentismo porque historicamente não se identifica com a cultura oficial (...) da qual se sentem excluídos e porque não querem cortar laços sentimentais que os une com seus origens a Espanha”* (ALABAO, *El Crític*, 04/12/15).

Marcos Pardeiro identificava duas maneiras de ver o independentismo, uma emocional e uma racional, para ele, a nível emocional, *“el que se siente 100% catalán, 100% involucrado con Cataluña y siente la idea de España como, y vamos a decir... ‘más lejana’..., que nunca a tenido ese ‘cuadro mental’ o ‘cuadro emocional’ de España, pues... no tiene ningún problema con sumarse al movimiento independentista”*. Mas, a nível racional, que Pardeiro identificava igual de importante, reflexionava *“yo creo que es bien posible que tu cambies de bando, de ser no independentista, a ser independentista, (...) hay gente que cambia de bando pensando que la independencia le va a reportar mayor bienestar... que en la Cataluña independiente se va a vivir mejor que en la Cataluña autonómica”*.

IV. 2. O catalanismo socializador

A resolução do *Tribunal Constitucional* sobre o *Estatut de Autonomia*, aprovado previamente pelos cidadãos, foi interpretada como uma humilhação ao povo catalão, o que detonou uma série de consultas independentistas realizadas em diversas cidades e vilas da Catalunha. Segundo Liz Castro da ANC, essa “agitação” vai permitir reconhecer nos próprios cidadãos esse “sentimento coletivo”, o movimento já não só pertence a “*algunos freakies independentistas*”, mas a um grupo maior que “se permite” pensar nesses termos. Essa proximidade entre as pessoas de uma mesma convicção possibilitará, entre outras coisas, a organização e o nascimento da ANC.

“Creo que la gente era muy fuerte, tenían esta capacidad de movilizarse, de organizarse, de hacer una cosa grandísima, pero bien! Era un “guau!”, no sólo no estamos solos, sino que somos muy potentes!, podemos hacer esto! podemos ganar y todo! Para ganar una cosa debes creer que la puedes ganar... en los años 80 nadie lo intentaba porque todos pensaban que era imposible y ahora lo intentan porque lo ven posible, yo creo... piensan que es posible...”.

O sentimento partilhado de humilhação, surgido de raiz das ações do Governo espanhol, integrou as pessoas que buscaram no processo independentista uma reivindicação pela dignidade do povo catalão. “*No sólo la humillación del TC, sino la humillación absolutamente innecesaria de la pos-guerra*” assegurava Renté. Segundo Solé, a humilhação afetou muita gente que antes não era independentista. Ele lembra uma frase do presidente de Súmate: “*a mi lo que me ha hecho independentista es el Sr. Rajoy, iyo no era!*”.

David Miró, jornalista do jornal *Ara*, assegurava: “*a un ‘tío’ que tiene identidad autónoma, tu no lo podes humillar, a un ‘tío’ que necesitas, que puede imaginarse a él mismo como un país independiente...*” (tradução minha). Pere Cardús do *VilaWeb* atribuía o movimento também a esse sentimento: “*este cambio lo que lo ha hecho es que muchos de los que se sentían catalanes han sentido un punto de humillación desde Madrid y ese sentimiento va a permitir ligar el movimiento social, que funcionara de una forma organizada y eso, va a obligar a los partidos a sumarse también*” (tradução minha).

No dia 10 de julho de 2010, depois da resolução do *Tribunal Constitucional*, Òmnium convoca uma manifestação segundo o lema *“Som una nació. Nosaltres decidim”*, onde começaram a ouvir-se clamores independentistas. *“La manifestación de ‘Som una nació’ fue muy importante, en el sentido de dotarnos a nosotros mismos de esa condición de nación, de pueblo, y de ahí se ha podido pasar a ‘y bueno, si somos una nació, ejerzamos de nación’”*, recorda Quim Torra. As *Diadas* desse mesmo ano e do ano seguinte começaram a caracterizar-se por uma participação crescente de pessoas que antes eram autonomistas, no independentismo. Desde o ano de 2012, com a participação da ANC, as *Diadas* foram símbolos de civismo e convivência pacífica que procuravam carregar a independência de entusiasmo e transformá-la num exercício de democracia.

As diferentes *Diadas* responderam a um momento-chave do processo. No ano 2012 tinha como lema *“Catalunya, nou Estat de Europa*, numa alusão às aspirações independentistas e soberanistas catalãs. *“Desde el 2012, la Diada es mas reivindicación... hemos pasado del derecho a existir a reivindicarnos como pueblo”*, assegura Solé. Foi silenciada nos jornais espanhóis, mas visível nos jornais internacionais (MUSEU D’HISTORIA DE CATALUNYA 2014: 68).

A participação na *Diada* foi ficando mais complexa a cada ano, adquirindo outras funções e elementos performativos que relacionaram as pessoas de uma outra maneira, com um objetivo diferente. A chamada *“Via Catalana”*, inspirada na *“Cadeia Báltica”*, foi uma cadeia humana realizada através da antiga Via Augusta, denominada pelos organizadores como *“a coluna vertebral dos Països Catalans”*. Para Carme Forcadell, presidenta da ANC naquela época, esta tinha por objetivo *“simbolizar a unidade do povo catalão para alcançar a soberania nacional”* (COLOMER, Ara, 19/06/13). A *“Via Catalana”* foi organizada simultaneamente noutros países e regiões, por catalães que estavam no exterior, com o propósito de conferir maior visibilidade à reivindicação, bem como um sentido de unidade, independente do lugar geográfico (Ara, 10/09/13).

Num conhecido programa de *“La Sexta”* (cadeia espanhola de âmbito estatal) chamado *“Salvados”*, o jornalista catalão Jordi Évole convidou Cristina Cifuentes, presidenta da Comunidade de Madrid pelo PP, para ir a Barcelona almoçar com uma

família catalã e falar sobre o processo independentista. Numa parte do programa pode observar-se a esperança com que a família que participou na cadeia humana da “*Via Catalana*”, relatando o momento de comunhão, de “aventura”, de conhecer gente nova de todas as idades. Guillem, um dos participantes, mostra entusiasmado, no telemóvel, as fotos das *Diadas* que guarda como lembrança (LaSexta, *YouTube*, 09/12/15) (Figura 38).

No ano de 2014 a *Diada* foi novamente organizada pelas entidades independentistas ANC e *Òmnium*. A manifestação foi subvencionada por fundos privados de entidades locais e regionais, segundo informa o jornal *El País* (ROGER, *El País*, 17/07/14), e 7 mil voluntários. Segundo a contagem da *Guardia Urbana*, participaram 1 milhão e 800 mil pessoas, vindas de todos os pontos da geografia catalã (PI, *La Vanguardia*, 11/09/14). O “V”, de “Voto” e de “Victoria”, gigante foi formado entre duas das principais avenidas de Barcelona, *Diagonal* e *Gran Vía* e, no ponto de encontro, a *Plaza de las Glòries*, o ato simbólico de uma jovem (de 15 anos, que fazia 16 no dia 9 de novembro, idade permitida para votar na consulta), que às 17:14h (pelo ano 1714) depositou o voto na urna (Figura 39).

O “V” foi formado por uma *senyera* gigante de pessoas com t-shirts vermelhas e amarelas de “*Ara és l’Hora*”, campanha das entidades independentistas participantes. Os voluntários ajudavam os participantes a encontrar a sua localização na “grande imagem”. As fotos aéreas tiradas tinham o objetivo de internacionalizar o conflito: junto de bandeiras *esteladas* e *senyeras*, estendiam-se outras gigantes com as caras de líderes políticos do mundo como Obama, Merkel, Cameron, Peña Nieto e Dilma Rousseff. Através da representação do ato da votação, procuraram “assegurar a consulta prevista para o 9N”. O ambiente foi festivo e participaram pessoas de todas as idades (Figura 40).

No ano de 2015, a “*Via Lliure*” foi ainda mais elaborada e performativa do que as anteriores. Para a correta participação no evento foram feitos vídeos (ASSEMBLEA VIDEO, *YouTube*, 06/09/15) (Figura 41) e infografias instrutivas sobre tudo o que precisava de ser feito. Foram comunicados nos sites institucionais, jornais, aplicativos diversos e redes sociais (ASSEMBLEA NACIONAL, *Twitter*, 02/07/15). A “*Via Lliure*” foi de Sant Andreu até ao *Parlament de Catalunya*, através da Avenida Meridiana. Os

participantes ocuparam a avenida, deixando uma via no meio onde passou um grande ponteiro amarelo que simbolizava a direção rumo ao *Parlament*. Os participantes tinham ponteiros (do tamanho A3 aproximadamente), coloridos de acordo com trecho que ocupavam, que representava uma reivindicação particular (Figura 42). À passagem do ponteiro central, os participantes tinham que levantar e depois baixar os ponteiros de papelão.

Pela distribuição dos setores de acordo com as regiões da Catalunha e a agrupação dos coletivos participantes, as pessoas que já se conheciam, ou eram mesmo vizinhos nas regiões, coincidiam no mesmo trecho, o que facilitava o reconhecimento e a socialização. Com a participação na *Diada* mediante a inscrição no “*Catalan Weekend*”, comprovou-se a “comunhão” entre as pessoas num ambiente de festa onde todos sorriam e tiravam fotografias (Figura 43). Mesmo dias antes da *Diada*, os participantes começaram a partilhar a sua “ansiedade” nas redes sociais através de mensagens encorajadoras e “*memes*” sarcásticos (Figura 44).

O economista Albert Renté relatou alguns dos pontos mais importantes da manifestação da “*Via Lliure*”, vistos em função de uma perspetiva cultural internacional: para os alemães, o importante foi que a manifestação tenha sido feita de maneira ordenada e que depois tenham ido embora; para os franceses, que as “*maires*”, as autarquias, “*instituciones muy apreciadas por ellos*”, tenham apoiado o presidente, “*¡que la ‘maire’ se mueva!*”; para os EUA, “*todas esas personas y ¡sin violencia!, ¡sin intervención policial!*”; para os ingleses, “*todo ese movimiento, y todo limpio, ¡las personas llevaron los desperdicios para casa!*”. Finalmente, o que Renté sinalizou como mais importante, o movimento intergeracional, “*los abuelos pidiéndole a los nietos que les corten y pinten las cartulinas... ¡he hablado con gente que lo ha hecho!*”. E resume finalmente, “*son hechos que marcaron esta estrategia...*”.

A participação é percebida como um elemento ritualista, um processo da sociedade caracterizado por uma antiestrutura social, que Victor Turner chamou de “*communitas*” (TURNER 1974: 5-6). A “*communitas*” é uma experiência comum ao grupo, num ponto de “*liminaridade*”, de transformação de um estado para outro. A *Diada* demonstra a emancipação temporária de normas sócio-estruturais instauradas, como também a consulta do 9-N, percebidas como ameaças por um Estado espanhol

que quer manter a estrutura de país (idem 133) e utiliza toda a sua força para evitá-las. A *Diada* como elemento ritual representa um jogo duplo, de representação para fora mas também para dentro do grupo.

Nas últimas manifestações reivindicativas do 11 de setembro, o figurino dos participantes teve um papel essencial. Em 2014, as pessoas vestiam t-shirt vermelha ou amarela, de acordo com a posição que ocupavam no “V”. O participante “era parte” da grande *senyera*. Essa vestimenta (que podia comprar-se na loja da ANC), fora do padrão comum, transformava o próprio corpo em imagem (Figura 45); esse intercâmbio do “corpo em imagem, na qual o invisível (o corpo portador) e o visível (o corpo da manifestação) conformam uma unidade medial” (BELTING 2007: 44-5). A intervenção das pessoas na *Diada* de 2015 foi ainda maior; além de usarem uma t-shirt específica, e de se localizarem num lugar determinado, fizeram parte de uma coreografia conjunta, respondendo a um enunciado que transformava o “corpo” dos participantes num portador social de signos numa escala maior, com uma intenção conjunta: a imagem de um “V” representativa da vontade do povo em 2014 e uma “*Via Lliure*” dinâmica, em 2015, na qual os participantes “avançavam” até ao *Parlament de Catalunya* exigindo um novo Estado.

A consulta do 9N foi outro acontecimento que revelou o “*communitas*” dos atos reivindicativos, que mesmo sem ter resultados reais aplicáveis, mostrava no exercício da participação, o entusiasmo do objetivo comum e o reconhecimento conjunto desse desejo. O 9N celebrou-se mesmo depois de duas suspensões do *Tribunal Constitucional*, em resposta ao recurso apresentado pelo Governo central espanhol. A segunda suspensão correspondeu ao processo participativo, no qual Artur Mas havia transformado a consulta de autodeterminação, que tiraria qualquer tipo de responsabilidade do governo catalão da sua organização (*El País*, 29/09/15). Após as denúncias apresentadas contra Mas, o Tribunal Superior de Justiça da Catalunha procede à sua imputação e da sua equipa de governo por terem possibilitado a consulta do 9N.

O procedimento do Governo espanhol fortaleceu novamente o processo, provocando novos atos performativos. As entidades independentistas convocaram à cidadania diferentes atos que, sob o lema: “*9N som tots*” procuravam mostrar o seu

apoio aos governantes, “por terem ouvido o pedido do povo de colocar as urnas”, partilhando assim a responsabilidade da consulta. Os atos foram convocados na Plaça Sant Jaume, frente à *Generalitat* e no Passeig Lluís Companys frente ao Tribunal Superior de Justiça da Catalunha, nos dias das declarações dos imputados.

Diversos espaços também são utilizados como oportunidades de socialização e para atos rituais. Alguns dias antes da Diada de 2013, no dia 9 de setembro, abriu as portas o *Born Centre Cultural*, inaugurando uma série de atos pela comemoração do tricentenário da queda de Barcelona. Esta será uma oportunidade essencial para a utilização do passado como uma peça do presente (Lowenthal, citado por GODINHO 2012: 13). A abertura do *Centre* reuniu as autoridades mais importantes do âmbito político, institucional e cultural da Catalunha, num lugar que exhibe os vestígios da Barcelona do século XVIII. O *Centre* foi pensado para ser um espaço de sociabilização, recriação e memória.

O *President* Artur Mas aproveitou o ato para fazer uma comparação simbólica entre o passado e o presente do *Born* e da *Citadella*; o *Born* representou a derrota, e a *Citadella*, a repressão e a vigilância; mas hoje, afirmou Mas, vão simbolizar a soberania como povo e país, uma soberania ainda reduzida, mas que vai demonstrar o espírito de superação do povo catalão. “*El 1714, les llibertats van caure, però no van morir*” (VilaWeb, 10/09/13). Os discursos fazem parte de encenações rigorosas, e permanentes dramatizações (BALANDIER 1980: 18) que terão a finalidade de sensibilizar ao público.

O *Centre* servirá como um museu vivo, um espaço onde é possível apelar à memória coletiva da cultura, trazer as imagens para o momento presente; é essa memória coletiva que mantém o lugar vivo. As culturas têm a capacidade de renovar-se através do esquecimento bem como da lembrança, na qual se transformam (BELTING 2007: 85). As imagens da lembrança têm um papel fundamental nessa mudança, as pessoas não só as recebem, mas também as produzem.

O *BornCC* vai conceder ao passado um lugar na atualidade. Para Pierre Nora, a função do *lugar de memória* é “parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, e claro, é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a

metamorfose, no incessante de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA 1993: 22). Ao anular a noção do passar do tempo, esses lugares são capazes de transformar o tempo em imagens e de apelar à lembrança numa imagem (BELTING 2007: 85), manifestando nela uma compreensão do passado que representa.

A exposição “*Donec Perficiam*” (Figura 46)⁵⁷, que aconteceu no *Centre*, assim como o documentário “*El cas dels catalans*” (TV3, *ccma.cat*, 11/09/14), narravam as histórias dos habitantes de Barcelona que haviam vivido aquele acontecimento de 1714. No documentário, diferentes pessoas atuam e leem os textos de Francesc de Castelví no meio de ruínas (Figura 47), trazendo novamente ao lugar as histórias particulares que nele aconteceram, aproximando as pessoas das duas épocas, ajudando a transformá-lo num lugar merecedor de ser lembrado (idem 86). A exposição “*Donec Perficiam*” foi apontada como “mausoléu independentista” pelo *Partido Popular*, que também quis suprimi-la (PALMER, *NacióDigital*, 16/11/15).

Desde meados de 2015 “*El Born*” vai passar a depender de um novo comissário do departamento de *Estudis Estratègics i Programes de Memòria* do *Ajuntament de Barcelona* (FRISACH, *El Punt Avui*, 01/09/15). Em 2016 gerar-se-á um debate sobre o nome e função do *Centre*, com os partidos independentistas a tentarem manter o nome e o modelo de museu. Em abril de 2016 este passará a chamar-se “*El Born Centre de Cultura i Memòria*”, para “destacar o seu passado de memória coletiva” (*NacióDigital*, 11/02/16). Em fevereiro de 2016, o historiador Ricard Vinyes ficou responsável pelo *Born* e pela mudança do *nomenclador cartogràfic*. Segundo Vinyes, o novo governo, através da criação do comissário de *Memòria Històrica*, quer pôr em movimento uma política pública de memória, “para garantir a todos os cidadãos o acesso ao debate sobre como construir a imagem do passado” (MARIMON, *Ara*, 16/02/16).

Para ele, o *Born* não devia manter a linha que tinha até agora, “no son las ruinas de una guerra sino ruinas de la desición de un monarca que, para alzar su

⁵⁷ Até consegui-lo. Era o lema nas bandeiras de unidade militares austracistas. Exposição temporal que cenifica a batalha do dia 11 de setembro de 1714, que conduziu à queda de Barcelona nas mãos de Filipe IV (S.M., *Ara*, 10/03/13).

fortaleza, destruye proyectos personales de todos los que vivían ahí, (...) El Born es un espacio integral de memoria”. Joan Solé confirmava: *“tu al enemigo, o lo mimas o lo destruyes... ellos intentaron destruirlo, fracasaron, por lo tanto eso resurge... o en 10 años o en 300... en este caso”*.

O papel da sociedade é chave no movimento independentista. O exercício do *“communitas”* nos rituais reivindicativos propiciou os eventos acontecidos até agora. Segundo afirma o diretor do *VilaWeb*, “o 9N (a consulta) não teria acontecido sem a “Via Catalana” e o 27S (as eleições) não teriam chegado sem “La Meridiana” (...)” (PARTAL, *VilaWeb*, 08/06/16).

IV. 3. O catalanismo “espetacular”

“Desde hace algunos años, el movimiento se ha convertido prácticamente en mainstream en la sociedad”. MARCOS PARDEIRO

O catalanismo independentista soube articular o processo relacionando-o com uma experiência à moda, com entusiasmo, com atributos modernos que o identifiquem e ao mesmo tempo o afastem de uma Espanha que não consegue atualizar-se, presa aos valores opressivos do nacionalismo franquista (RIDAO, *El País*, 29/09/01) representado principalmente pelo governo do *Partido Popular* mas também por todos aqueles que não exibem uma alternativa clara à situação atual. Para Pardeiro, jornalista do *La Razón*, os independentistas conseguiram associar “independentismo” a “prosperidade”.

A proposta independentista pareceu adaptar-se melhor à situação que vivia Espanha, como uma possível saída à crise económica, uma alternativa que apela à emoção, à esperança e ao entusiasmo na construção de um futuro melhor. Para David Miró, do jornal *Ara*, a indignação política provocada pelo Tribunal Constitucional convence as pessoas que não acreditam nos partidos nem nas instituições a aderir ao independentismo, *“independencia para cambiarlo todo, para crear un nuevo país de cero, con instituciones nuevas, para hacerlo diferente de España”*.

As redes sociais, assim como os *media* e as instituições, tiveram um papel fundamental na espetacularização do catalanismo independentista, criando e reproduzindo uma extenssíssima quantidade de imagens relacionadas com o movimento. Também a confrontação entre os atores independentistas e “espanholistas” ou “unionistas” fomentou a visibilidade do processo a nível nacional e internacional.

Com esse objetivo, o professor Àlex Calvo explicou a importância dos catalães escreverem a sua própria narrativa sobre o processo para o exterior, evitando as possíveis “distorções da propaganda espanhola”. Calvo acentuava a necessidade de omitir o uso de algumas palavras como “nacionalismo” ou “secessão” por serem palavras “tóxicas”, e de trocá-las por outras de maior aceitação nos diferentes países. Também lembrava a relevância de insistir sobre a “conquista” espanhola da Catalunha, para apelar ao “principio de autodeterminação dos povos” (CALVO, *Tribuna.cat*, 06/05/14). Da mesma maneira se reconhece um grande cuidado no tratamento das imagens, evitando assim produzir imagens “tóxicas” que pudessem desvirtuar ou sujar o carácter pacífico e democrático do movimento.

Outra das apostas do movimento foi o “direito a decidir”, apresentado como um novo conceito a partir de uma *evolução natural* do “direito à autodeterminação”, não aplicável ao caso da Catalunha (LÓPEZ 2011: 5). Segundo o jornal *Crónica Global*, Jaume López Hernández, um dos promotores do termo, argumenta: “para que o ‘direito a decidir’ se converta num novo referente de análise e legitimação das reivindicações em defesa da criação de novos estados, é preciso difundir o conceito e aprofundar nas suas implicações teóricas” (TERCERO, *Crónica Global*, 19/09/13, tradução minha). O discurso independentista evoca o termo em muitas ocasiões, para justificar as suas reivindicações.

Académicos como Natalia Aruguete ou o jornalista José Antich reconhecem a influência dos *media* na construção das agendas mediáticas, políticas e públicas. “*Los medios no sólo dirigen nuestra atención hacia aquello sobre lo que pensar, también delinean un mapa, crean un ambiente, y proponen alternativas frente a las cuales la gente se posiciona políticamente*” (ARUGUETE, *Anfibia*). Antich identifica a televisão

como o “rei” do mundo atual da política-espetáculo, onde os candidatos “desfilam” e trocam favores⁵⁸.

Sobre a construção social da realidade, Aruguete cita o sociólogo Gaye Tuchman, que assegura que a notícia não é uma descrição de acontecimentos subjetivos, mas uma “janela para o mundo” da qual depende a posição de cada um, a direção do olhar e a localização de dita janela. O espetáculo político contém uma narração na qual a produção e difusão de notícias é subordinada a uma lógica dramática. Nas palavras de Edelman, “o espetáculo constituído pelas notícias continuamente constrói e reconstrói os problemas sociais, as crises, os inimigos e os líderes, criando de tal maneira uma sucessão de ameaças e seguranças” (ARUGUETE 2013: 209-10).

Eventos como a queda de Barcelona em 1714, a Guerra Civil ou as fortes represálias de Franco, além de muitos dos acontecimentos que ocorrem na atualidade, são recursos para a espetacularidade do processo, vividos e revividos de maneira mediática. Segundo Natalia Aruguete, a exposição das imagens não responde a uma análise política de causas e consequências, mas de maneira mais “excitante” brindam um “mundo de eventos caóticos que aparecem e desaparecem”, oferecendo poucas explicações sobre as suas origens, “isolando aos atores e ações, tirando o contexto social” (idem 211/4).

Marcos Pardeiro reconhece a manipulação histórica como um dos elementos chave do movimento independentista: *“eso de que llevamos 300 años reprimidos ¡no se aguanta! (...) desde el soberanismo se ha explicado muchas veces el 1714 como una batalla entre catalanes y españoles... ¡es falso! ¡Era una batalla entre austracistas y borbónicos!”*. O catedrático de História Moderna Ricardo García Cárcel identifica o “discurso victimista” catalão a partir dessa batalha, sobre o qual pretende dar uma “imagem identitária entre catalães e espanhóis” (CUARTANGO, *El Mundo*, 12/09/14). Discurso que o antropólogo catalão Josep Llobera defende, sob a teoria exposta no capítulo 1 da presente pesquisa, de uma “consciência nacional” já presente nessa época.

⁵⁸ Antich refere-se à punição efetuada pela *Junta Electoral Central* espanhola à TV3 por ter realizado a retransmissão da manifestação de 11 de setembro de 2016 (ANTICH, *El Nacional*, 07/12/15).

*“Todos los días, por todos los canales, se libran batallas por la interpretación de la realidad”, cenário no qual o “homem mediático” utiliza os meios digitais para comunicar as próprias ideias, afastando-se dos envoltórios do marketing (VINCENT; CARRERA, *Anfibia*). A possibilidade de “participação tecnológica” através da internet origina um movimento de oposição à estandardização mundial das imagens “que põe novamente em jogo o imaginário no seu sentido cultural específico” (BELTING 2007: 103).*

O desenvolvimento dos eventos e as constantes coberturas realizadas pelos *media* e instituições produz uma autêntica voragem de sensações, *“Ahora, visto la política como quién mira el deporte, el momento es apasionante, es muy divertido de ver, es histórico. Llevamos unos 20 días históricos, entre las manifestaciones, las firmas de decretos, las elecciones, las consultas que no eran consultas”,* refletia Pardeiro.

A *Diada* é um dos “produtos estrela” do processo, através do qual se busca comunicar e contagiar o “espírito independentista”. *“¡Sólo nos falta natación sincronizada o... lanzarnos en paracaídas!, todo lo demás lo hemos hecho!”* brincava Quim Torra, *“Ahora hay que hacer otra serie de movilizaciones, y seguramente en apoyo a las instituciones del país o para desobedecer lo que sea necesario desobedecer, (...) ¡el objetivo no es hacer una performance!”*.

Também Cardús refere a importância das manifestações: *“la historia tiene importancia para el movimiento, pero no como Diada por ser la Diada histórica, sino porque es el día de la movilización mas grande y que se ha movilizado millones de personas”*. Pardeiro falava de um momento de êxtase independentista, *“ahora mismo es genial salir a la calle con la estelada, el movimiento soberanista ha hecho unas demostraciones de fuerza, a nivel movilizaciones, que sólo se pueden clasificar de un éxito, en el momento que sacas a cientos de miles, esto es un éxito lo mires como lo mires”*.

A *Diada*, assim como todos os eventos que puderem relacionar-se com o independentismo, foram reproduzidos inúmeras vezes através de diversos suportes mediáticos. Segundo observa Peter Burke, as imagens que nascem dos acontecimentos compõem um sistema, no qual “cada exemplo faz referência aos anteriores, ao mesmo tempo que acrescenta algum novo elemento ao acervo comum” (BURKE 2005: 220).

Diversas ações e aplicativos foram desenvolvidos para aumentar a participação na *Diada*, a visibilidade e a difusão do evento. A presença de imagens tanto nos jornais nacionais e internacionais como nas redes sociais tem sido fundamental para esses objetivos. As “palavras chave” das campanhas convidavam a exibir a participação (*Ara*, 26/08/13) (Figura 48), identificar-se nela (*TORO, Ara*, 01/04/14) (Figura 49), utilizando os códigos de interatividade do momento, de partilha, de reconhecimento social através da imagem e as redes.

Acontecimentos como a morte do ex-jogador do F.C. Barcelona, Johan Cruyff (*AFP, Col·lectiu Ema*, 26/03/16) e Muriel Casals (*ORRIOLS, Ara*, 15/02/16), ex-presidenta de *Òmnium Cultural* e deputada de *Junts pel Sí*, viraram símbolos de resistência, luta e independentismo catalã. Cruyff recebeu homenagens de diversas entidades e personalidades independentistas que rapidamente foram mediatizadas a nível nacional e internacional (*NacióDigital*, 25/03/16; *NacióDigital*, 24/03/16). Numa das homenagens a Muriel Casals foi sugerido ao *Ajuntament* atribuir a uma rua de Barcelona o seu nome (*LASALAS, El Nacional.cat*, 14/02/16), mas não foi possível por não serem reunidas as condições exigidas (*CAMPS, El Nacional.cat*, 15/02/16). A imagem de Casals passou a representar a “serenidade” do independentismo, o “sorriso da revolta” (*ACN, VilaWeb*, 15/02/16). Um jornalista do *El Nacional* analisou a “ânsia de protagonismo” (*FORN, El Nacional.cat*, 14/02/16) que gerou a morte da deputada na sociedade, a utilização da sua imagem para a promoção de uma ou outra entidade.

As imagens serviram como ferramenta de manipulação nas campanhas e no processo independentista e também “*unionista*”. Os partidos e entidades apropriaram-se das imagens coletivas para os seus próprios fins ou falsearam-nas (*BELTING 2007: 42*), como aconteceu com o *Junts pel Sí*, que se apoderou da imagem da *Diada* de 2015 colocando a sua marca por cima (*El Periódico*, 12/09/15) (Figura 50), ou no *meeting* dos Socialistas catalães, na qual se dissimulava a pouca participação (*CASULLERAS NUALART, VilaWeb*, 16/09/15) (Figura 51). Também os *media* se aproveitaram das imagens, manipuladas até distorcidas, como a suposta relação da CUP com a ETA ou o governo de Maduro (*NacióDigital*, 20/01/16), ou resignificadas, como as das manifestações (*NacióDigital*, 07/11/15). Também estabeleceram comparações e similitudes baseadas em estereótipos (*BURKE 2005: 161*) e temores do

momento, como o terrorismo: “Solo unos yihadistas sin remedio tendrían el valor de aplicar semejante lista de despropósitos sin llevar un Kaláshnikov colgado del hombro y la voluntad clara de usarlo hasta con la madre de uno” (REVERTE, *El País*, 23/11/15) referindo-se à CUP.

A imagem independentista utiliza recursos simbolicamente muito fortes, que relacionam o imaginário e a sua representação. Belting distingue entre a imaginação que pertence ao sujeito, e o imaginário que pertence à consciência e em consequência, também à sociedade e as imagens do mundo, onde sobrevivem a história coletiva dos mitos. Essas imagens comuns pertencentes à ficção só se concretizam em interação com uma figura reconhecível (BELTING 2007: 94-5).

A iconografia política contemporânea utiliza recursos históricos para relacionar as imagens com posições ideológico-políticas. A utilização dos quadros de batalha, como por exemplo a pintura de “*L’Onze de Setembre de 1714*” de Antoni Estruch i Bros (Figura 52), procuram perpetuar as cenas e utilizar o seu caráter heroico. Essas imagens também são utilizadas em diversos suportes, de maneira mais esquemática ou fragmentada (BURKE 2005: 185) (Figura 53).

O elemento que aparenta ter-se transformado no símbolo mais forte e representativo do espetáculo independentista (OM, *Ara*, 20/05/16) é a *senyera estelada*. O símbolo parece ter conseguido carregar a representação do movimento independentista, transformando só com a sua presença, qualquer ato num evento reivindicativo catalanista. Segundo o documentário realizado pela TV3, a *estelada* foi criada por Vicenç Albert Ballester no início do século XX, como uma bandeira provisória inspirada na dos cubanos, na luta contra os colonizadores espanhóis. É considerada um símbolo de combate, já que acompanhou os voluntários catalães na Primeira Guerra Mundial e na coluna chamada *Macià-Companys* durante a Guerra Civil. Também foi utilizada pelos partidários de Francesc Macià na insurreição da Catalunha desde Prats de Molló e adotada em diversos centros catalães como bandeira oficial da Catalunha.

Enric Martínez, do partido *Unidos Sí*, assegura que a *estelada* não pode representar uma festa democrática como a *Diada*, já que foi um símbolo fascista utilizado pelos “*escamots*” do *Estat Catalá*, um grupo separatista “*con ciertos brotes de*

parafascismo que les llevaban a defender la idea de la unidad nacional” (GABRIEL 2000: 88). Essa imagem da *estelada* estava ligada então a outra época, ligada a uma consciência coletiva diferente da atual (BELTING 2007: 21). O novo independentismo parece ter conseguido associá-la a um outro sentimento, apagando assim qualquer referência indesejável.

Nas últimas *Diadas* a partir do ano 2012, a *estelada* foi o símbolo representativo de maior consenso na sociedade catalã; “a sua popularização é uma das chaves do triunfo do independentismo”, assegura o diretor do *VilaWeb*, Vicent Partal (PARTAL, *VilaWeb*, 19/05/16). A identificação da sua imagem com uma mensagem de caráter político e ideológico tornou polémica a sua exibição em edifícios (ESCOBAR MARTÍ, *El Nacional.cat*, 06/05/16) e eventos públicos (PALMER, *El Nacional.cat*, 15/05/16). Em 2015, por causa da exposição de *esteladas* nas bancadas do estádio, o Barcelona F.C. foi sancionado pela UEFA em diversas ocasiões (*Público*, 23/07/15; *NacióDigital*, 19/10/15), o que provocou a reação das entidades soberanistas como a ANC e a *Òmnium* que, quando surgiu a oportunidade, repartiram 30 mil *esteladas* no ingresso ao *Camp Nou* (*NacióDigital*, 04/11/15).

Esta também foi proibida no final da *Copa del Rey* disputada em Madrid, mas desta vez o responsável foi o governo espanhol, o que gerou ainda mais indignação nas entidades independentistas e maior repercussão nos meios nacionais e internacionais. Cumprindo com o seu papel no processo, o jornal *El Nacional* identificava a proibição das *esteladas* com um “exercício de catalanofobia” e “propaganda anticatalã” (PONS, *El Nacional.cat*, 20/05/16), oferecendo um enquadre histórico. A apresentadora de TV3 aumentava o tom dramático e rasgava uma *estelada* ao vivo, que o jornal *Ara* também difundiria (PLANAS, *Ara*, 20/05/16). Alguns *media* internacionais questionavam o ataque à liberdade de expressão dos *fans* (MARTIN, *Daily Mail*, 18/05/16), ou introduziam a história da Catalunha e a sua bandeira (VASILOGAMBROS, *The Atlantic*, 19/05/16). Tudo isso dava mais visibilidade às reivindicações independentistas e ao atuar opressivo do Estado espanhol.

Perante a proibição surgiram uma grande diversidade de alternativas que transmitiram o mesmo sentimento e efeito reivindicativo aos participantes, como: o irónico “*manual per estelar-se*” (FORN, *El Nacional.cat*, 18/05/16) proposto pelo jornal

El Nacional, o resumo de conselhos gráficos (*VilaWeb*, 19/05/16) do jornal *VilaWeb* ou a ideia da ANC de distribuir bandeiras escocesas como símbolo de liberdade (BORTHWICK, *Stv*, 20/05/16; MUNDODEPORTIVO.com, *Mundo Deportivo*, 20/05/16; EFE/ABC, *ABC*, 20/05/16). O *President de la Generalitat* e a *alcaldesa* de Barcelona ameaçaram não assistir ao jogo se a proibição das bandeiras continuasse. Finalmente, perante o recurso apresentado por vários fãs contra a medida decretada pela delegada do governo espanhol, um juiz de Madrid resolveu que “proibir as *esteladas* supõe uma limitação à liberdade de expressão” (RINCÓN, *El País*, 22/05/16), pelo que permitiu a sua exibição no jogo. A “*pulseada*” continuou entre os *media* espanhóis e catalães, já que o canal responsável pela transmissão evitou filmar as bandeiras *esteladas* do estádio e tentou dissimular os assobios ao hino espanhol, gerando novas indignações (*NacióDigital*, 23/05/16, Redacció Nació Garrotxa, *NacióDigital*, 23/05/16; CASULLERAS NUALART, *VilaWeb*, 23/05/16).

Segundo Vicenç Navarro, na época da ditadura de Franco o *Barça* havia-se convertido “numa referência nacional e internacional das pessoas democratas antifascistas” (NAVARRO, *Ara*, 05/06/16), um símbolo de forças que em duras condições se opuseram à ditadura de maneira pessoal e organizada. Essa forma de discurso oculto “constitui uma forma de representar na fantasia, (...) a cólera e a agressão recíproca que a presença da dominação reprime” (SCOTT 2000: 64).

Através de um enfoque estruturalista ou “semiótico” poderíamos identificar na profusão do processo independentista catalão o uso abundante das oposições binárias entre pares de imagens, que permitiu mostrar as representações do outro (Espanha) como inversão das representações dele próprio. A justaposição de elementos utilizados nessas representações permite a associação de signos na mente do espectador. Também é importante sinalizar o ato de seleção de elementos a serem comunicados por ambas as partes, o que é escolhido e o que é excluído de propósito. “Os intérpretes da imagem devem ser sensíveis a mais de uma variedade de ausência” afirma Burke (BURKE 2005: 218-22).

Os atores independentistas aproveitaram e aproveitam todas as possibilidades para expor a sua reivindicação frente a um “contínuo” acionar opressivo de um Estado espanhol de raízes absolutistas e fascistas (*NacióDigital*, 16/05/16, *VilaWeb*, 18/03/16)

e para contrastar as pacíficas manifestações independentistas (Figura 54) com as violentas festas “espanholistas” (MARTÍ, *NacióDigital*, 06/10/15) (Figura 55). Num vídeo do jornal Ara, o jornalista Antoni Bassas mistura os factos desportivos, sociais e políticos (BASSAS, *Ara*, 23/05/16), relacionando o Governo espanhol com a censura dos símbolos catalanistas e o apoio das manifestações neonazistas (*VilaWeb*, 21/05/16). Alguns meios reúnem e expõem as situações de “catalanofobia” sofridas em diversas situações (*El Nacional*, *El Nacional.cat*, 23/05/16), bem como a sua relação com o governo e a história (PONS, *El Nacional.cat*, 15/05/16).

Os acontecimentos políticos relacionados com o processo independentista foram marcadamente mediáticos, amplificados na maioria dos casos tanto por meios contra o processo quanto por meios a favor. A imputação do *President Mas*, por causa da consulta do 9N desenvolveu uma série de atos performativos que renovaram o apoio da cidadania a Mas por ter possibilitado a consulta, e reafirmaram o compromisso com a independência. Os atos e manifestações de apoio, sob o lema “*9N som tots*” (Figura 57), provocaram uma forte repercussão na política nacional (*La Vanguardia*, 08/11/14; JULVE/PUIG, *La Vanguardia*, 15/10/15) e visibilidade internacional (ASSOCIATED PRESS, *The Guardian*, 15/10/15).

Azahra López identificava nessas imagens uma propaganda hipócrita: “*Mas salía como si fuera un héroe, salía de declarar porque estaba imputado... ¡y como si nos fuera a salvar!, juegan con eso...*”. O 9N desdobrou-se em muitas outras campanhas que procuravam manter o “entusiasmo da participação massiva da cidadania” (*NacióDigital*, 07/10/15). O bilhete usado na votação do 9-N teve um papel simbólico muito importante nessas campanhas, como parte das performances reivindicativas que se tornariam fotografias de *media*, impressos e digitais (Figura 58). O PDF do bilhete foi disponibilizado na internet⁵⁹, para que pudesse ser impresso e usado no ato correspondente (*NacióDigital*, 07/10/15; *VilaWeb*, 07/10/15; *VilaWeb*, 09/10/15).

⁵⁹ “*P1_bi_descarregable*”, Generalitat de Catalunya.

A didática das tradições e o passado

Outras fontes de recursos utilizada para dar espetacularidade ao processo independentista foram os rasgos culturais das tradições e a história. O folclore⁶⁰ não é apresentado como tal, mas como algo vigente, atual, presente na sociedade catalã. A proximidade de *La Mercè* do ano de 2015, *festa major de Barcelona*, com alguns dos acontecimentos mais representativos do independentismo, como a *Diada* e as eleições do 27S, possibilitou ao catalanismo relacionar o seu desejo de construir um novo país com as suas singularidades culturais.

O ato de inauguração da festa começou com o discurso da *alcaldesa* Ada Colau que apresentou a “cidade convidada” de Buenos Aires, segundo ela a cidade da dignidade, “dignidade das ‘*Madres de Plaza de Mayo*’, a dignidade institucional, de julgar os membros da Junta Militar” e vai relacionar as ditaduras dos dois países, Argentina e Espanha. Também falou o “*pregoner*” de *la Mercè*, o conhecido apresentador catalão Andreu Buenafuente que, entre outras coisas, se mostrou a favor do direito às urnas do povo catalão.

Assim como outros rasgos culturais, o idioma é dos principais estandartes da singularidade cultural catalã. A sua revitalização e presença na sociedade atual são objeto de campanhas de diversas entidades. A *Plataforma per la Llengua*⁶¹, definida pela própria como “a ONG do catalão”, promove o catalão através de diversos atos e atividades que utilizam uma estética moderna e “fresca”, exibindo a vitalidade da língua na atualidade. O anúncio realizado pelos meteorologistas da televisão catalã prognostica animadamente o evento “*#CRIDAHO*” (Figura 59) o uso do catalão como “*llengua comuna*” (PLATAFORMAXLLENGUA, *YouTube*, 12/04/16). Na campanha “... *també dóna la seva veu pel català, ara et toca a tu!*” (PLATAFORMAXLLENGUA, *YouTube*, 23/05/16), a ONG convida personagens conhecidos da sociedade que sugerem como defender o

⁶⁰ Néstor García Canclini definiu o *folclore* como uma “*invención melancólica de las tradiciones*”. Representa, assim, uma tentativa nostálgica de tratar o popular e utilizá-lo como uma “reserva imaginária de discursos políticos nacionalistas” (GARCÍA CANCLINI 1990: 193/9).

⁶¹ Organização que trabalha para promover a língua como eixo de coesão social nos diferentes territórios de língua catalã a partir de uma perspetiva transversal num âmbito socioeconómico e audiovisual (PLATAFORMA PER LA LLENGUA, “*Qui som?*”, *Plataforma per la Llengua*, L’ONG del català).

catalão em diferentes situações. Paralelamente aos vídeos, a ONG aproveita as redes sociais como outra forma de promover o catalão, somando assinaturas a petições relacionadas ao seu uso em plataformas como Netflix (Figura 60), LinkedIn (Figura 61), ou videojogos (Figura 62).

Também a história renasce e encaixa no dia a dia dos catalães, procurando acompanhar os seus desejos de independência. O passado volta à vida através de performances e atos nos memoriais e monumentos que lembram a queda de Barcelona em 1714, como no *Fossar de les Moreres* (Figura 63), na *Diada*, ou a festa de abertura de campanha do *Junts pel Sí* na *Citadella*, ou o encontro em *El Born* do mesmo partido, no dia 27S das eleições. Reapoderar-se do passado, através da utilização do duo memória-património, permite a essas instituições sociais “manter a sociedade viva”, enraizando-o de maneira que, inclusivamente com roturas, seja possível recomeçar no mesmo ponto de interrupção (GODINHO 2012: 14). Também os factos históricos participam das novas reivindicações através do *merchandising* independentista, no museu de Barcelona ou em lojas como a do *VilaWeb* (Figura 64).

Uma parte importante dos recursos do discurso independentista provém da época da Guerra Civil e do pós-guerra (Figura 65). Canales Serrano identifica como base da identidade catalã a legitimação dos vencidos e o antifranquismo (CANALES SERRANO 2005: 260/279). O autor enquadra o discurso catalanista num enquadre “que reduz o franquismo à questão catalanista”, o qual se apresenta exclusivamente como um regime “espanholizador”, afirmando a “incompatibilidade entre catalanismo e franquismo”, aplicando-se assim a “extensão do afirmado para o catalanismo, ao conjunto dos catalães e Catalunha”, procurando equiparar catalão a catalanista (idem 262).

Os acontecimentos que tratam de “dominação” e “opressão” possibilitariam a iniciativa dos atores envolvidos, no sentido da apropriação dessas imagens em seu benefício (SCOTT 2000). As alusões à Catalunha como “colónia” de Espanha, aos “300 anos” da resistência do povo catalão e às “repressões brutais de 1714 e 1939” ouvidas nas entrevistas, atuam como eixos sobre os quais se constroem alguns dos discursos independentistas. “*Como soy catalán, tengo la impresión que nací ya con esas preocupaciones que están en la calle, te das cuenta que esto no es un país entero, soberano, que es una colonia de otro...*” refletia Lluís Serra, acerca das ligações entre a

atualidade e o passado. Os *media* eletrônicos permitem o acesso a novos recursos e disciplinas, tanto na construção da própria imagem como na do mundo, transformando o espaço num campo da mediação massiva (APPADURAI 2001: 19).

As instituições têm um papel fundamental nessa construção, já que mantêm vivas as tradições e as lembranças históricas. As memórias coletivas “emprestam” às memórias individuais esses passados que certos homens presenciaram e que transmitem como noções e símbolos (HALBWACHS 1990: 54). As sociedades regulam as condições em que certos “fatores ideais” podem aparecer na história. As instituições implicam historicidade e controle já que submetem o comportamento humano a partir desse processo histórico no qual ela se produziu (BERGER/LUCKMANN 2003: 20/74). Walter Benjamin identifica o rol da imagem nessa interação entre presente e passado: “não é que o passado projete luz sobre o presente ou o presente sobre o passado, senão que imagem é aquilo onde o que há sido, junta-se como um relâmpago, ao agora numa constelação” (BENJAMIN 2005: 465) dessa maneira, a história revela-se como uma imagem congelada, como um *flash* e não como uma sucessão linear de eventos passados, pelo que perde o seu contexto.

A existência de um discurso “espanholista” sobre a unidade de Espanha é mostrada pelas instituições independentistas como uma interesse do Estado em passar por cima das outras culturas que a compõem, assim como a “esperança” de uma Espanha imperial, que alguns defendem, e que pretende negar ou ignorar aquela distância cultural, assimilá-la através da analogia (BURKE 2005: 155). *“Hay un problema de fondo, es que España nunca se ha visto como un estado plurinacional y plurilingüístico; aceptar esta ‘excepción cultural’ digamos, los obliga a repensarse, y los obliga a imaginar una España diferente, y no están preparados”* (referindo-se ao atual governo espanhol), refletia David Miró.

A encenação histórica também era um recurso para o catalanismo independentista, que buscava sensibilizar e integrar os cidadãos que não se haviam posicionado sobre a questão por terem uma visão política menos “agitada”, como acontece nas aldeias e vilas menores da Catalunha. No ano de 2014, em pleno processo independentista, a TV3 apresentou uma série chamada “300” (em alusão ao tricentenário de 1714) com “o objetivo de tentar saber por que o país é como é e está

onde está”. O programa centrou-se nas relações com Espanha e como estas afetaram a vida quotidiana das pessoas. Margarita, vizinha de Tárrega, Lleida, reconheceu o que a Catalunha sofreu assistindo a essas séries. Documentários como “300” (TV3, *ccma.cat*, 31/08/15) ou “*El cas dels catalans*” (TV3, *ccma.cat*, 11/09/14) reviveram narrativas a partir de historiografias como as “*Narraciones históricas*” de Francesc de Castelví, dando vida aos factos, incrementando a consciência política de um público mais vasto através da imagem (BURKE 2005: 184).

Também Belting reconhece a influência das imagens ficcionais na realidade dos espectadores, e distingue a temporização radical da imagem, que exige uma forma de percepção diferente; “*el espectador se identifica con una situación imaginaria, como si el mismo participara de la imagen*” (BELTING 2007: 94). A representação coletiva produzida pelo documentário/ficção “*desempeña un importante papel en la producción de ilusión en nombre de la realidad*” (idem 95) que estabelecerá uma empatia coletiva entre aqueles que se reconhecem na mesma imagem.

O historiador assegura que até na ficção assumida se podem misturar o mito com a realidade, já que os mundos pessoais das ideias se sobrepõem na autossugestão do espetador. A relação estabelecida entre imagem e espetador é ainda mais forte quando se produz o processo de “coincidência de imagens”, no qual Marc Augé reconhece a partilha de imagens do espetador com mais alguém, e assim as racionaliza. A memória “*mezcla las historias: aquellas que hemos vivido, e aquellas que nos contamos mutuamente*” (idem 100). O tricentenário é usado como um momento de avaliação coletiva e individual que pode contribuir para uma mudança de rumo.

Em temas mais atuais e não relacionados diretamente com os rasgos culturais próprios dos catalães foram precisas participações especiais, como o economista catalão Xavier Sala i Martín, que facilitou o acesso geral a temas complexos como as reformas, através do programa de televisão: “*Economia en colors*” (TV3, *ccma.cat*, 23/11/15) (numa referência às cores do fato do economista e apresentador) (Figura 66). O economista procurava “colorir” os temas que os “espanholistas” usavam para confundir a esperança do discurso independentista, pressagiando a saída de empresários e bancos da Catalunha, a perda das pensões dos reformados e a impossibilidade da independência económica, entre outras razões. Para Margarita, o

programa explicava as coisas de maneira clara, *“la economía y todo, ¡pim-pam! (...) ¡mira, se han puesto con los jubilados!, los jubilados son gente que ha pasado hambre, ha pasado una pos-guerra... (Sala i Martín) explica que hay más gente trabajando en Cataluña que en el resto de España, ¿qué pensiones nos tienen que sacar?”*.

O fantasma do fascismo

As disposições do governo catalão, bem como as campanhas das entidades independentistas para com as memórias da ditadura, podem demonstrar uma atitude mais aberta, relativamente a um Estado central imutável, que se nega a condenar o franquismo (BASSA, *Núvol*, 27/05/15). Com a proposta de criar “um futuro para o passado”, o governo catalão criou o *Memorial Democràtic*, uma instituição pública⁶² que, através de ações socializantes, procura a recuperação, a comemoração e o fomento da Segunda República, da *Generalitat* Republicana e da Guerra Civil, assim como a lembrança da luta antifranquista e a transição para a democracia. Segundo Paul Preston, essa instituição levaria a sociedade catalã à vanguarda no âmbito da Comunidade Europeia, no que a políticas culturais e civis se refere (POUS, *Catalan News Agency*, 02/07/10).

David Bassa, no prólogo do livro *“El franquisme que no marxa”* (Edicions Saldonar 2015), escrito por Lluç Salellas i Vilar, contrapõe o processo catalão com o “imobilismo e a surdez de Castela” ao mesmo tempo que expõe ao Estado que se nega a condenar o franquismo e revela a existência de avenidas, praças, estátuas e monumentos “dedicados ao ditador fascista”. A imagem de Franco também adquire protagonismo através da arte: *“Always Franco”* (Figura 67) é uma obra de um artista espanhol que apresenta o ditador vestido de gala, em tamanho real, dentro de um refrigerador de Coca-Cola, *“Franco sigue siendo noticia, no ha desaparecido. Está más de moda que nunca con la ley de Memoria Histórica, Garzón y el Diccionario Biográfico Español”* (RIAÑO, *El País*, 13/02/12). O artista recebeu uma denúncia da *Fundación Francisco Franco* por “intromissão ilegítima na honra” (EFE, *La Vanguardia*, 18/07/13) que foi rejeitada pela justiça.

⁶² De todos e para todos.

O jornal inglês *Independent* compara as políticas sobre a memória do governo espanhol com outros países, onde existiram as Comissões da Verdade que permitiram expor o passado, afrontá-lo e curar as feridas mais rapidamente, “*Espanha enterrou sua memória coletiva*” (DAWBER, *Independent*, 19/11/15). O canal de televisão *France24* emitiu um programa especial sobre os 40 anos de Franco chamado “*Le fantôme de Franco hante toujours l’Espagne*” (RETOUR, *France24*, 16/02/16), no qual o Ministro da Justiça do *Partido Popular* assegura que a Espanha “tem uma democracia sólida com todos os elementos que a acreditam” e o vice-presidente da *Fundación Francisco Franco*, Jaime Alonso, afirma “que o regime não era torturador de maneira nenhuma”. O documentário mostra no “*Valle de los Caídos*” imagens atuais de seguidores de Franco com as mãos alçadas no exterior e interior do “mausoléu franquista” (Figura 68). Também expõe que no monumento não existe nenhum tipo de informação sobre o contexto histórico da sua construção.

Álvarez Junco situa a origem dos nacionalismos opostos ao espanhol no final do século XIX. Estes vão favorecer o seu carácter reativo, um nacionalismo católico e receoso de defender a unidade em torno de Castela. No seu livro *Mater dolorosa* (2001), escreve sobre a dificuldade do nacionalismo, de encontrar hino, bandeira e até festa nacional, o que aumentará mais a segregação. Para ele, a sobrevivência do nacionalismo espanhol vai depender “*do êxito do seu atual associação com o patriotismo constitucional, distanciando-se assim das suas conexões com o franquismo*” (RIDAO, *El País*, 29/09/01).

A propósito da espectacularização subjetiva da história, Fernando Rosas identificava nos novos discursos políticos “a convocação da memória como farsa, ou seja, como objeto de consumo, como espetáculo lúdico, inocente e banalizador, em suma, como uma teatralização da memória em espaço público, (...) invariavelmente, a naturalização dos discursos ideológicos e reinterpretativos do passado”. Rosas dá como exemplo alguns livros escolares nos quais se apresenta a ditadura de Salazar em Portugal como uma II República, “que sucederia à I República e antecederia a uma III,

numa espécie de continuísmo politicamente indiferenciado”⁶³, um exemplo português que se poderia aplicar a Espanha e aos modos de enfrentar o passado ditatorial não assumido.

Como um exercício de *mea culpa*, três catalães apresentam o livro “*Perles Catalanes. Tres segles de col·laboracionistes*” (2016) com o propósito de recuperar a “nossa outra memória, que seria melhor esquecer”. O livro é uma maneira de descobrir aquele passado de espiões, traidores e colonialistas através de uma rota guiada entre as diferentes imagens representativas como monumentos e símbolos (MARTÍ, *NacióDigital*, 20/03/16). Essa diversidade de símbolos que lembra tanto o regime de Francisco Franco quanto o dos bourbons em geral (BLANCHAR, *El País*, 24/07/15), vai começar a ser removida a partir de ações de instituições e agrupamentos independentistas ou não independentistas. “O ataque a aquelas imagens é a resposta coletiva à imposição de uma fé cega nas imagens (...) não nas próprias imagens, mas daqueles que as tinham instituído” (BELTING 2011: 33). A abolição dessas imagens destrói o poder que elas exercem e representam. Às vezes produzem-se verdadeiras batalhas simbólicas, que oscilam entre a ressignificação do passado ou da própria (MARIMON, *Ara*, 03/03/16) obra e a nostalgia (*NacióDigital*, 24/03/16).

Os personagens do passado vão ser utilizados por ambos os discursos, aproveitando a sua característica de “artefacto do presente” (LOWENTHAL 1985), procurando relacionar o “outro” com imagens negativas. O jornalista Marcos Pardeiro identificava a alusão à crise da Espanha no discurso independentista: “*España no está bien, está en un 25% de paro. ‘Tú quieres participar de eso?, quieres ser ellos?, Quieres ser España?, Vámonos de aquí!’ la crisis es esencial, es un caldo de cultivo muy propicio; ‘Qué esperas del país del paro y la corrupción? Ellos se quedarán con el 25%...’*”.

O professor Vicenç Navarro assegura que a causa do crescimento independentista na Catalunha se deve à arrogância do nacionalismo espanholista. Essa arrogância não reconhece a existência de si próprio, mas atribui-a somente ao

⁶³ Conferência plenária de Fernando Rosas no âmbito do “*Colóquio Internacional: Memória, Cultura e Devir. Teoria e caminhos para as ciências sociais*”, que decorreu na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova no dia 1 de junho de 2016.

nacionalismo catalão. Esse nacionalismo é, segundo o professor, intrínseco ao Estado borbónico que vê na Espanha um Estado indissolúvel (NAVARRO 2015).

Um dos pontos sinalizados como principais por Pardeiro, como um dos detonantes do movimento independentista, é a *“catalanofobia”*. Segundo este, a *“catalanofobia”*, assim como a *“hispanofobia”*, sempre existiram, mas nunca nos níveis a que chegaram atualmente. A campanha que fez o PP, juntando assinaturas contra o *Estatut*, poderia ter contribuído para produzir esse aumento. *“Me cuesta creer que algún ciudadano de España supiera por lo menos un artículo del Estatut antes de firmar... es claramente atribuible al PP”*. *“En épocas de Aznar el “anticatalanismo” era una buena aportación de votos al PP”* diz Xavier Vilá.

Através do *Twitter*, um dos meios mais usados entre personalidades e cidadãos, expuseram-se muitos dos receios quanto ao catalanismo. O *Twitter* permite o debate rápido, com poucas palavras, e a possibilidade de adicionar imagens à mensagem. Políticos e outros cidadãos denunciaram a *“catalanofobia”* exercida por esse meio (El Nacional, *El Nacional.cat*, 23/02/16). Qualquer evento que estivesse relacionado com catalães era suscetível de receber mensagens depreciativas; como no acidente da *Germanwings* (ACN, *NacióDigital*, 23/03/16) (Figura 68). No *X Congreso Nacional de la Abogacía*, Peces-Barba, um dos “pais da Constituição espanhola”, referiu, sobre o processo atual de independência: *“quizás nos hubiera ido mejor con los portugueses que con los catalanes”* e agregou: *“no se cuantas veces hubo que bombardear Barcelona (...) creo que esta vez no hará falta”* (*La Vanguardia*, 27/10/11).

N.T. refletia, *“durante 300 años hemos intentado recuperar unas cosas, y lo divertido ha sido desde la guerra civil para aquí, tanto pelearnos, ¡Que queremos ser independientes! y al final la independencia nos la va a dar una crisis económica...”*. Todos os entrevistados se referiram à situação económica atual de Espanha e à sua relação com a Catalunha, em relação a circunstâncias específicas: *“aquí todas las autopistas son de pago, y vas a Andaluzia y ves que son gratis”* (tradução minha) observava David Miró. *“¿Por qué todos los vuelos internacionales tienen que pasar por Barajas y no pueden pasar por El Prat? Cuando El Prat es mucho más rentable?”* refletia Xavier Vilá. *¿Por qué no podemos tener el corredor europeo mediterráneo?* perguntava Quim Torra.

As atitudes “espanholistas” e “independentistas” são uma vez mais contrastadas nas manifestações destes últimos anos. As festas da *Diada* são representadas por famílias na rua, que transmitem alegria e emoção através de grandes e coloridas performances. Do outro lado, as manifestações e festas “espanholistas”, como o *Día de la Hispanidad* ou o *Día de la Constitución*, são representadas principalmente por homens com atitudes violentas e símbolos franquistas. A estratégia é projetar uma imagem negativa do adversário e, no mesmo movimento, impor no final a imagem *verdadeira*, a imposição de uma ordem visual numa consciente “guerra das imagens” (GRUZINSKI 1994: 58).

Estas imagens foram amplamente divulgadas pelos meios de comunicação que destacavam essas diferenças. Todas as manifestações relacionadas com festas de Espanha são mostradas a partir de elementos que lembram o seu passado opressivo (CONGOSTRINA, *El País*, 28/05/16)⁶⁴. Outros eventos relacionados com performances das forças armadas espanholas preocuparam os independentistas que as reconheceram como “intimidatórias”, respondendo segundo o jornal *Libertad Digital* a “obsessões recorrentes do nacionalismo catalão” sobre a “hipotética intervenção militar”⁶⁵.

“*Creo que socialmente, ahora es más cómodo ser independentista que no serlo*” refletia Pardeiro, “*socialmente se vive con muchos menos tabús*”. Enric Martínez lembrava que na sua participação do dia 12 de outubro de 2015, era o único com a bandeira republicana; outros manifestantes pressionaram-no, tentando agarrar a sua bandeira e rasgá-la. Azahra, identificava o 12 de outubro com o fascismo “*yo no soy independentista, ipero no me voy a ir a manifestar con los fachas!*”.

⁶⁴ A marcha dos legionários por Barcelona mostrou-se como uma resposta à “afronta” da *alcaldesa* Ada Colau, por querer despejá-los dos quartéis de Sant Andreu.

⁶⁵ A frase sobre os tanques entrando pela diagonal foi muito ouvida nas entrevistas. Lembra a entrada das tropas franquistas em Barcelona e representa o medo de que aconteça outra vez por este novo processo (PLANAS, *Libertad Digital*, 04/06/14). Outro dos acontecimentos “intimidatórios” foi o vôo de aviões de combate por cima de Lérida (*Alerta Digital*, 08/10/12).

A cultura material

O independentismo tem uma importante componente industrial que sustenta a espectacularização do processo. Essa “produção” independentista abrange desde a produção de objetos criados para “vestir” as performances, o “*merchandising* independentista” (Figura 70), até às campanhas de produtos que alinham nesse “independentismo à moda” para vender os seus produtos. A cerveja “*Moritz*” é uma das empresas que perfeitamente seguiu esse caminho, com uma importante loja dentro do *Borne Centre Cultural* (Figura 71), o lançamento de edições especiais: “*Diada*” (Figura 72) e “*Barcelona Born 17.14*”. Também as campanhas de televisão da “*Moritz*” utilizam as tradições, como a que comunica a admissão dos “*castellers*” na lista do Patrimônio Imaterial da Humanidade (MORITZ BARCELONA, *YouTube*, 22/11/10) (Figura 73). A presença das diversas singularidades de Catalunha na lista da Unesco contribui para a visibilidade da região a nível internacional, que favorece a afirmação do movimento catalanista. Recentemente foram admitidas as *Fallas del Pirineo* (MONTAÑÉS, *El País*, 01/12/15).

Nos últimos tempos, a *estelada* também se foi transformando num produto de consumo que, com “*el risc d’una popularització tan fulgurant és sempre morir d’èxit, de sobredosi. La teva omnipresència corre el risc de frivolitizar-te, de despullar-te de significat*”⁶⁶ (OM, *Ara*, 20/05/16). A partir do ano de 2012, com as manifestações convocada pela ANC a favor da independência, começou uma verdadeira explosão de bandeiras *esteladas*. “Estas já não simbolizam uma esquerda e uma direita, é mais uma questão estética, e representam um desejo de liberdade e libertação da Catalunha” assegurava Carme Forcadell no vídeo “*La estelada un símbol provisional*” (TV3, *Ccma.cat*, 12/02/14). Forcadell reconheceu que a manifestação seria mais importante quando soube que tinham acabado as *esteladas* em todo o país, mesmo nas “lojas dos chineses”, e a ANC teve que fazer uma encomenda diretamente à China.

Numa nota do jornal *El Español* sobre a produção de bandeiras *esteladas* na Catalunha salientou-se o fator económico do símbolo: “*la independència fue un*

⁶⁶ “O risco de uma popularização tão fulgurante é sempre morrer de êxito, de sobredose. A tua omnipresença corre o risco de banalizar-te, de despir-te de significado” (tradução minha).

*negocio hasta que llegaron los chinos” (BARAHONA, El Español, 19/05/16), assegurava um dos fabricantes de bandeiras da Catalunha. Sobre a popularização da *estelada* Marcos Pardeiro confirmava: “Por cada bandera española que veas en el balcón, cuántas esteladas hay?, ¡la diferencia a nivel símbolos es bestial! (...) el merchandising soberanista es inagotable, felpudos, camisetas, silbatos, gorras, lo que quieras. (...) Tú ahora me dices, vamos a compra una estelada y vamos a comprar una bandera de España, (...) y yo tengo dudas de donde vamos a conseguir comprar una Española... una bandera estelada, ¡en un chino!”.*

Os componentes materiais do nacionalismo relacionam-se com uma simbologia de carácter cultural. “Na medida em que o etnonacionalismo se vai transformando num rasgo comum dos tempos neoliberais (...), promove a projeção da Etnicidade S.A. num plano mais vasto, dando origem a algo que podemos chamar Nacionalidade S.A.” (COMAROFF/COMAROFF 2011: 184). Num dos lados do discurso independentista que remete para as diferenças culturais, identificamos aquilo a que Llanes Salazar se refere como “simulacros étnicos”: uma maneira de fazer e gerar coisas através da eficácia simbólica entre as que identifica: gerar políticas internas, atrair inversões de empresas nacionais e transnacionais, transformar experiências e criar presenças (LLANES SALAZAR 2011: 215).

As bases ideológicas correspondem, segundo Guy Debord (2003), à consciência deformada das realidades, que apelam ao espetáculo para a sua materialização, talhando assim o real de acordo com o seu modelo (DEBORD 2003: 160). Debord confirma assim a influência dos atos performativos na perceção da realidade. O independentismo, como ideologia, poderia assim recorrer a uma “heterotopia foucaultiana”, na qual a partir dum entusiasmo convincente, poderá dissipar uma possível realidade incompatível com o movimento independentista (VILLAYERDE, *YouTube*, 13/07/10). Uma possibilidade de teatro onde reivindicar antigos conceitos, através de novos elementos e atores. Na atualidade, os espaços virtuais aumentam o espaço das imagens em relação ao espaço do mundo onde se vive; a tecnologia promete a libertação da referência ao mundo real, aumentando o universo das imagens “que se extiende más allá de nuestra propia experiencia corporal, sin importar qué las haya motivado” (BELTING 2007: 101/2). Os autores citados anteriormente

permitem reconhecer o uso das imagens como um elemento do espetáculo, que intervêm na forma de ver a realidade; um “sobretelevisionamento” dos detalhes quotidianos, uma mediatização extrema de fenómenos sociais e individuais (MARTINS 2013: 411).

A crise económica, como assinalado anteriormente, pode ter sido um fator essencial do novo movimento independentista. Naomi Klein identifica na crise uma possibilidade de implementar medidas que pareciam impossíveis. Numa citação de Friedman: “só uma crise – real ou percebida – dá lugar a uma mudança verdadeira. Quando essa crise tem lugar, as ações levadas a cabo dependem das ideias que pairam no ambiente” (KLEIN 2008: 7, tradução minha). A imagem de um Estado ameaçador ou a má situação económica da Catalunha devido à péssima gestão de Espanha, poderiam ter funcionado como gatilho do “estado de choque” (FRENKEL, *Anfibia*) que levaria a procurar na independência um melhor caminho; “quantas mais agressões recebemos, mais poremos o acento em ampliar a base soberanista do país e tornaremos mais irreversível o processo” assegurava o *President Mas* (TUGAS/ COLOMER, *Ara*, 24/11/15).

O espetáculo parece ser a maneira ideal de “vestir” um discurso político neste início de século. Vargas Llosa define a civilização do nosso tempo como a civilização do espetáculo, na qual divertir-se e fugir do tédio são os valores supremos. Para ele, isso levaria à generalização da frivolidade e a um jornalismo irresponsável. O desaparecimento da crítica tem permitido o monopólio da publicidade, que exerce um poder determinante nos costumes e sensibilidade das pessoas (VARGAS LLOSA 2012: 33/38). Esse ambiente, onde o importante é “chamar a atenção”, apresenta-se como um terreno fértil para a construção de um movimento *à moda*.

Existe um plano de comunicação muito forte, uma mensagem muito bem pensada, que através dos *media* e da propaganda reforça a formação das aparências tanto na imagem quanto nas ações, o que denuncia a transformação do Estado em “espetáculo” (BALANDIER 1980: 8). Muitos elementos identificados na estética e no conteúdo da comunicação e dos atos independentistas procuram apelar à emoção, “*hem d’il·lusionar per convertir la decisió en emocional*” (THE CATALAN PROJECT, *SlideShare*) e assim convencer aos indecisos.

A bipolarização do espetáculo político espanhol e a sua relação com o símbolo, estaria bem retratada na frase do jornal *El Español*: *“El cáncer de la moda española también es la política. Todo es política por estos pagos. El Real Madrid es de derechas. El tiqui-taca, de izquierdas. Las camisas, de derechas. Los pañuelos al cuello, de izquierdas (pero solo si la tela rasca). El brandy, de derechas. La cerveza, de izquierdas. Dar la mano, de derechas. Sentarse en el suelo de la plaza del pueblo, de izquierdas. Diana Krall, de derechas. Radiohead, de izquierdas. De ahí que la izquierda, que suele moverse en el terreno de lo simbólico mucho mejor que la derecha, haya hecho del feísmo estético símbolo de orgullosa militancia”* (CAMPOS, *El Español*, 28/02/16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado ao longo da pesquisa, o nacionalismo continua a ser uma das ferramentas de tração dos movimentos independentistas. Desde o início da sua existência, o conceito foi mudando e adaptando-se às exigências da sociedade, para continuar a ser parte dos discursos e práticas que compõem os processos reivindicativos. O nacionalismo, tal como muitos outros conceitos com peso histórico, comporta um conjunto de imagens que nem sempre favorecem a mensagem dos novos atores, e torna-se necessário carregá-lo de novas imagens ou, se for necessário, criar uma nova palavra mais “elástica”, que acompanhe o novo processo.

O catalanismo é utilizado pelos discursos soberanistas como sinónimo de independentismo, apresentado como uma possibilidade de redenção histórica e, ao mesmo tempo, de esperança contemporânea; uma saída inevitável, resultado das humilhações infringidas por Espanha e que abrem o jogo à constituição de um novo país. Com a finalidade de estimular as emoções dos cidadãos, os atores independentistas apelam a elementos culturais, históricos e económicos, acionados através de códigos estéticos atuais que garantirão a chegada a todos os públicos.

A partir do trabalho de campo realizado na Catalunha, foram perceptíveis uma série de repetições no posicionamento relativamente à independência, que permitiram um enquadramento concetual do novo processo. Reconhecer a influência dos acontecimentos do passado, identificar os participantes, entrevistá-los e acompanhar os atos e manifestações, utilizando as ferramentas habituais da antropologia, ofereceram informações essenciais para o desenvolvimento do presente trabalho.

A reiteração de argumentos ouvidos em defesa de uma e outra posição, de independentistas e “unionistas”, demonstra a maleabilidade dos conceitos, podendo representar algo negativo quando são aplicados aos outros e algo positivo quando são aplicados aos próprios. A utilização da palavra “nacionalista” ou “fascista” para reconhecer e julgar só as reivindicações do outro, implica a possibilidade de ressignificar conceitos que pareciam estar muito consolidados na sociedade. A

transformação de significados subjetivos em facticidades objetivas demonstra a capacidade da sociedade para construir a realidade continuamente (BERGER; LUCKMANN 2003: 33).

Muitos argumentos e ações procuram compor a realidade do discurso independentista, com a finalidade de integrar novas pessoas e consolidar as já integradas, para intensificar o movimento e dar-lhe mais visibilidade. A espectacularização do processo corresponde aos códigos comunicativos do mundo contemporâneo, implicando transformar a política e a construção de um novo país num objeto de consumo, num movimento que busca mimetizar-se com as tendências da época.

Também assim sucede com a produção de atos rituais performativos como a *Diada* e o 9N, reproduzidos sistematicamente na comunicação independentista, consolidando para dentro e demonstrando para fora um convencimento grupal, uma mensagem formada por milhares de mensagens individuais, numa imagem cuidada especialmente para ser interpretada de maneira inequívoca.

O espetáculo mediático aproveita as ferramentas atuais que chegam a toda a gente através das imagens, a partir das quais se voltaria a construir significado que seria consumido e novamente ressignificado. A imagem apresenta-se como a realidade em estado puro: *“¿acaso en la mayoría de los casos no vivimos la historia, incluso como contemporáneos, únicamente en imagen?”* (BELTING 2007: 101). As palavras do passado adquirem rosto, características visuais que lhes permitam ser mais inteligíveis perante um público mais vasto, já arreigado à tecnologia e às redes sociais.

As condições atuais de capitalismo e globalização permitem a utilização de conceitos de *marketing* na imagem de um país. Como sugere Castellón sobre Catalunha: *“tenir un gran producte és una condició necessària però no suficient. Cal alguna cosa més. Cal crear una marca potent que enamori els d’aquí i els de fora. Cal crear un relat engrescador. I a més, cal comunicar aquest nou relat”*⁶⁷ (CASTELLÓN 2013: 20).

⁶⁷ “Ter um grande produto é uma condição necessária mas não suficiente. É preciso alguma coisa mais. É preciso criar uma marca potente que apaixone os daqui e os de fora. É preciso criar uma história encorajadora. E mais, é preciso comunicar esta história” (tradução minha).

Fórmulas já descritas anteriormente, como o “sistema IKEA” de construção das identidades nacionais (THIESSE 2000: 18), o “*check-list*” identitário de Löfgren (LÖFGREN 1989: 9) ou as “5Ls” (*Lord, Land, Language, Landscape e Law*) apresentados por Rubert de Ventós como variáveis funcionais de um independentismo não redundante (RUBERT DE VENTÓS 1999: 144), permitem entrever uma nova aproximação aos conceitos: o caráter estratégico do posicionamento de um novo “produto-estado”, promovido por coloridas imagens e *jingles* cativantes.

A habilidade para marcar um começo, definir uma ação com base na história com perspectiva de futuro, frente a uma Espanha que não reage, que nada oferece; a veiculação de um passado, a estratégia de um presente e a esperança de um futuro melhor, poderia ter definido o novo rumo do discurso independentista catalão. O sucesso do movimento dependerá, assim, da criação de uma mensagem credível associada a uma imagem de prosperidade e liberdade para todos os cidadãos que decidam confiar nesse novo projeto.

Um diplomata português definiu o contencioso entre Espanha e Catalunha como “um enfrentamento entre a arrogância e a vaidade” (JULIANA, *La Vanguardia*, 24/09/15). A disputa entre os argumentos dos discursos “independentistas” e “unionistas” rigorosamente baseados em fatos históricos e conceitos políticos, parecem confirmar o que foi citado por Sánchez Piñol numa revista argentina: “*Ya lo decía Orwell: lo importante no es el mensaje, sino quien controla el megáfono. Y ya lo digo yo: si Hitler resucitara acusaría a sus enemigos de nazis*” (SÁNCHEZ PIÑOL, *Clarín*, 17/08/15).

A análise de um movimento que apresenta traços políticos, sociais, culturais e económicos e que pretende a manipulação de realidades a partir de imagens em processos que facilmente lembrariam estudos e ações de *marketing*, permitiria perceber os discursos e práticas de um processo que procura transformar significados subjetivos em factos objetivos.

O presente trabalho constitui-se como um exercício de articulação entre as ciências sociais e as ciências da comunicação, com o objetivo de encontrar nas imagens uma das responsabilidades na construção da realidade particular do movimento: a busca de legitimação através de ações de mercado, de ativação de memórias e

indignação, exprimidas num cenário onde o capitalismo parece conseguir a dominação das técnicas implementadas nos atuais fenómenos sociais.

FIGURAS

Figura 1



Primeiro discurso da CUP contra a atuação da *Brimo* e o uso de “bolas de borracha”.

Fonte: http://images.eldiario.es/catalunya/Intervencion-Fernandez-CUP-Felip-Bayer_EDIIIMA20121213_0366_13.jpg

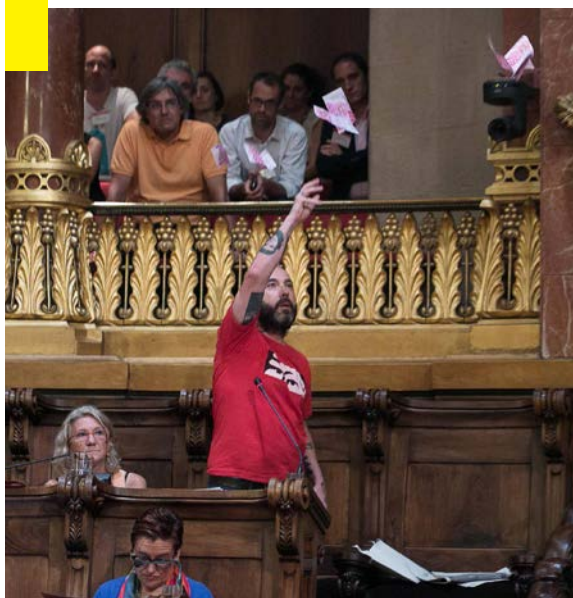
Figura 2



“¿Sabe lo que hacen en Irak con esto, como símbolo de humillación y desprecio al poder del poder?”.

Fonte: Danny Caminal

Figura 3



Josep Garganté, deputado da CUP, jogando dinheiro para cima num pleno do *Ajuntament*.

Fonte: Albert Garcia

Figura 4



Poble Lliure PPCC
@Poble_Lliure

[Segueix](#)

Ell no vol que hi hagi un acord per la independència. Trenquem amb l'oligarquia! [#ruptura](#) [#independència](#)

13:40 - 17 des. 2015

354 115

“Twit” de apoio à independência contra a oligarquia, de *Poble Lliure PPCC*.

Fonte: Twitter Poble Lliure PPCC

Figura 5



“Twit” contra a investidura de Artur Mas pelo grupo COS.

Fonte: Twitter de COS Vallès

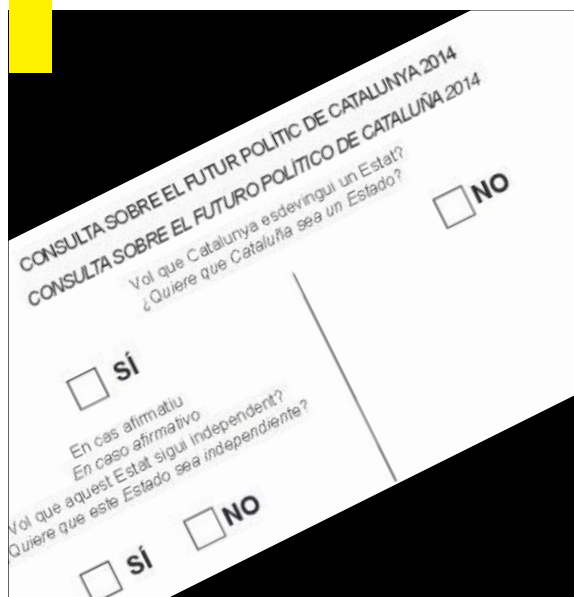
Figura 6



Kit boas-vindas do Catalan Weekend.

Fonte: Própria

Figura 7



Bilhete da Consulta do 9N.

Fonte: http://politica.elpais.com/politica/2014/09/27/actualidad/1411818191_687352.html

Figura 8



Ato de apoio de 800 alcaides de Catalunha ao 9N.

Fonte: Albert Garcia

Figura 9

VIERNES 3 JULIO 19.30h
Plaça Rafael Ferrer. Barri de Sant Ponç.
Sant Celoni

PRESENTACIÓN DEL LIBRO
SÚMATE
Cuando todos contamos

**JORDI
FEXAS**
Autor del libro

**EDUARDO
REYES**
Presidente
de SÚMATE

**PACO
MARTÍNEZ**
Miembro
de SÚMATE

Presentan Manel Bueno y José Flores vecinos de Sant Celoni

Pica-pica al finalizar el acto

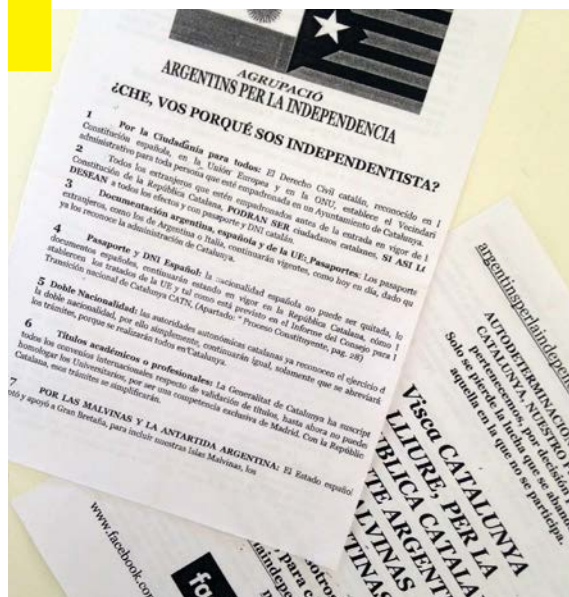
«¿Quién puede ser catalán?
Quien quiera serlo.
¿Hay un requisito menos exigente?»

«Nos interesa menos el origen
de la gente que su destino»

Cartaz da instituição Súmate.

Fonte: <http://www.santceloni.cat/ARXIUS/agenda/2015/sumate.jpg>

Figura 10



Flyer dirigido aos argentinos residentes em Catalunha, assinado pela "Agrupació Argentins per la Independència".

Fonte: Própria

Figura 11



Antonio Baños e Anna Gabriel, num ato da CUP fazendo o símbolo feminista.

Fonte: Cristina Calderer

Figura 12



Representantes de movimentos reivindicativos e independentistas estrangeiros e nacionais no ato de fechamento de campanha da CUP.

Fonte: Própria

Figura 13



Ato de “La cultura del Sí” de Junts pel Sí.

Fonte: <http://www.abc.es/elecciones/catalanas/2015/abci-romeva-contesta-banca-201509191747.html>

Figura 14



Retrato de Artur Mas no cartaz da campanha de Junts pel Sí.

Fonte: Própria

Figura 15



Apresentação do cartaz da campanha de Junts pel Sí.

Fonte: http://www.lavozlibre.com/userfiles/2a_decada/image/FOTOS%202015/09%20SEPTIEMBRE%202015/08%20SEPTIEMBRE%202015/junts-pel-si.jpg

Figura 16



Díptico informativo do partido *Junts pel Sí*, disponibilizado no site “*nouscatalans.cat*, el diari digital d’immigració”.

Fonte: <http://www.directe.cat/imatges/noticies/diptic-junts-pel-si-idiomes.jpg>

Figura 17



Merchandising independentista num ato de *Junts pel Sí*.

Fonte: <http://s1.reutersmedia.net/resources/r/?m=02&d=20151001&t=2&i=1083788193&w=644&fh=&fw=&ll=&pl=&sq=&r=LYNXNPEB902G1>

Figura 18



Primeiro grande ato de *Junts pel Sí*: a “*Festa dels Candidats*”.

Fonte: Pepe Virgili

Figura 19



Uma bandeira da CUP na praia de La Barceloneta.

Fonte: Própria

Figura 20



Ato da CUP no Hospitalet de Llobregat contra a homofobia.

Fonte: ACN

Figura 21



Cartaz de campanha da CUP.

Fonte: Própria

Figura 22



Cartaz de campanha da CUP.

Fonte: CUP

Figura 23



Cartazes de campanha de Junts pel Sí, no bairro de Gràcia.

Fonte: Própria

Figura 24



Quadro pertencente ao vídeo de campanha "Junts oh podem tot", a película de Junts pel Sí.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RGrVuDGOt1M>

Figura 25



Quadro pertencente ao vídeo de campanha , da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GUvo4sjigLM>

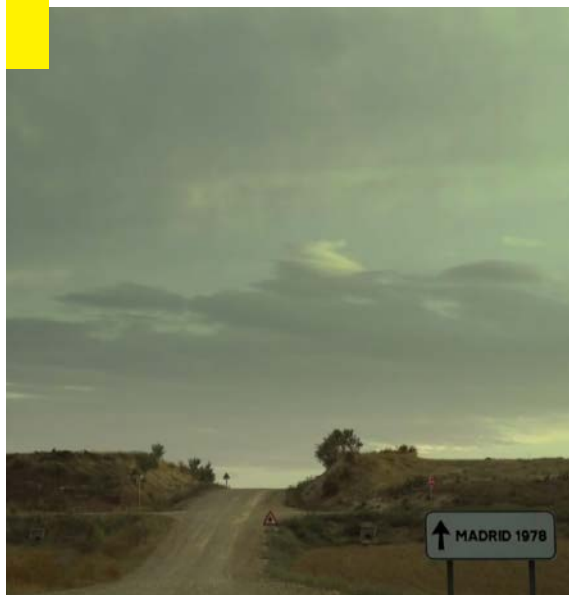
Figura 26



Quadro pertencente ao vídeo de campanha
“Anaven lents perquè anaven lluny”, da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GUvo4sjigLM>

Figura 27



Quadro pertencente ao vídeo de campanha
“Anaven lents perquè anaven lluny”, da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GUvo4sjigLM>

Figura 28



Quadro final pertencente ao vídeo de campanha “Anaven lents perquè anaven lluny”, da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GUvo4sjigLM>

Figura 29



Quadro pertencente ao vídeo de campanha “*Junts ho podem tot*”, a película de *Junts pel Sí*.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RGrVuDGOt1M>

Figura 30



de llibertat pel país!

Quadro pertencente ao vídeo de campanha “*Sí, tot és possible*”, de *Junts pel Sí*.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=de1HlbPiVUg>

Figura 31



i vósaltres vau anar a votar

Quadro pertencente ao vídeo de campanha “*Sí, tot és possible*”, de *Junts pel Sí*.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=de1HlbPiVUg>

Figura 32



Quadro pertencente ao vídeo de campanha
“#HOPODEMTOT”, da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2GD964kVeXY>

Figura 33



Quadro pertencente ao vídeo de campanha
“#HOPODEMTOT”, da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2GD964kVeXY>

Figura 34



Quadro pertencente ao vídeo de campanha
“#27S Governem-nos per canviar-ho tot!”, da CUP.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2GD964kVeXY>

Figura 35



Uma bandeira da campanha “#SioSi” de
“Ara és l’Hora” preenchida por um vizinho.

Fonte: https://c2.staticflickr.com/6/5608/15750772271_e5e58f433b_z.jpg

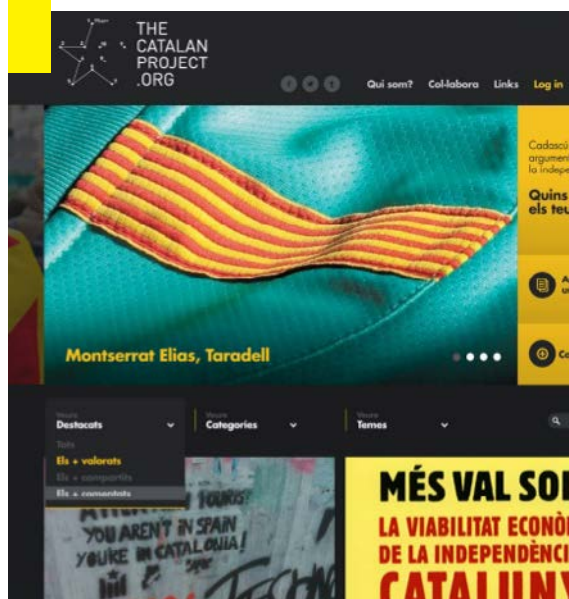
Figura 36



Capa do questionário da “Gigaenquesta” realizada por “Ara és l’Hora”.

Fonte: <https://actua.araeshora.cat/page/-/ENQUESTA.pdf>

Figura 37



Captura de tela do site “The Catalan Project”.

Fonte: <http://image.slidesharecdn.com/presentaciothecatalanproject-130612063500-phpapp02/95/estrategia-de-the-catalan-project-39-638.jpg?cb=1371114624>

Figura 38



Dois quadros do programa “Salvados”.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DIQICBKfQZE>

Figura 39



Imagem da jovem de dezesseis anos no momento de depositar o voto simbólico na urna. Ato pertencente à *Diada* do ano 2014.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RGrVuDGOt1M>

Figura 40



Participantes na *Diada* de 2014.

Fonte: Própria.

Figura 41



Quadro pertencente ao vídeo “*Manual d’instruccions per a la Via Lliure*” realizado pela ANC.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UAjole3dXtc>

Figura 42



Infografico sobre a disposição dos colectivos na “Via Lliure” de 2015.

Fonte: http://images.ara.cat/2015/08/12/politica/Disposicio-collectius-Via-Lliure-Meridiana_1411069058_23362421_1233x796.jpg

Figura 43



Participantes na *Diada* de 2015.

Fonte: *Própria*.

Figura 44



“Meme” partilhado nos grupos de WhatsApp dos participantes da *Diada* de 2015.

Fonte: *Própria*

Figura 45



Performance da *Diada* de 2015, a “Via Lliure”.

Fonte: Própria / <http://estaticos.elperiodico.com/resources/jpg/1/1/recorrido-via-lliure-declaraciones-politicos-1441997385311.jpg>

Figura 46



Exposição “*Donec Perficiam*”, cenografias e objetos sobre 1714.

Fonte: <http://www.marhp.com/wp-content/uploads/2013/09/born24.jpg>

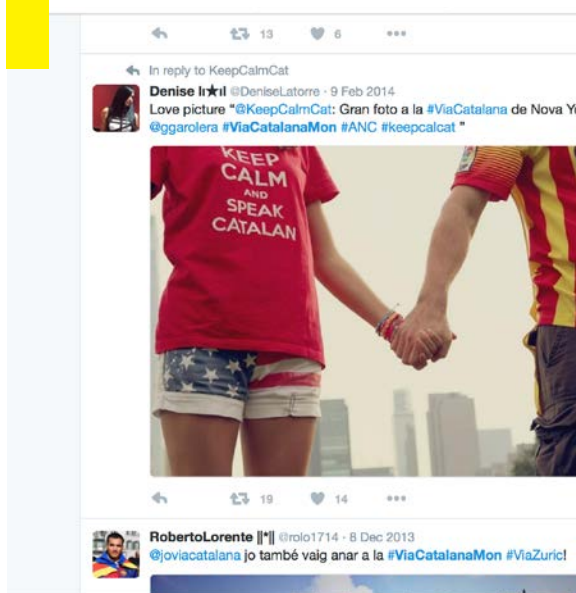
Figura 47



Quadro do documentário “*El cas dels catalans*”.

Fonte: https://c2.staticflickr.com/6/5608/15750772271_e5e58f433b_z.jpg

Figura 48



Twitter “#viacatalanamon” que recolhia os tweets ao redor do mundo.

Fonte: <https://twitter.com/search?f=tweets&q=%23viacatalanamon>

Figura 49



Apresentação sobre a “Gigafoto” realizada na “Via Catalana” pela ANC.

Fonte: <https://assemblea.cat/sites/default/files/articles/2Gigafoto01042014%20%28Copy%29.jpg>

Figura 50



Twitt de Junts pel Sí sobre a participação na Diada, com logo do partido.

Fonte: https://twitter.com/JuntsPelSi/status/642674790688387072/photo/1?ref_src=twsrc%5Etfw

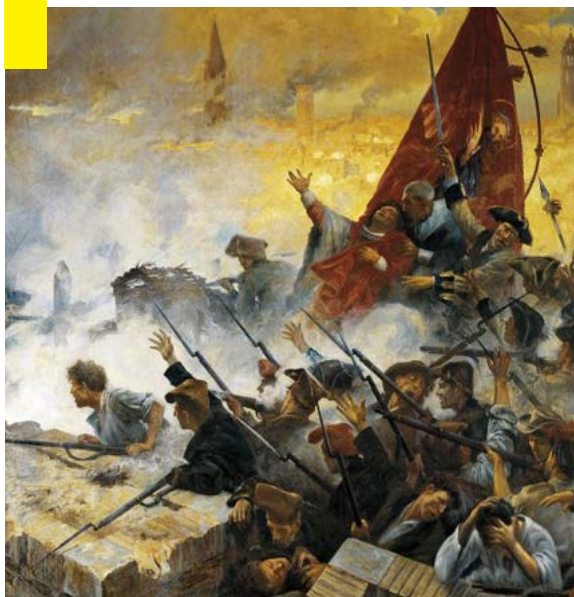
Figura 51



Twitt do ex-deputado da CUP, Quim Arrufat sobre o “enganho” do PSC.

Fonte: <https://twitter.com/quimarrufat/status/643796547633815552>

Figura 52



“L’Onze de Setembre de 1714”, quadro do pintor Antoni Estruch i Bros representando a Rafael Casanova ferido durante a defesa de Barcelona.

Fonte: Própria

Figura 53



“300 Onzes de Setembre”, livro comemorativo do Museu d’Història de Catalunya sobre o tricentenário da queda de Barcelona.

Fonte: Própria

Figura 54



Manifestação Diada “Via Lliure”, 11 de Setembro de 2015.

Fonte: Sussi Garcia

Figura 55



Manifestação fascista em Montjuïc, “Día de la Hispanidad”, 12-O de 2015.

Fonte: Gutiérrez Caballero, Jose M.

Figura 56



Catalunha proíbe os touros em 2010.

Fonte: <http://www.rtve.es/fotogalerias/cataluna-prohibe-toros/54436/alegria-se-refleja-detractores-corridas-toros-tras-decision-del-parlament-cataluna/12/>

Figura 57



Apoio ao *President* frente ao *Tribunal Superior de Justicia de Cataluña*.

Fonte: Reuters

Figura 58



Urna com os bilhetes usados na votação do 9N. Apoio ao *President* frente ao *Tribunal Superior de Justicia de Cataluña*.

Fonte: Própria

Figura 59



Quadro do vídeo de campanha "*#CRIDAHO*", da *Plataforma per la Llengua*.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=16&v=vpgGe_psxec

Figura 60



Campanha de *Plataforma per la Llengua* para reclamar a Netflix a emissão de conteúdo em catalão.

Fonte: <https://twitter.com/llenguacat/media>

Figura 61



Campanha de *Plataforma per la Llengua* para reclamar a LinkedIn a emissão de conteúdo em catalão.

Fonte: <https://twitter.com/llenguacat/media>

Figura 62



Campanha de *Plataforma per la Llengua* para reclamar a EA Sports a emissão de conteúdo em catalão.

Fonte: <https://twitter.com/llenguacat/media>

Figura 63



Ato prévio à Diada de 2015 no *Fossar de les Moreres*.

Fonte: *Própria*

Figura 64



Loja do jornal digital VilaWeb.

Fonte: Própria

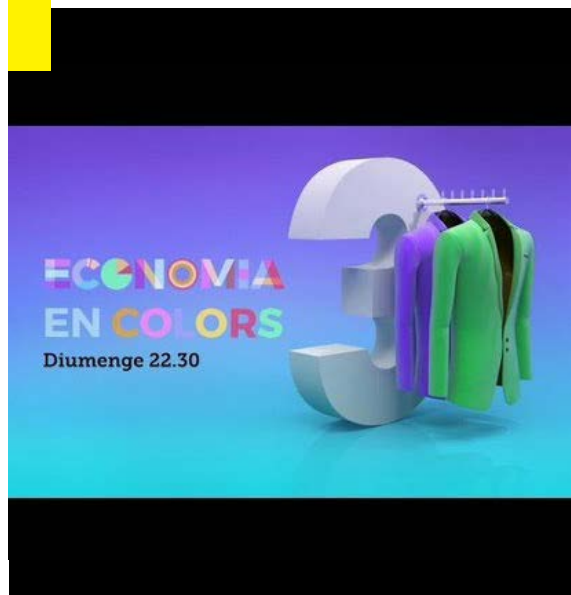
Figura 65



Projeção da imagem de Lluís Companys na fachada do Ajuntament de Barcelona, na Diada de 2015.

Fonte: http://www.eldiario.es/catalunya/opinions/Recordar-Companys-alla-muerte_6_441365866.html

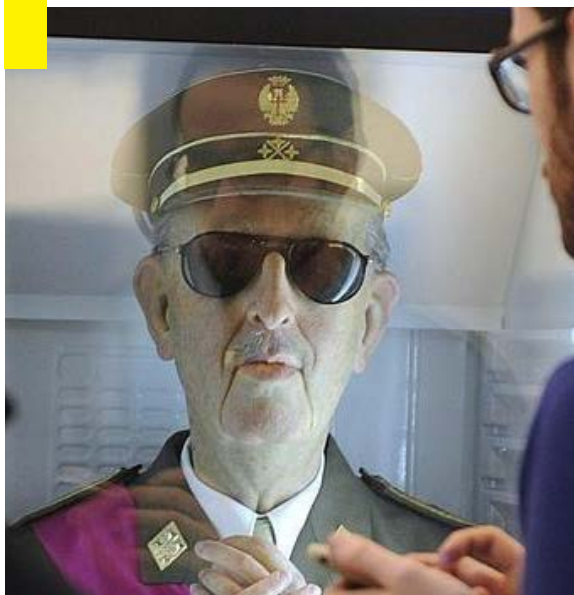
Figura 66



Apresentação do programa "Economia en Colors" de Xavier Sala i Martín.

Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/4ypisAf1bWs/hqdefault.jpg>

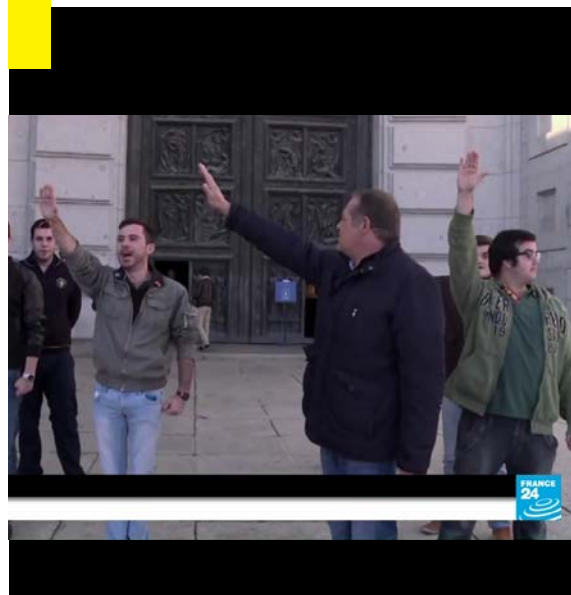
Figura 67



Polémica escultura sobre a resistente imagem de Francisco Franco chamada: "Always Franco".

Fonte: <http://www.abc.es/Media/201202/16/always-franco--644x362.JPG>

Figura 68



Saudação fascista no "Valle de los Caídos" em homenagem a Francisco Franco.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ulRQphHB6uA> (11:02)

Figura 69



Twits contra os catalães na queda do avião de Germanwings.

Fonte: <https://twitter.com/directe/status/580468693404090370>

Figura 70



Merchandising independentista no apoio ao President Mas, frente ao Tribunal Superior de Justicia de Cataluña.

Fonte: http://s5.eestatic.com/2015/09/28/actualidad/Simpatizantes-Junts-celebran-resultados-Barcelona_67503263_4447_1706x1280.jpg

Figura 71



Bar/Restaurante Moritz no Mercat del Born.

Fonte: Própria

Figura 72



Edição especial "Diada" da cerveja Moritz.

Fonte: Própria

Figura 73



Quadro da publicidade: "Castellers" da cerveja Moritz. Ingresso ao Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wMnP9ooGLEk>

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS DIGITAIS

ACN, 09/04/16, *Cuixart vol que la nova immigració i la dels anys 1970 'se senti particip' del procés sobiranista*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/cuixart-vol-que-la-nova-immigracio-i-la-dels-anys70-se-senti-particip-del-proces-sobiranista/?f=rel>. Acesso em: 11/04/16.

ACN, 15/02/16, *Forcadell recorda Muriel Casals: 'Era el somriure de la revolta i la meva mestra'*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/forcadell-recorda-muriel-casals-era-el-somriure-de-la-revolta-i-la-meva-mestra/>. Acesso em: 31/05/16.

ACN, 12/09/15, *La CUP acusa Junts pel Sí d'haver intentat apropiar-se de la Via Lliure*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/la-cup-denuncia-que-junts-pel-si-ha-intentat-apropriar-se-de-la-via-lliure-i-adverteix-que-sels-pot-girar-en-contra/>. Acesso em: 28/03/16.

ACN, 23/03/16, *La Fiscalia encara no s'ha pronunciat sobre els tuits catalanòfobs de Germanwings, segons Drets*, NacióDigital. Disponível em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/105482/fiscalia/encara/no/pronunciat/sobre/tuits/catalanofobs/germanwings>. Acesso em: 29/04/16.

ACN BARCELONA, 01/10/15, *La CUP planteja una 'presidencia coral' donde 'Mas tenga un papel'*, El Periódico. Disponível em: <http://www.elperiodico.com/es/noticias/politica/cup-anna-gabriel-plantea-govern-formado-mas-una-persona27s-elecciones-generales4553189>. Acesso em: 26/03/16.

AFP, 26/03/16, *Johan Cruyff, the catalan resistance fighter*, Col·lectiu Emma. Disponível em: <http://www.collectiuemma.cat/article/2370/johan-cruyff-the-catalan-resistance-fighter>. Acesso em: 31/06/16.

AJUNTAMENT DE BARCELONA, 1859, *Barcelona y los juegos florales, Modernización y Romanticismo*, Any Cerdá.org. Disponível em: <http://www.anycerda.org/web/es/activitats/exposicions/1859-Barcelona-i-els-Jocs-Florals>. Acesso em: 10/02/16.

ALABAO, Nuria, 04/12/15, *Un sol poble? En Comú Podem i el projete de catalanització de les classes populars*, El Crític. Disponible em: <http://www.elcritic.cat/blogs/sentitcritic/2015/12/04/un-sol-poble-el-projete-de-catalanitzacio-de-las-classes-populars-i-lespai-politic-de-podem/>. Acceso em: 03/06/16.

ALBAREDA SALVADÓ Joaquim, 2010, *La Guerra de Sucesión de España (1700 – 1714)*, Crítica, Barcelona.

ALBAREDA SALVADÓ Joaquim, 2004, “¿Qué Cosa es la España? L’espanya Composta Segons L’austriacista Francesc de Castellví”. *Butlletí de la Societat Catalana d’Estudis Històrics*, Núm. XV [pp. 113-123]. Disponible em: <http://www.raco.cat/index.php/ButlletiSCEH/article/view/250490>. Acceso em 08/02/16.

ALERTA DIGITAL, 08/10/12, *Aviones F-18 vuelan a baja altura sobre dos comarcas catalanas y numerosos nacionalistas huyen a Francia*, Alerta Digital. Disponible em: <http://www.alertadigital.com/2012/10/08/aviones-militares-f18-vuelan-a-baja-altura-sobre-dos-comarcas-catalanas-y-algunos-nacionalistas-huyen-a-francia-aterroizados/>. Acceso em: 11/06/16.

ANC, 02/10/14, *ARA ÉS L'HORA completa a Martorell la prova pilot de la Gigaenquesta*, Assemblea.cat. Disponible em: <https://www.omnium.cat/noticia/ara-es-lhora-completa-martorell-la-prova-pilot-de-la-gigaenquesta>. Acceso em: 29/05/16.

ANTICH, José, 07/12/15, *És la televisió, estúpid!*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/ca/opinio/es-la-televisio-estupid_29155_102.html. Acceso em: 23/05/16.

ARA, 10/09/13, *A les portes de la Diada, continuen sumant-se cadenes humanes a l'exterior: ja n'hi ha 117*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/especials/via_catalana-dret_a_decidir_0_972502909.html. Acceso em: 01/05/16.

ARA, 17/09/15, *La Junta Electoral resol que la CCMA ha de retransmetre actes de les forces no independentistes*. Disponible em:

http://www.ara.cat/politica/Junta_electoral-CCMA-retransmetre-actes-forces_no_independentistes-eleccions27S_0_1432656961.html. Acesso em: 30/03/16.

ARA, 18/09/15, *TV3 emetrà en diferit la Festa de la Rosa i els actes centrals del PP i Ciutadans per complir l'ordre de la JEC*. Disponível em: http://www.ara.cat/media/Festa-Rosa-PP-Ciutadans-JEC_0_1433256775.html. Acesso em: 30/03/16.

ARA, 18/09/15, *L'ANC i Òmnium criden a boicotejar la imposició de la Junta Electoral a TV3*. Disponível em: http://www.ara.cat/politica/TV3-boicot-Junta_Electoral_Central-eleccions_plebiscitaries-27S-sobiranisme-independencia_0_1433256850.html. Acesso em: 30/03/16.

ARA, 27/08/15, *La Festa dels Candidats: guia del primer gran acte de campanya de Junts pel Sí*. Disponível em: http://www.ara.cat/politica/acte-Junts_pel_Si-festa-candidats-voluntaris27-S_0_1419458263.html. Acesso em: 28/03/16.

ARA, 26/08/13, *#viacatalanamon: comparteix les fotos de la Via Catalana a l'exterior*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/especials/via_catalana-mon-dret_a_decidir-independencia-Onze_de_Setembre_0_979702209.html. Acesso em: 01/05/16.

ARUGUETE, Natalia, *Los temas que importan*, Anfibia. Disponível em: <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/los-temas-que-importan/>. Acesso em: 23/05/16.

ÁLVAREZ, Marcos, 24/12/11, *“Tema 9 – La ditadura de Primo de Rivera (1923-1930/31)”*, YouTube. [1'20"]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GDcG4Dw3y7s>. Acesso em: 14/02/16.

ALBERTÍ ROVIRA, Enoch, 2010, *“La Sentencia 31/2010: Valoración General de su Impacto sobre el Estatuto y el Estado de las Autonomías”*, *Revista Catalana de Dret Públic, Especial Sentencia 31/2010 del Tribunal Constitucional, sobre el Estatuto de Autonomía de Cataluña de 2006*, Generalitat de Catalunya – Escola d'Administració Pública de Catalunya, [pp. 11 – 68]. Disponível em: https://federalistainfo.files.wordpress.com/2012/10/especial_estatuto_es.pdf. Acesso em: 21/02/16.

AMBINDEPENDENCIA, 05/10/12, *Xavier Rubert de Ventós: Integració del sentiment espanyol*, YouTube. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=c9AbX9IX0MQ>. Acceso em: 05/07/16.

ANC, 2013, *Estatuts de l'Assemblea Nacional Catalana*, Assemblea.cat. Disponible em: https://assemblea.cat/sites/default/files/documents/EstatutsDefinitius_AprovatsAGED_2013.04.06.pdf. Acceso em: 07/03/16.

ANDERSON, Benedict, (1983), 1993, *Comunidades Imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económica, México.

APPADURAI, Arjun, 2001, *La Modernidad Desbordada. Dimensiones Culturales de la Globalización*. Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A. Buenos Aires, Argentina.

ARA ENTREVISTAS, 04/02/12, *Xavier Sala i Martín: "Espanya és com un grup de trilers: quan aixeques el gobelet, sempre hi ha el 8% de dèficit*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/videos/entrevistes/Xavier_Sala_i_Martin-Deficit_fiscal_catala-Spanair-Independencia_3_639566042.html. Acceso em: 06/05/16.

ARA ÉS L'HORA, 2015, *Resultats Gigaenquesta*, Araeshora.cat. Disponible em: <https://atua.araeshora.cat/page/content/resultats-gigaenquesta24a/>. Acceso em: 29/05/16.

ARAGAY, Ignasi, 13/09/15, *Josep M. Fradera: 'La catalane i la espanyola són societats que han estat lligades des de sempre'*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/politica/Josep-Fradera-lespanyola-societats-lligades_0_1430256964.html. Acceso em: 20/04/16.

ARUGUETE, Natalia, 2013, "La Narración del Espectáculo Político: Pensar la Relación entre Sistema de Medios y Poder Político", *Austral Comunicación*, Volumen 2, Nº 2, Universidad Austral, [pp. 205 – 216]. Disponible em: <http://www.austral.edu.ar/ojs/index.php/australcomunicacion/article/viewFile/72/81>. Acceso em: 12/03/16.

ASSEMBLEA NACIONAL, 02/07/15, *Fem de la #ViaLliure11S una onada imparabile d'il·lusió, color i arguments per guanyar la República catalana de tots!*,

Tweeter. Disponível em:
<https://twitter.com/assemblea/status/616577865363144704/photo/1>. Acesso em:
02/05/16.

ASSEMBLEA NACIONAL CATALANA, *Qui som*, Assamblea.cat. Disponível em:
<http://assemblea.cat/quisom>. Acesso em: 22/02/16.

ASSEMBLEA VIDEO, 06/09/15, *Manual d'instruccions per a la Via Lliure*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UAJoJe3dXtc>. Acesso em: 02/05/16.

ASSOCIACIÓ DE MUNICIPIS PER LA INDEPENDÈNCIA, *AMI, els 4 primers anys*, municipisindependencia.cat. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_cpcWKYkORw&feature=youtu.be. Acesso em:
16/03/15.

ASSOCIACIÓ DE MUNICIPIS PER LA INDEPENDÈNCIA, *Objectius*, municipisindependencia.cat. Disponível em:
<http://www.municipisindependencia.cat/que-es-ami/objectius/>. Acesso em: 16/03/16.

ASSOCIACIÓ DE MUNICIPIS PER LA INDEPENDÈNCIA, *Què és l'AMI?*, municipisindependencia.cat. Disponível em:
<http://www.municipisindependencia.cat/que-es-ami/>. Acesso em: 16/03/2016.

ASSOCIATED PRESS, 15/10/15, *Catalan leader marches to court at head of huge flag-waving crowd*, The Guardian. Disponível em:
<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/15/artur-mas-court-barcelona-catalonia-independence-referendeum-abuse-power>. Acesso em: 25/05/16.

AURELL, Jaume, 2001, "La Formación del Imaginário Histórico del Nacionalismo Catalão, de la Renaixença al Noucentisme (1830 – 1930)", *Revista Historia Contemporánea*, Universidad de Navarra.

BALANDIER, Georges, 1980, *O Poder em Cena*, Editora Universidade de Brasília.

BANKS, Marcus, (2008), 2010, *Los Datos Visuales en Investigación Cualitativa*, Ediciones Morata, Madrid.

BARAHONA, Pepe, 19/05/16, *La prohibición de la Copa del Rey, el inesperado brote verde para la fábrica de esteladas en Cataluña*, El Español. Disponível em: http://www.elespanol.com/espana/20160518/125737791_0.html. Acesso em: 01/06/16.

BARBETA, Jordi, 19/12/12, *Mas y Junqueras pactan estabilidad y la convocatoria de la consulta en el 2014*, La Vanguardia. Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/politica/20121219/54358105365/mas-junqueras-pactan-consulta.html>. Acesso em: 26/03/16.

AYUNTAMIENTO DE BARCELONA, *Sardanas*, Barcelona.cat. Disponível em: <http://culturapopular.bcn.cat/es/ambitos-festivos/danza/sardanas>. Acesso em: 12/06/16.

BARNILS, Andreu, 08/11/15, *Les mil i una CUP i Artur Mas*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/les-mil-i-una-cup-i-artur-mas/>. Acesso em: 25/03/16.

BASSAS, Antoni, 23/05/16, *L'anàlisi d'Antoni Bassas: 'La final censurada'*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/videos/analisi/Leditorial-dAntoni-Bassas-final-censurada_3_1582071778.html. Acesso em: 25/05/16.

BASSA, David, 27/05/15, *El franquisme que no marxa*, Núvol. Disponível em: <http://www.nuvol.com/noticies/el-franquisme-que-no-marxa/>. Acesso em: 26/04/16.

BELTING, Hans, 2011, *A Verdadeira Imagem*, Dafne Editora, Porto.

BELTING, Hans, 2007, *Antropología de la Imagen*, Katz Editores, Argentina.

BEN-AMI, Shlomo, (1983), 2012, "Hacia una Comprensión de la Dictadura de Primo de Rivera", , *Revista de Derecho Político* Nº6, Año 1980, Department of History University of Tel-Aviv, [pp. 107 – 132]. Disponível em <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:DerechoPolitico-1980-06-10065&dsID=PDF>. Acesso em 28/12/15.

BENJAMIN, Walter, 2005, *El Libro de los Pasajes*, Ediciones Akal, Madrid.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas, (1968), 2003, *La Construcción Social de la Realidad*, Amorrortu Editores, Buenos Aires.

BERTRAND, Èric, 15/09/15, *L'àmbit d'Immigració de Junts pel Sí fa campanya en 13 idiomes*, nouscatalans.cat. Disponível em: <http://www.nouscatalans.cat/index.php/52-noticies/fundacio/9636-l-ambit-d-immigracio-de-junts-pel-si-fa-campanya-en-13-idiomes.html>. Acesso em: 27/04/2016.

BLANCHAR, Clara, 24/07/15, *Barcelona retira el busto de Juan Carlos I de su salón de plenos*, El País. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2015/07/23/catalunya/1437662188_815825.html. Acesso em: 11/06/16.

BORTHWICK, Jamie, 20/05/16, *Barcelona fans to wave Saltire at cup final after Catalan flag ban*, Stv. Disponível em: <http://stv.tv/sport/football/1354756-barcelona-fans-to-wave-saltire-at-cup-final-after-catalan-flag-ban/>. Acesso em: 24/05/16.

BUCK, Tobias, 10/11/15, *Fringe CUP party emerges to drive Catalan Independence*, The Financial Times. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/d62ce3a8-87bb-11e5-90de-f44762bf9896.html#axzz445wOQfLG>. Acesso em: 27/03/16.

BURKE, Peter, 2005, *Visto y no visto*, Barcelona.

CALAVIA SAÉZ, Oscar, 2013, *Esse Obscuro Objeto de Pesquisa: Um Manual de Método, Técnicas e Teses em Antropologia*. Edição do Autor, Ilha de Santa Catarina.

CALVO, Àlex, 06/05/14, *Escrivint en anglès sobre Catalunya: cinc regles d'or*, Tribuna.cat. Disponível em: <http://www.tribuna.cat/cronica//escrivint-en-angles-sobre-catalunya-cinc-regles-dor06-05-2014.html#.ViKoMOwbZ08.twitter>. Acesso em: 22/05/16.

CAMPOS, Cristian, 28/02/16, *España es fea*, El Español. Disponível em: http://www.elespanol.com/opinion/20160228/105859414_12.html. Acesso em: 31/05/16.

CAMPS, Carlota, 15/02/16, *Les condicions per donar a Casals un carrer a Barcelona*, El Nacional.cat. Disponível em: http://www.elnacional.cat/ca/bcn-hub/condicions-donar-casals-carrer-barcelona-nomenclator_73289_102.html. Acesso em : 31/05/16.

CANALES SERRANO, Antonio Francisco, 2005, "El Sobre el Robo de la Memoria. Sobre el Lugar del Franquismo en la Historiografía Católico-Catalanista", *Juventud y política en la España contemporánea*, Ayer, No. 59. Asociación de Historia Contemporánea and Marcial Pons Ediciones de Historia, [pp. 259 - 280]. Disponible em: https://www.academia.edu/8436089/El_robo_de_la_memoria._Sobre_el_lugar_del_franquismo_en_la_historiograf%C3%ADa_cat%C3%B3lico-catalanista. Acceso em: 10/01/16.

CANDIDATURA D'UNITAT POPULAR, "Qui som", CUP.cat. Disponible em: <http://cup.cat/qui-som>. Acceso em: 12/01/16.

CARABAÑA, Julio; LAMOS DE ESPINOSA, Emilio, 1978, "La Teoría Social del Interaccionismo Simbólico: Análisis y Valoración Crítica". *Reis: Revista española de investigaciones sociológicas*, Nº 1, [pp. 159 - 204]. Disponible em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=666889>. Acceso em: 25/01/16.

CARBONELL, Eudald; BELLMUNT, Cinta S., 2011, *El Catalanismo Evolutiu*, Ara Llibres, S.C.C.L. Badalona.

CARDÚS CARDELLACH, Pere, 28/01/16, *Has sentit això que diuen de l'Anna Gabriel?*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/pere-cardus-article-mail-obert-opinio-has-sentit-aixo-que-diuen-de-lanna-gabriel/>. Acceso em: 03/02/16.

CASTELLÓN, Albert, 2013, *Catalonia, Next Brand in Europe: Una estratègia de màrqueting per a un nou país*. Ara Llibres, S.C.C.L. Badalona.

CASTRO, Liz, 2013, *¿Qué le passa a Catalunya? Las Causas que la Impulsan a la Separación*, Editado por Liz Castro, Catalonia Press.

CASULLERAS NUALART, Josep, 12/03/16, *De la FECAC al tupé de Rufián: el problema a l'àrea metropolitana*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/paternalisme-relats-inventats-i-la-llavor-del-problema-a-larea-metropolitana/?f=amat>. Acceso em: 21/03/16.

CASULLERAS NUALART, Josep, 16/09/15, *El 27-S i la premsa: El País ridiculitza Flix i Iceta fa un 'xou de Truman'*, VilaWeb. Disponible em:

<http://www.vilaweb.cat/noticies/el-27-s-i-la-premsa-el-pais-ridiculitza-flix-i-iceta-fa-un-show-de-truman/>. Acesso em: 30/04/16.

CASULLERAS NUALART, Josep, 18/09/15, *Els trets a l'aire de la premsa de Madrid; l'aire fresc de France Presse*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/els-trets-a-la-ire-de-la-premsa-de-madrid-la-ire-fresc-de-france-presse/>. Acesso em: 30/03/16.

CASULLERAS NUALART, Josep, 23/05/16, *Els responsables de la realització escandalosa de la final de Copa, vinculats a Mediaset*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/els-responsables-de-la-realitzacio-escandalosa-de-la-final-de-copa-vinculats-a-mediaset/>. Acesso em: 24/05/16.

CATALAN WEEKEND, *Catalan Weekend – Volem que el món ho visqui amb nosaltres*, Òmnium Cultural. Disponível em: <https://www.catalanweekend.cat/ca/>. Acesso em: 27/01/16.

CATALUNYA SI QUE ES POT, 06/04/16, *Rabell qualifica el manifest Koiné de 'racista i fonamentalista cultural'*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XUfBJgS-XqQ>. Acesso em: 11/04/2016.

CINEGRAF, 13/08/14, *O Capitain, my Capitain! | Thank you to Robin Williams (HD)*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j64SctPKmqk>. Acesso em: 23/04/16.

CLUA I FAINÉ, Montserrat, 2011, "Catalanes, inmigrantes y charnegos: 'raza', 'cultura' y 'mezcla' en el discurso nacionalista catalán", *Revista de Antropología Social*, Vol. 20, Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/36262/35111>. Acesso em 08/01/16.

COCA, María Teresa, 13/10/14, *Un diputado catalán a Rato: 'Hasta pronto, gánster. Fuera la mafia'*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/cataluna/2013/11/11/5280de8b63fd3df14c8b4579.html>. Acesso em: 23/03/16.

COLOMER, M., 19/06/13, *De la Jonquera a Alcanar: 400 km de 'Via Catalana' cap a l'estat independent*, Ara. Disponível em:

http://www.ara.cat/politica/Cadena_humana-ANC-Catalunya_0_940706169.html.

Acesso em: 01/05/16.

CONGOSTRINA, Alfonso L., 28/05/16, *La legión marcha por Barcelona*, El País. Disponível em:

http://ccaa.elpais.com/ccaa/2016/05/28/catalunya/1464433765_834629.html. Acesso em: 11/06/16.

CUARTANGO, Pedro G., 12/09/14, *La Guerra de Sucesión no fue entre españoles y catalanes*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/espana/2014/09/12/5412a65e268e3ec6088b456f.html>.

Acesso em: 25/05/16.

CUP, 2015, *Un Peu al Parlament de Catalunya*, Novoptint, Catalunya. Disponível em: http://cup.cat/sites/default/files/un_peu_al_parlament_de_catalunya.pdf. Acesso em 23/03/16.

CUP CRIDA CONSTITUENT, 2015, *Marc Polític*, Perlaruptura.cat. Disponível em: <http://perlaruptura.cat/wp-content/uploads/2015/07/10-Punts-per-la-Rutura1.pdf>. Acesso em: 25/03/16.

CUP, 2015, *Programa Polític, per a les eleccions al Parlament de Catalunya del 27 de Setembre de 2015*, Cup.cat. Disponível em: http://cup.cat/sites/default/files/programa_de_la_cup_crida_constituent_27s.pdf. Acesso em: 24/03/16.

DAWBBER, Alistair, 19/11/15, *General Franco: Forty years after his death Spain is still coming to terms with the painful legacy of its civil war*, Independent. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/general-franco-forty-years-after-his-death-spain-is-still-coming-to-terms-with-the-painful-legacy-of-a6741191.html>. Acesso em: 26/04/16.

DE BLAS GUERRERO, 25/08/04 Andrés, *El imperialismo Catalán*, El País. Disponível em: http://elpais.com/diario/2004/08/25/opinion/1093384808_850215.html. Acesso em 04/01/16.

DE QUEROL, Ricardo, 10/10/15, *Epidemia de desafección*, El País. Disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2015/10/09/babelia/1444387689_125047.html. Acesso em: 23/01/16.

DE QUEROL, Ricardo, 09/01/16, *Zygmund Bauman: 'Las Redes Sociales son una Trampa*, El País. Disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2015/12/30/babelia/1451504427_675885.html?rel=epr. Acesso em: 23/01/16.

DEBORD, Guy, (1967), 2003, *A Sociedade do Espetáculo*, Projeto Periferia. Coletivo Periferia.

DEDIEU, Jean-Pierre, 2000, *La Nueva Planta en su contexto. Las reformas del aparato del Estado en el reinado de Felipe V*, Manuscrits: Revista d'història moderna Nº18, Universitat Autònoma de Barcelona: Departament d'Historia Moderna.

DEL TORO, Suso, 22/12/15, *¿Aprenderá a pactar, España?*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/es/articulo-suso-de-toro-aprendera-pactar-espana_0_1490251126.html. Acesso em: 18/01/16.

DELPHIN, Markus, 12/09/15, *ANC – Signa un vot per la Independencia [SUBT]*, DailyMotion. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/x36gbkr>. Acesso em: 02/04/16.

DURKHEIM, Emile, 1982, *The Rules of Sociological Method*, The Free Press, New York.

ECURED, *Bandera de la estrella solitaria*, EcuRed. Disponível em: http://www.ecured.cu/Bandera_cubana. Acesso em: 27/04/16.

EFE, 04/01/16, *Joan Tardà, primer dirigente de ERC que pide a Artur Mas que 'dé un paso al lado'*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/cataluna/2016/01/04/568a52bc22601df3118b45d7.html>. Acesso em: 26/03/16.

EFE, 18/07/13, *Meter a Franco en una nevera es arte y no delito*, La Vanguardia. Disponível em:

<http://www.lavanguardia.com/cultura/20130718/54377898304/franco-nevera-arte-delito.html>. Acesso em: 28/05/16.

EFE/ABC, 20/05/16, *ANC y Òmnium repartirán banderas escocesas para suplir las esteladas en la final de la Copa del Rey*, ABC. Disponível em: http://www.abc.es/espana/catalunya/politica/abci-y-omnium-repartiran-banderas-escocesas-para-suplir-esteladas-final-copa201605201248_noticia.html. Acesso em: 25/05/16.

EL ECONOMISTA.ES, 29/08/15, *Bonet pide a los empresarios catalanes que hablen a sus empleados sobre las consecuencias de la independencia*, El Economista.es. Disponível em: <http://www.eleconomista.es/politica/noticias/6966388/08/15/Bonet-pide-a-los-empresarios-catalanes-que-hablen-a-sus-empleados-sobre-las-consecuencias-de-la-independencia.html>. Acesso em: 02/04/16.

EL PAÍS, 29/03/16, *Més de 170 lingüistes reclamen el català com a única llengua oficial*, El País. Disponível em: http://cat.elpais.com/cat/2016/03/29/cultura/1459276372_040957.html. Acesso em: 31/03/16.

EL PAÍS, 29/09/15, *Seis pasos desde la consulta prohibida a la imputación de Mas por el 9N*, El País. Disponível em: http://politica.elpais.com/politica/2015/09/29/actualidad/1443519345_437459.html. Acesso em: 09/06/16.

EL MUNDO.ES, 21/09/15, *Los espectadores respaldan el boicot de la ANC y TV3 bate record mínimo de audiencia*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/cataluna/2015/09/21/560036be22601d1b378b459d.html>. Acesso em: 30/03/16.

EL NACIONAL, 23/02/16, *Tardà esclata per la catalanofòbia en Madrid*, El Nacional. Disponível em: http://www.elnacional.cat/ca/politica/joan-tarda-xavier-domenech-madrid_79764_102.html. Acesso em: 29/04/16.

EL NACIONAL, 23/05/16, *La victòria blaugrana desferma la catalanofòbia a Twitter*, El Nacional.cat. Disponível em:

http://www.elnacional.cat/ca/esports/catalanofobia-twitter-victoria-barca_103548_102.html. Acesso em: 24/05/16.

EL PERIÓDICO, 24/09/15, *Junts pel Sí, al estilo de 'El club de los poetas muertos' en su último vídeo de campaña*, El Periódico. Disponível em: <http://www.elperiodico.com/es/noticias/politica/junts-pel-lanza-video-con-dos-versiones-mas-junqueras4535694>. Acesso em: 23/04/16.

EL PERIÓDICO, 12/09/15, *Junts pel Sí s'apropia de la manifestació de la Diada*, El Periódico. Disponível em: http://www.elperiodico.cat/ca/noticias/politica/junts-llista-convergencia-erc-apropiacio-via-lliure-manifestacio-diada4502475?utm_source=twitter-nineconnections&utm_medium=social&utm_campaign=http%3A%2F%2Fwww.elperiodico.cat%2Fca%2Fnoticias%2Fpolitica%2Fjunts-llista-convergencia-erc-apropiacio-via-lliure-manifestacio-diada4502475. Acesso em: 30/04/16.

ELPAÍS.COM/EFE, 13/09/09, *Arenys vota masivamente a favor de la independencia de Cataluña*, El País. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2009/09/13/actualidad/1252829817_850215.html. Acesso em: 09/03/16.

ENCICLOPÈDIA.CAT, *Cas dels Catalans*, Internet Archive WaybackMachine. Disponível em: http://web.archive.org/web/20120825064020/http://www.enciclopedia.cat/fitxa_v2.jsp?NDCHEC=0016413. Acesso em: 25/01/15.

ESCOBAR MARTÍ, Marta, 06/05/16, *El Suprem ratifica la prohibició d'exhibir estelades a edificis públics*, El Nacional. Disponível em: http://www.elnacional.cat/ca/politica/suprem-prohibeix-estelades-edificis-publics_102775_102.html. Acesso em: 24/05/16.

ESPEJO, Bea, 11/12/15, *Joan Fontcuberta: 'Antes la fotografía era escritura. Hoy es lenguaje'*, El Cultural. Disponível em: <http://www.elcultural.com/revista/arte/Joan-Fontcuberta-Antes-la-fotografia-era-escritura-Hoy-es-lenguaje/37349>. Acesso em: 09/07/16.

ESTEBAN DE VEGA; Mariano, MORALES MOYA, Antonio, 2004, "Nacionalismos y Estado en España durante el siglo XX", *DHMMC. Artículos del Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea*. Repositorio Documental Gredos, Universidad de Salamanca. Disponible em: <http://hdl.handle.net/10366/21656>. Acceso em: 18/02/16.

ETXEARTE, Odei A., 03/07/13, *Sóc de 'Santako', no imbècil*, VilaWeb. Disponible em: www.vilaweb.cat/opinio_contudent/4131380/odei-etxearte-soc-santako-imbecil.html. Acceso em: 01/05/16.

FERNÁNDEZ, Nicolasa, 11/04/16, *El castellanoparlant instrumentalitzat*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/el-castellanoparlant-instrumentalitzat/>. Acceso em: 05/05/16.

FOLGUERA DURAN, Manuel, 1996, "Una flama de la meva vida (memòries)", *Materials del Baix Llobregat N°2, Tardor 1996*. Sabadell, Col·legi de Doctors i Llicenciats, [pp. 158 – 159]. Disponible em: <http://www.raco.cat/index.php/Materials/article/view/200780/268302>. Acceso em: 09/08/16.

FONTANA, Josep, 2004, "La Guerra de Successió: els Motius de Catalunya", *Revista de Dret Històric Català (Societat Catalana d'Estudis Jurídics)*, Vol. 3, [pp. 11-23].

FORN, Lu, 06/04/16, *És racista el Manifest Koiné sobre la llengua?*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/ca/opinio/manifest-koine-catala-llengua-racista_101364_102.html#. Acceso em: 11/04/16.

FORN, Lu, 14/02/16, *Usar la mort aliena per a l'Ego propi*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/ca/opinio/usar-la-mort-aliena-per-lego-propi_72789_102.html. Acceso em: 31/05/16.

FORN, Lu, 18/05/16, *Manual per estelar-se a la final de copa*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/ca/opinio/estelades-final-copa-barca_103347_102.html. Acceso em: 24/05/16.

FRENKEL, Alejandro, *¿La inversión de una crisis? Estado de Shock*, Revista Anfibia. Disponível em: <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/estado-de-shock/>. Acesso em: 26/02/16.

FRISACH, M., 01/09/15, *Quim Torra deixa el Born Centre Cultural*, El Punt Avui. Disponível em: <http://www.elpuntavui.cat/cultura/article/19-cultura/890612-quim-torra-deixa-el-born-centre-cultural.html>. Acesso em: 19/04/16.

FUENTES CODERA, Maximiliano, 2013, "Eugenio d'Ors y la Génesis del Discurso del Nacionalismo Falangista", *Falange. Las culturas políticas del fascismo en la España de Franco (1936-1975)*, Institución Fernando el Católico, CSIC, Zaragoza, [pp. 148 – 164]. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=566244>. Acesso em 04/01/16.

GABRIEL, Pere, 2000, "Las bases políticas e ideológicas del catalanismo de izquierdas del siglo XX", *Revista Espacio, tiempo y forma. Serie V, Historia contemporánea*, Nº 13 [pp. 73 – 114]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=148133>. Acesso em: 23/05/16.

GARCÍA ALIX, Conrado, 1998, "El Grupo de "El Pacto de San Sebastián" en la transición de la Monarquía a la República", *Estudis: Revista de historia moderna*, Nº 24, 1998, [pp. 479 – 494]. Disponível em http://www.uv.es/dep235/PUBLICACIONES_III/PDF77.pdf. Acesso em 29/12/15.

GARCÍA CANCLINI, Néstor, (1989), 1990, *Culturas Híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidade*, Editorial Grijalbo, S.A., México, D.F.

GELI, Carles, 10/08/14, *Las 'maldades' de la Universidad de 1717*, El País. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2014/08/10/catalunya/1407703116_186056.html. Acesso em: 10/02/16.

GELL, Alfred, 1998, *Art and Agency*, Clarendon Press, Oxford.

GENERALITAT DE CATALUNYA, 2014, *La Renaixença*, EDU3.CAT. Disponível em: http://www.edu3.cat/Edu3tv/Fitxa?p_id=18239&p_ex=la%20renaixen%E7a. Acesso em: 09/10/16.

GENERALITAT DE CATALUNYA, *El Catalán en los Medios de Comunicación*, Gencat.cat. Disponível em: http://www.gencat.cat/culturcat/portal/site/culturacatalana/menuitem.be2bc4cc4c5aec88f94a9710b0c0e1a0/es_ES/indexd49c.html?vgnnextoid=4a2a5c43da896210VgnVCM1000000b0c1e0aRCRD&vgnnextchannel=4a2a5c43da896210VgnVCM1000000b0c1e0aRCRD&vgnnextfmt=detall2&contentid=8517edfc49ed7210VgnVCM1000008d0c1e0aRCD&newLang=es_ES. Acesso em: 28/03/16.

GENERALITAT DE CATALUNYA, 1989, *Llei de Normalització Lingüística a Catalunya*. Disponível em: <http://llengua.gencat.cat/permalink/71dc3c81-5382-11e4-8f3f-000c29cdf219>. Acesso em: 30/03/16.

GIORI, Pablo, 2014, “Cataluña, Nación y Medios. La Construcción del Espacio Nacional de Comunicación (1978-2014)”, *Revista Internacional de Historia de la Comunicación* Nº3 [pp. 119 – 139]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4918041>. Acesso em: 29/03/16.

GODINHO, Paula, (Coord.), 2014, *Antropologia e Performance: Agir, Atuar, Exibir*. Coleção Cultura e Sociedade, dirigida por Paula Godinho, 100 Luz, Castro Verde - Alentejo (Portugal).

GODINHO, Paula, 2012, *Usos da Memória e Práticas do Patrimônio*, Colibri, Lisboa.

GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo, 2005, “‘Bon cop de falç!’ Mitos e Imaginarios Bélicos en la Cultura del Catalanismo”, *El Nacionalismo Catalán: Mitos y Lugares de Memoria*, Jordi Canal (coord.), [pp. 119 – 164]. *Revista Historia y Política*, Nº14. Disponível em: <http://www.cepc.gob.es/publicaciones/revistas/revistaselectronicas?IDR=9&IDN=643&IDA=26778>. Acesso em: 05/06/16.

GONZÁLEZ CUEVAS, Pedro Carlos, 2005, “Enric Ucelay Da Cal, El imperialismo catalán. Prat de la Riba, Cambó, D'Ors y la conquista moral de España, Edhasa, Barcelona, 2003”, *Revista Historia y Política* Nº13 [pp. 270 – 277]. Disponível em: <http://www.cepc.gob.es/publicaciones/revistas/revistaselectronicas?IDR=9&IDN=642&IDA=26761>. Acesso em 04/01/16.

GORDILLO, Saúl, 2014, *Sobirania.cat: 10 Anys de la Revolta Política Catalana a Internet*, Crea't Edicions. Disponible em: <http://www.saul.cat/sobirania.cat/SOBIRANIAcat-SaulGordillo.pdf>. Acesso em: 30/03/16.

GRAMSCI, Antonio, (1948), 2006, *Los Intelectuales y la Organización de la Cultura*. Disponible em: <http://www.educarteoax.com/pedagogizando/descargas/otros/gramsci.pdf>. Acesso em: 08/08/16.

GRAN ENCICLOPÈDIA CATALANA, *Catalunya Nova*, Enciclopèdia.cat. Disponible em: <http://www.enciclopedia.cat/EC-GEC0016501.xml>. Acesso em: 04/06/16.

GRAN ENCICLOPÈDIA CATALANA, *Catalunya Vella*, Enciclopèdia.cat. Disponible em: <http://www.enciclopedia.cat/EC-GEC0016507.xml>. Acesso em: 04/06/16.

GRAN ENCICLOPÈDIA CATALANA, *Francesc Macià i Llussà*, Enciclopèdia.cat. Disponible em: <http://www.enciclopedia.cat/EC-GEC0038963.xml>. Acesso em: 05/01/16.

GRAN ENCICLOPÈDIA CATALANA, *Òmnium Cultural*, Enciclopèdia.cat. Disponible em: <http://www.enciclopedia.cat/EC-GEC0047336.xml>. Acesso em: 12/01/16.

GRANADA COLOR PRODUCTION, 05/06/12, *La Guerra Civil Española. Capítulo 4. Franco y los nacionalistas*, YouTube, Ixordiga. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=-MkgrsXJbH4>. Acesso em: 17/02/16.

GRIMSON, Alejandro, 2015, *Los Límites de la Cultura: Críticas de las Teorías de la Identidad*, Grupo Editorial Siglo XXI, Argentina.

GRUZINSKI, Serge, 1994, *La Guerra de las Imágenes*, Fondo de Cultura Económica, México.

GUTÍERREZ, Àlex, 2015, *111 Pareu Màquines del procés*, ara.cat.

HAKOBYAN, Seda; SOLANO, Alexandre, 15/01/16, *L'independentisme ha trencat la barrera de l'origen familiar a Catalunya*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/mes-independentistes-que-nacionalistes-les-dades/>. Acesso em: 19/01/16.

HALBWACHS, Maurice, 1990, *A Memória Coletiva*, Biblioteca Vértice, São Paulo, Brasil.

HAYDEN, Robert, (1996), 2002, “Imagined Communities and Real Victims. Self-Determination and Ethnic Cleansing in Yugoslavia”, Hinton, A. (ed.), *Genocide. An Anthropological Reader*, Malden MA e Oxford, Blackwell, [pp. 231 – 253].

HEDGECOE, Guy, 20/11/15, *The Legacy of Franco*, Político. Disponível em: <http://www.politico.eu/article/the-legacy-of-franco-spanish-dictator40-years/>. Acesso em: 10/01/16.

HEINICH, Nathalie, 2009, *La Fabrique do Patrimoine, de la cathédrale à petit cuillère*, Paris, EMSH.

HERNÁNDEZ, M., 20/09/15, *TV3 cumple y emite obligada el baile de Iceta y las lágrimas de Rivera*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/cataluna/2015/09/20/55feeb7d268e3eaa4f8b4582.html>. Acesso em: 30/03/16.

HOBBSBAWM, Eric, J., 1992, “Ethnicity and Nationalism in Europe Today”, *Anthropology Today* Vol.8 [pp. 3 – 8]. Disponível em: <http://www.rationalites-contemporaines.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/Hobsbawm.pdf>. Acesso em: 01/06/2016.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence, 1983, *The invention of tradition*, Cambridge, CUP.

IRAOLA, Eduardo Ivan, 2013, *Diseño de Lettering: Marcas, identidade y rock nacional*, Universidad de Palermo, Facultad de Diseño y Comunicación. Disponível em: http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/proyecto graduacion/archivos/2695.pdf. Acesso em: 27/04/16.

JENKS, Chris, (1995), 2003, *Visual Culture*, Taylor & Francis e-Library.

JULIANA, Enric, 24/09/15, *Miradas portuguesas sobre Catalunya*, La Vanguardia. Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/politica/elecciones-catalanas/20150924/54435449113/miradas-portuguesas-catalunya-enric-juliana.html>. Acesso em: 12/06/16.

JULVE, Rafa; PUIG, Laura, 15/10/15, *Artur Mas declara ante el juez por la consulta del 9-N*, El Periódico. Disponible em: <http://www.elperiodico.com/es/noticias/politica/artur-mas-declaracion-consulta9n-companys-tsjc-direto4589010>. Acceso em: 25/06/16.

JUNQUERAS, Oriol, 27/08/08, *Proximitats genetiques*, Avui. Disponible em: http://streaming.ajgirona.org/pandora-NEW/cgi-bin/Pandora.exe?xslt=ejemplar;publication=Avui;sort_publication=avui;day=27;month=08;year=2008;page=002;id=0002205130;collection=pages;url_high=pages/Avui/2008/200808/20080827/20080827002.PDF;lang=ca;encoding=utf-8. Acceso em: 29/04/16.

JUNTS PEL SÍ, 28/08/15, *Festa dels Candidats de Junts pel Sí*, YouTube. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=HBjGAL284dE>. Acceso em: 28/03/16.

JUNTS PEL SÍ, 17/09/15, *Junts anirem més lluny, la cançó de Junts pel Sí*, YouTube. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=fYjOL7W5WzY>. Acceso em: 11/07/16.

JUNTS PEL SÍ, *Qui som, Junts pel Sí*. Disponible em: http://www.juntspelsi.cat/qui_som?locale=ca. Acceso em: 12/06/16.

JUNTS PEL SÍ, 24/09/15, *Si, tot és possible (Junqueras)*, Junts pel Sí. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yx9WgDuKKKc>. Acceso em: 23/04/16.

JUNTS PEL SÍ, 24/09/15, *Si, tot és possible (Mas)*, Junts pel Sí. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=de1HlbPiVUg>. Acceso em: 23/04/16.

KHAZALEH, Lorenz, *Benedict Anderson: 'I like nationalism's utopian elements'*, University of Oslo. Disponible em: <https://www.uio.no/english/research/interfaculty-research-areas/culcom/news/2005/anderson.html>. Acceso em: 06/01/16.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara, 1998, *Destination Culture. Tourism, Museums, and Heritage*, University of California Press, Printed in the United States of America.

LA LLAVE Y GARCIA, Joaquín de, 1903, *El sitio de Barcelona en 1713-1714*, Memorial de Ingenieros del Ejército, Colección de Memórias, Imprenta del Memorial de Ingenieros, Madrid.

LA SEXTA NOTICIAS, 02/11/14, *El ciutadà Macià i la jove República – (Documental) (en català)*, YouTube. (min. 8:35) Disponible em: https://www.youtube.com/watch?v=2rph_OZWJwk. Acesso em: 12/06/16.

LA VANGUARDIA, 08/11/14, *Convocadas concentraciones contra el 9N y a favor de la unidad de España*, La Vanguardia. Disponible em: <http://www.lavanguardia.com/politica/20141108/54419064609/convocadas-concentraciones-contra-el9n-y-a-favor-de-la-unidad.html>. Acesso em: 25/05/16.

LA VANGUARDIA, 28/10/11, *Peces-Barba: ‘Quizá nos hubiera ido mejor con los portugueses y sin los catalanes’*, La Vanguardia. Disponible em: <http://www.lavanguardia.com/politica/20111027/54237244306/peces-barba-quiza-nos-hubiera-ido-mejor-con-los-portugueses-y-sin-los-catalanes.html>. Acesso em: 28/04/16.

LA VANGUARDIA, 21/07/15, *La lista unitaria soberanista se presentará como Junts pel Sí*. Disponible em: <http://www.lavanguardia.com/politica/20150720/54433506156/junts-pel-si.html#ixzz3gSgETpN0>. Acesso em: 28/03/16.

LAVOZDEBARCELONA.COM, 29/11/11, *Los catalanes siguen prefiriendo medios de comunicación en español*. Disponible em: <http://www.vozbcn.com/2011/11/29/94518/catalanes-prefieren-medios-castellano/>. Acesso em: 29/03/16.

LAVOZDEBARCELONA.COM, 05/07/10, *Puerto de la Selva se declara ‘independiente’ de España en respuesta a la sentencia del TC*. Disponible em: <http://www.vozbcn.com/2010/07/05/24175/puerto-selva-independiente-espana/>. Acesso em: 16/03/16.

LASALAS, Marta, 14/02/16, *Muriel Casals, la independentista serena*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/ca/vides/muriel-casals_71943_102.html. Acesso em: 31/05/16.

LASALAS, Marta, 11/01/16, *Dones i territori compliquen la formació del Govern*, El Nacional.cat. Disponible em: <http://www.elnacional.cat/ca/dones-i-territori-compliquen-el-govern/>. Acesso em 12/01/16.

LASEXTA, 09/12/15, *Cifuentes: 'Yo no concibo España sin Cataluña'*, YouTube. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=DIQlCBKFqZE>. Acceso en: 01/05/16.

LÁZARO, Julio M., 28/06/10, *El Constitucional aprueba un recorte moderado que permite aplicar el Estatuto*, El País. Disponible en: http://elpais.com/elpais/2010/06/28/actualidad/1277713023_850215.html. Acceso en: 21/02/12.

LÖFGREN, Orvar, 1989, *The Nationalization of Culture*, *Ethnologia Europaea* XIX.

LÓPEZ, Jaume, 2011, "Del dret a l'autodeterminació al dret a decidir. Un possible canvi de paradigma en la reivindicació dels drets de les nacions sense estat", *Quaderns de Recerca* Nº4, Centre Unesco de Catalunya UNESCOCAT. Disponible en: <http://www.unescocat.org/fitxer/3373/qr4%20okxweb.pdf>. Acceso en: 01/06/16.

LORENA, Sofia, 07/11/14, *Na Catalunha há mais gente do que o normal que chora pela política*, Público Portugal. Disponible en: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/na-catalunha-ha-mais-gente-do-que-o-normal-que-chora-pela-politica1675425>. Acceso en: 30/03/16.

LOS GARCÍA CATALUNYA, 10/06/13, *Los García, Cataluña y el future de todos*, YouTube. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=aedfuT5ffs8>. Acceso en: 01/05/16.

LOWENTHAL, David, (1985), 1998, *El Pasado es un País Extraño*, Ediciones Akal, S.A., Madrid.

LURGAIN, Jone G., 19/04/10, *Hoy no es posible una identidad nacional pura; el nacionalismo del futuro debe ser abierto e inclusivo*, Noticias de Guipuzkoa. Disponible en: <http://blog.imanollasa.com/wp-content/uploads/2010/04/Entrevista-a-Montserrat-Guibernau.pdf>. Acceso en: 10/04/16.

LYNCH, John, 2005, *Historia de España 5. Edad Moderna - Crisis y recuperación, 1598-1808*, Editorial Critica.

LLANES SALAZAR, Rodrigo, 2011, "Simulacros Étnicos. Etnicidad y desigualdad entre los Mayas de Yucatán", Simona Scotti y Margarita Zárate, eds., *Etica Pubblica e*

Religioni [pp. 213 – 220]. Disponível em: https://www.academia.edu/1044284/Simulacros_%C3%A9tnicos._Etnicidad_y_desigualdad_entre_los_mayas_de_Yucat%C3%A1n. Acesso em: 01/06/16.

LLOBERA, Josep R., (1994), 1996, *El Dios de la Modernidad: El desarrollo del Nacionalismo en Europa Occidental*, Anagrama, Barcelona.

MALINOVSKI, Bronislaw, (1922), 1997, “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, *Ethnologia*, n.s., Nº 6 - 8 [pp. 17 – 37].

MARÍ-KLOSE, Pau, 06/10/15, *Un sol poble?*, El País. Disponível em: http://cat.elpais.com/cat/2015/10/05/opinion/1444064963_257068.html. Acesso em: 29/04/16.

MARÍ-KLOSE, Pau, 06/10/15, *¿Un solo pueblo?*, El País, Disponível em: http://elpais.com/elpais/2015/10/05/opinion/1444046875_755284.html. Acesso em: 23/01/16.

MARIMON, Sílvia, 03/03/16, *El monument franquista de Tortosa: 50 anys d'història i els intents frustrats de retirar-lo*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/cultura/Parlament-IAjuntament-Tortosa-monument-franquista_0_1533446786.html. Acesso em: 11/06/16.

MARIMON, Sílvia, 16/02/16, *Ricard Vinyes: ‘Voldríem suprimir la nefasta dinastia Borbó del nomenclàtor*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/cultura/born-nomenclator-borbo-memoria-historica-barcelona_0_1524447580.html. Acesso em: 19/04/16.

MARTÍ, Pep, 06/10/15, *La ‘Fiesta de la Raza’ torna a la marginalitat*, NacióDigital. Disponível em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/96002/fiesta/raza/torna/marginalitat>. Acesso em: 24/05/16.

MARTÍ, Pep, 20/03/16, *Vergonyes nacionals: botiflers, colonialistes i franquistes*, NacióDigital. Disponível em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/105303/vergonyes/nacionals/botiflers/colonialistes/franquistes>. Acesso em: 09/08/16.

MARTIN, Richard, 18/05/16, *Barcelona say police ban on Catalan nationalist flag at Copa del Rey final is an attack on fans' freedom of expression*, Daily Mail. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-3597590/Barcelona-absolute-disagreement-police-ban-Catalan-nationalist-flag-Copa-del-Rey-final.html>. Acesso em: 23/05/16.

MARTINS, Humberto, 2013, "Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo", *Etnográfica* [Online], vol. 17 (2) [pp. 395 – 419]. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/3168>. Acesso em: 20/08/16.

MBRICA, Ani, 26/01/14, *Dead Poets Society (3-rd lesson, look at things in a different way) (1'35")*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XtYRC00IoUs>. Acesso em: 23/04/16.

MENÉNDEZ, María, 14/01/15, *Mas adelantará las elecciones en Cataluña al 27 de septiembre de 2015 tras pactar con ERC*, RTVE. Disponível em: <http://www.rtve.es/noticias/20150114/mas-adelanta-elecciones2015/1082261.shtml>. Acesso em: 22/02/16.

MEYER RESENDE, Madalena, 2011, "Transformando a nação: os nacionalismos dos partidos de centro-direita em Espanha e na Polónia", *Análise Social* Vol. 46 Nº 201 [pp. 741 – 764]. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3867350>. Acesso em: 20/02/16.

MINDER, Raphael, 19/11/15, *Civil War Legacy Continues to Divide Spain's Politics and its Streets*, The New York Times. Disponível em: http://www.nytimes.com/2015/11/20/world/europe/in-spain-civil-war-legacy-continues-to-divide-politics-and-streets.html?_r=1. Acesso em 10/01/16.

MITCHELL, W. J. T., (1996), 2013, *What do Pictures Want?. The Lives and Loves of Images*, University of Chicago Press, Chicago.

MONTAÑÉS, José Ángel, 1/12/15, *Las Fallas del Pirineo, Patrimonio Inmaterial de la Humanidad*, El País. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2015/12/01/catalunya/1448986932_989841.html. Acesso em: 09/08/16.

MORÁN, Gregorio, (1991), 1992, *El Precio de la Transición*, Editorial Planeta, Barcelona.

MORITZ BARCELONA, 22/11/10, *Castellers by Moritz*, YouTube. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=J2DypCGeRSE>. Acceso em: 25/05/16.

MUNDODEPORTIVO.COM, 20/05/16, *ANC y Òmnium repartirán banderas escocesas para suplir las esteladas*, Mundo Deportivo. Disponible em: <http://www.mundodeportivo.com/futbol/20160520/401924243191/anc-y-omnium-repartiran-banderas-escocesas-para-suplir-las-esteladas.html>. Acceso em: 24/05/16.

MUNDODEPORTIVO.COM, 10/03/16, *Barça y Òminium renuevan convenio cultural y apoyo al 'derecho a decidir'*, Mundo Deportivo. Disponible em: <http://www.mundodeportivo.com/futbol/20160310/40343907963/barca-y-ominium-renuevan-convenio-cultural-y-apoyo-al-derecho-a-decidir.html>. Acceso em: 30/03/16.

MUSEU D'HISTÒRIA DE BARCELONA, 2009, *Barcelona y los Jocs Florals, 1859. Modernización y Romanticismo*, Ajuntament de Barcelona, Barcelona Cultura. Disponible em: http://www.bcn.cat/museuhistoriaciutat/docs/JOCS%20FLORALS_CAST_WEB.pdf. Acceso em: 08/08/16.

MUSEU D'HISTÒRIA DE CATALUNYA, 2010, *Historia de Catalunya: Catalunya, Historia y Memoria*, Museu d'Història De Catalunya, Barcelona.

MUSEU D'HISTÒRIA DE CATALUNYA, 2014, *300 Onzes de Setembre: 1714 – 2014*, Generalitat de Catalunya.

NACIÓDIGITAL, 04/11/15, *Les entitats sobiranistes reparteixen 30.000 estelades a l'entrada del Camp Nou*. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/97541/entitats/sobiranistes/ja/tenen/punt/30000/estelades/repartir-les/entrada/camp/nou>. Acceso em: 23/05/16.

NACIÓDIGITAL, 07/10/15, *L'Assemblea vol recuperar 'la força del 9-N' a las xarxes socials*, NacióDigital. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/96055/assemblea/vol/recuperar/forca/9-n/xarxes/socials>. Acceso em: 25/05/16.

NACIÓDIGITAL, 07/10/15, *La xarxa respon a la campanya de l'ANC i fa bategar el 9-N*, NacióDigital. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/96061/xarxa/respon/campanya/anc/fa/bategar/9-n>. Acesso em: 25/05/16.

NACIÓDIGITAL, 07/11/15, *La Sexta, acusada de convertir una reclamació per les pagues extra en una manifestació contra el process*, NacióDigital. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/97686/sexta/acusada/convertir/reclamacio/pagues/extra/manifestacio/contra/proc>. Acesso em: 30/03/16.

NACIÓDIGITAL, 11/02/16, *El Born Centre de Cultura i Memòria, el 'nou nom' del Born de Barcelona*. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/103079/born/centre/cultura/memoria/nou/nom/born/barcelona>. Acesso em: 19/04/16.

NACIÓDIGITAL, 16/05/16, *Projecten la imatge de Franco i de Hitler en un poble de Toledo*. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/108582>. Acesso em: 24/05/16.

NACIÓDIGITAL, 19/10/15, *La UEFA tornarà a multar el Barça per l'exhibició d'esteladas*. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/96678/uefa/tornara/multar/barca/exhibicio/estelades>. Acesso em: 23/05/16.

NACIÓDIGITAL, 20/01/16, *Vídeo Antena 3 vincula la CUP, l'“entorn” d'ETA i Podem amb el govern veneçolà*, NacióDigital. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/101845/video/antena/vincula/cup/entorn/eta/podem/amb/govern/venecola>. Acesso em: 30/03/16.

NACIÓDIGITAL, 24/03/16, *Nostàlgics feixistas canvien el nom de la Gran Via de Barcelona*, NacióDigital. Disponible em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/105527/nostalgics/feixistes/canvien/nom/gran/via/barcelona>. Acesso em: 11/06/16.

NACIÓDIGITAL, *Suport institucional a “Signa un vot per la independència*, NacióDigital. Disponible em:

<http://www.naciodigital.cat/manresa/noticia/42453/suport/institucional/signa/vot/independencia>. Acesso em: 02/04/16.

NARVÁEZ FERRI, Manuela, 2005, “IV Part: La Fi del Regionalisme”, *L’Orfeo Català, cant coral i catalanisme (1891-1951)*, [pp. 691 – 931]. Disponível em <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/35524?mode=full>. Acesso em 09/08/16.

NAVARRO, Vicenç, 30/09/15, *Análisis de las elecciones: que ha pasado en Cataluña*, Público.es. Disponível em: <http://blogs.publico.es/vicenc-navarro/2015/09/30/analisis-de-las-elecciones-que-ha-pasado-en-catalunya/>. Acesso em: 30/04/16.

NAVARRO, Vicenç, 05/06/16, *El Barça, més que un club?*, Ara. Disponível em: http://m.ara.cat/opinio/Barca-mes-que-club_0_1590440954.html. Acesso em: 07/06/16.

NAVARRO, Vicenç, 2013, *Ni Estados Unidos ni España son ‘Países de Clases Medias’*, Temas para el Debate, Público. Disponível em: <http://www.vnavarro.org/?p=10159>. Acesso em: 09/06/16.

NAVARRO, Vicenç, 2015, *¿Por qué crece el independentismo en Cataluña?*, Pensamiento Crítico, Público. Disponível em: <http://www.vnavarro.org/?p=12602>. Acesso em: 17/11/16.

NOGUER, Miquel, 25/08/15, *Junts pel Sí recluta a 100.000 mensajeros del independentismo*, El País. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2015/08/24/catalunya/1440443942_989823.html. Acesso em: 28/03/16.

NOGUER, Miquel; PIÑOL, Àngels, 14/10/14, *Mas propone diluir la consulta en un proceso de participación ciudadana*, El País. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2014/10/13/catalunya/1413228751_388842.html. Acesso em: 22/02/16.

NORA, Pierre, 1993, “Entre Memória e História, a Problemática dos Lugares”, *Projeto história 10, Revista do Programa de estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*, [pp. 7 – 28], Educ – Editora da PUC-SP.

NÚÑEZ SEIXAS, Xose Manuel, 2007, "La España regional en armas y el nacionalismo de guerra franquista (1936-1939)", *La Construcción de la Identidad Regional en Europa y España (siglos XIX y XX)*, Ayer Nº64, Madrid, [pp. 201 – 231].
Disponível em:
https://www.ahistcon.org/PDF/numeros/ayer64_ConstruccionIdentidadRegionalEuropaEspana_NunezSeixas.pdf. Acesso em: 18/02/16.

OBIOLS, Isabel, 15/04/02, *Entrevista: Ricardo García Cárcel | Historiador, 'Felipe V es un caso de neurosis obsesiva con respecto a Cataluña'*, El País. Disponível em:
http://elpais.com/diario/2002/04/15/catalunya/1018832851_850215.html. Acesso em: 06/02/16.

OM, Albert, 20/05/16, *Carta a l'estelada: 'L'us i l'abús de l'estelada'*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/opinio/albert-om-us-abus-estelada_0_1580841995.html. Acesso em: 24/05/16.

ÒMNIMUM CULTURAL, 01/10/14, *ARA ÉS L'HORA estrena web amb arguments i testimonis per fer un país nou*. Disponível em: <https://www.omnium.cat/noticia/ara-es-lhora-estrena-web-amb-arguments-i-testimonis-fer-un-pais-nou>. Acesso em: 29/05/16.

ÒMNIMUM CULTURAL, *Canvien les persones, persisteixen les raons*, YouTube. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?time_continue=75&v=xRmvkibWeYY. Acesso em: 15/03/16.

ÒMNIMUM CULTURAL, *Catalans want to vote*, Òmnium Cultural. Disponível em:
<https://www.omnium.cat/catalanswanttovote>. Acesso em: 14/03/16.

ÒMNIMUM CULTURAL, *Història*, Òmnium.cat. Disponível em:
<https://www.omnium.cat/qui-som/historia>. Acesso em: 13/03/16.

ÒMNIMUM CULTURAL, 29/06/13, *Memòria del Concert per la Llibertat. Camp Nou, Barcelona, 29 de juny de 2013*. Disponível em:
https://www.omnium.cat/sites/default/files/gestio/03_que_fem/02_actualitat/memoria_concert_llibertat.pdf. Acesso em: 13/03/16.

ÒMNIUM CULTURAL, *Òmnium convida una trentena de personalitats internacionals a viure la Via Lliure*, Òmnium Cultural. Disponible em: <https://www.omnium.cat/noticia/omnium-convida-una-trentena-de-personalitats-internacionals-viure-la-lliure#sthash.g6gfrgAC.dpuf>. Acesso em: 03/02/16.

ORRIOLS, Núria, 15/02/16, *La pèrdua de Muriel Casals commociona el món cívici i polític*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/politica/perdua-Muriel-Casals-commociona-politic_0_1523247707.html. Acesso em: 31/05/16.

OVEJERO, Félix, 12/01/16, *La inestable apuesta de Podemos*, El País. Disponible em: http://elpais.com/elpais/2016/01/05/opinion/1451992285_585943.html. Acesso em: 12/01/16.

PAGÈS I BLANCH, Pelai, 2007, *Cataluña en guerra y en revolución (1936-1939)*, Ediciones Espuela de Plata, Colección España en armas nº 9, Sevilla.

PALMER, Jordi, 16/11/15, *El PP vol suprimir 'Donec Perficiam', l'exposició temporal del Born CC*, NacióDigital. Acesso em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/98220/pp/vol/suprimir/donec/perficiam/exposicio/temporal/born/cc>. Acesso em: 19/04/16.

PALMER, Jordi, 15/05/16, *Una estelada se cuele en Eurovisión mientras la organización confisca una ikurriña*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/es/cultura-ideas-artes/estelada-eurovision-confiscacion-ikurrina_103196_102.html. Acesso em: 10/06/16.

PARTAL, Vicent, 06/04/16, *No tot s'hi val, senyor Rabell*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/no-tot-val-senyor-rabell/?f=amat>. Acesso em: 11/04/16.

PARTAL, Vicent, 08/06/16, *Com un país independent*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/com-un-pais-independent/>. Acesso em: 09/06/16.

PARTAL, Vicent, 19/05/16, *Tenen por de l'estelada*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/tenen-por-de-lestelada/>. Acesso em: 24/05/16.

PARTICIPA2014.CAT, *P1_bi_descarregable*, Generalitat de Catalunya. Disponible em: http://www.participa2014.cat/pdf/P1_bi_descarregable.pdf. Acceso em: 12/06/16.

PAYNE, Stanley, G., 1999, *Fascism in Spain, 1923 – 1977*, The University of Wisconsin Press. Madison, Wisconsin.

PI, Jaume, 11/09/14, *Catalunya dibuja la enorme V de la Diada con la que reclama votar el 9-N, La Vanguardia*". Disponible em: <http://www.lavanguardia.com/politica/20140911/54415871043/catalunya-v-de-la-diada.html>. Acceso em: 02/05/16.

PICAZO, Sergi, *Els independentistes del Cinturó Roig (que no votaran la llista unitària)*, El Crític. Disponible em: <http://www.elcritic.cat/blogs/sergipicazo/2015/07/14/els-independentistes-del-cinturo-roig-que-no-votaran-la-llista-unitaria/>. Acceso em: 02/04/16.

PICAZO, Sergi, 22/04/15, *Odei Etxearte: "Sembla que, si no ets 'xoni', no pots ser de Santa Coloma*, El Crític. Disponible em: <http://www.elcritic.cat/entrevistes/odei-etxearte-sembla-que-si-no-ets-xoni-no-pots-ser-de-santa-coloma3604>. Acceso em: 01/05/16.

PLANAS, Mònica, 20/05/15, *Empar, i ara no et diuen res?*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/opinio/Empar-ara-no-diuen-res_0_1580842017.html. Acceso em: 24/05/16.

PLANAS, Pablo, 04/06/14, *'Los tanques entran por la Diagonal': las redes sociales del separatismo dan la voz de alerta*, LibertadDigital. Disponible em: <http://www.libertaddigital.com/espana/2014-06-04/los-tanques-entran-por-la-diagonal-las-redes-sociales-del-separatismo-dan-la-voz-de-alerta1276520574/>. Acceso em: 11/06/16.

PLATAFORMA PER LA LLENGUA, *Qui som?*, Plataforma per la Llengua, L'ONG del català. Disponible em: <http://www.plataforma-llengua.cat/qui-som/>. Acceso em: 25/05/16.

PLATAFORMAXLLENGUA, 12/04/16, *El 24 d'abril, cridem pel català!*, YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vpgGe_psexec. Acesso em: 25/05/16.

PLATAFORMAXLLENGUA, 23/05/16, *Patricia Gabancho dona la seva véu pel català*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6o74T6Zgmal>. Acesso em: 25/05/16.

PONS, Marc, 15/05/16, *L'origen històric de la catalanofòbia*, El Nacional. Disponível em: http://www.elnacional.cat/ca/cultura-idees-arts/catalanofobia-origen-historic_103106_102.html. Acesso em: 24/05/16.

PONS, Marc, 20/05/16, *L'estelada: Origen i evolució*, El Nacional. Disponível em: http://www.elnacional.cat/ca/cultura-idees-arts/historia-estelada-origen-evolucio-vermella-blava_103414_102.html. Acesso em: 23/05/16.

POUS, Laura, 02/07/10, *Catalan Historic Memory policy is 'exemplary', says historian Paul Preston*, Catalan News Agency. Disponível em: <http://www.catalannewsagency.com/society-science/item/catalan-historic-memory-policy-is-exemplary-says-historian-paul-preston>. Acesso em: 20/04/16.

PRAT DE LA RIBA, Enrich, 1906, *La Nacionalidad Catalana*, Clásicos de Historia 76. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/mq4cd51zqeaxt8p/Prat.pdf?dl=0>. Acesso em: 05/07/16.

PRENSA CUPNACIONAL, 03/04/14, *#HOPODEMTOT*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCv7aM5uSjTjiRvna6sRchcQ>. Acesso em: 23/04/16.

PRENSA CUPNACIONAL, 23/09/15, *#27S Governem-nos per canviar-ho tot! HD*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HVG4uQ94jDg>. Acesso em: 23/04/16.

PRUNA, Gerard, 07/04/16, *Rabell titlla de 'racista' el manifest del Grup Koiné*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/politica/Rabell-racista-manifest-Grup-Koine_0_1554444577.html. Acesso em: 11/04/16.

PÚBLICO, 23/07/15, *La UEFA multa al Barcelona con 30.000 euros por las esteladas y los gritos independentistas en la final de la Champions en Berlín*, Público. Disponible en: <http://www.publico.es/deportes/uefa-multa-al-barcelona30.html>. Acceso en: 23/05/16.

PUJOL, Jordi - Llei 1/1980, de 12 de juny, *Reconeixement legal*, Generalitat de Catalunya. Disponible en: <http://web.gencat.cat/ca/actualitat/reportatges/diada-nacional-de-catalunya/historia/-reconeixement-legal/>. Acceso en: 12/06/16.

QUINTA, Alfons, 04/05/76, *La burguesía catalana renunció a la política en favor de los problemas económicos*, El País. Disponible en: http://elpais.com/diario/1976/05/04/espana/200008821_850215.html. Acceso en: 05/06/16.

RAHOLA, Pilar, 24/02/12, *Artur Mas: "Pienso más en las próximas generaciones que en las próximas elecciones*, La Vanguardia. Disponible en: <http://www.lavanguardia.com/magazine/20120224/54258645650/artur-mas-generalitat-psoe-pp-cataluna.html>. Acceso en: 29/04/16.

REDACCIÓ, 23/05/16, *'España ahoga los pitos al Rey', a la portada de 'La Razón'*, NacióDigital. Disponible en: <http://www.naciodigital.cat/noticia/108994/espana/ahoga/pitos/al/re/portada/razon>. Acceso en: 24/05/16.

REDACCIÓ, 03/05/16, *Un vídeo confirma l'agressió a dues animalistes en el correbou de Mas de Barberans*, TV3. Disponible en: <http://www.ccma.cat/324/un-video-confirma-les-agressions-de-dues-animalistes-en-el-correbou-a-mas-de-barberans/noticia/2728961/>. Acceso en: 24/05/16.

REDACCIÓ NACIÓDIGITAL, 25/03/16, *VÍDEO 'Gràcies Johan', l'homenatge del Barça a l'holandès volador'*, NacióDigital. Disponible en: <http://www.naciodigital.cat/noticia/105605/video/gracies/johan/homenatge/barca/holandes/volador>. Acceso en: 31/05/16.

REDACCIÓ VILAWEB, 24/03/16, *Amics de Cruyff i personalitats del país expressen la seva tristor a Twitter*, VilaWeb. Disponible en:

<http://www.vilaweb.cat/noticies/amics-de-cruyff-i-personalitats-del-pais-expressen-la-seva-tristor-a-twitter/>. Acesso em: 31/05/16.

REDACCIÓ NACIÓGARROTXA, 23/05/16, *El PP carrega contra Puigdemont pel tuit sobre 'la final de les estelades'*, NacióDigital. Disponível em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/108989>. Acesso em: 24/05/16.

RENYER, Jaume, 06/01/16, *La reacció de l'odi contra la revolució dels somriures*, VilaWeb. Disponível em: <http://blocs.mesvilaweb.cat/jrenyer/?p=271745>. Acesso em: 21/01/16.

RETOUR, Billet, 16/02/16, *Le fantôme de Franco hante toujours l'Espagne*, France24. Disponível em: <http://www.france24.com/fr/20160212-video-reporter-fantome-franco-hante-espagne-caudillo-franquisme-republicains-guerre-civile>. Acesso em: 26/04/16.

REVERTE, Jorge M., 23/11/16, *Elogio de la CUP*, El País. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2015/11/22/opinion/1448213307_827302.html. Acesso em: 01/05/16.

RIAÑO, Peio H., 13/02/12, *Franco, presente... en Arco*, El País. Disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2012/02/13/actualidad/1329163264_681831.html. Acesso em: 28/05/16.

RICO, Jose, 04/01/16, *La CUP propone investir a Munté, Junqueras o Romeva*, El Periódico. Disponível em: <http://www.elperiodico.com/es/noticias/politica/cup-propone-investir-oriol-junqueras-raul-romeva-neus-munte4791960>. Acesso em: 26/03/16.

RIDAO, José María, 29/09/01, *El nacionalismo español*, El País. Disponível em: http://elpais.com/diario/2001/09/29/babelia/1001719028_850215.html. Acesso em: 22/05/16.

RINCÓN, Reyes, 22/05/16, *Un juez permite las esteladas en la final de la copa del Rey*, El País. Disponível em: http://politica.elpais.com/politica/2016/05/20/actualidad/1463744624_999119.html. Acesso em: 24/05/16.

ROBLES, Antonio, 06/06/16, *Racismo cultural encubierto*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/opinion/2016/06/06/575454d0e2704e0e348b45b8.html>. Acesso em: 09/06/16.

RODRÍGUEZ, José, 02/04/16, *No som colons, ni voluntaris ni involuntaris*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/no-som-colons-ni-voluntaris-ni-involuntaris/>. Acesso em: 11/04/16.

ROGER, Maiol, 17/07/14, *La ANC quiere otra Diada “histórica” con una V humana en Barcelona*, El País. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2014/07/17/catalunya/1405598275_236327.html. Acesso em: 02/05/16.

ROGER, Maiol, 28/07/10, *Catalunha prohíbe los toros*, El País. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2010/07/28/actualidad/1280305017_850215.html. Acesso em: 24/05/16.

RUBERT DE VENTÓS, Xavier, 1999, *Catalunya: De la Identitat a la Independència*, Novagràfik, S.L., Barcelona.

RUBERT DE VENTÓS, Xavier, 1994, *Nacionalismos: El Labirinto de la Identidad*, Editorial Espasa Calpe S. A., Madrid.

RUBÍ, Gemma, 2011, *Protesta, desobediencia y violencia subversiva. La Semana Trágica de julio de 1909 en Cataluña*, Universitat Autònoma de Barcelona. [pp. 245 – 268]. Disponível em: <file:///Users/diegorivarola/Downloads/Dialnet-ProtestaDesobedienciaYViolenciaSubversiva4060880.pdf>. Acesso em 04/01/16.

RUBÍÓ, Marthe, 08/09/14, *181 millones para los medios en pleno proceso soberanista*, El Mundo. Disponível em: <http://www.elmundo.es/grafico/espana/2014/09/08/53db717bca4741781c8b4577.html>. Acesso em: 29/03/16.

S.M., 10/03/13, *El Born s'inaugurarà al setembre amb un crit de guerra*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/cultura/Born-sinaugurara-setembre-crit-guerra_0_880112045.html. Acesso em: 19/04/16.

SABERIA, *¿Cuántos golpes de estado ha habido en España?*, Saberla Multimedia S.L. Disponível em: <http://www.saberla.com/2012/11/cuantos-golpes-de-estado-ha-habido-en-espana/>. Acesso em: 21/02/16.

SAHLINS, Peter, 1989, *Boundaries: The Making of France and Spain in the Pyrenees*, University of California Press, Ltd. Oxford, England.

SALLÉS, Q., 13/12/12, *David Fernández: 'Catalunha tem um problema, la Brimo'*, Nació Digital. Disponível em: <http://www.naciodigital.cat/noticia/49820/david/fernandez/catalunya/problema/brimo>. Acesso em: 23/03/16.

SÁNCHEZ PIÑOL, Albert, 17/08/15, *Palabras por la independencia de Cataluña*, Clarín. Disponível em: http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Palabras-independencia-catalana_0_1412858719.html. Acesso em: 12/06/16.

SANTAMARÍA, Antonio, 07/04/16, *El esencialismo lingüístico del Manifiesto del grupo Koiné*, El Viejo Topo. Disponível em: <http://www.elviejotopo.com/topoexpress/el-esencialismo-linguistico-del-manifiesto-del-grupo-koine/>. Acesso em: 11/04/16.

SARANTOULAKIS, Zacarías, 2015, *El impacto y la difusión de la lengua catalana en los medios de comunicación de Cataluña vía web: Análisis de los webs de los nuevos medios en catalán*, Universidad Autónoma de Barcelona. Disponível em: http://ddd.uab.cat/pub/trerecpro/2015/hdl_2072_254574/TFM_Zacarias_Sarantoulakis.pdf. Acesso em: 29/03/16.

SARTORI, Giovanni, 1998, *Homo videns: La sociedad teledirigida*, Taurus, Alfaguara, S.A., Buenos Aires.

SAZ, Ismael; ARCHILÉS, Ferran, 2011, *Estudios sobre nacionalismo y nación en la España Contemporánea*, Prensas Universitarias de Zaragoza, España.

SCOTT, James C., 2000, *Los Dominados y el Arte de la Resistencia: Discursos Ocultos*, Ediciones Era, México.

SEIÇA SALGADO, Ricardo, 2014, "A política do jogo dramático: marginalidade descentrada como resistência criativa (estudo de caso de um grupo de teatro

universitário)", *Antropologia e Performance: Agir, Atuar, Exibir*, [pp. 79 – 99]. Coleção Cultura e Sociedade, dirigida por Paula Godinho, 100 Luz, Castro Verde - Alentejo (Portugal).

SIERRA, Lluís, 25/07/15, *Un concejal de la CUP arroja billetes falsos a CiU, C's y PP en el pleno de Barcelona*, La Vanguardia. Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/politica/20150724/54433586283/cup-ciu-pp-billetes-falsos-barcelona.html>. Acesso em 23/03/16.

SÒRIA, Josep Maria, 08/11/11, *Naixement i mort de l'Assemblea de Catalunya*, La Vanguardia. Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/encatala/20111106/54237588105/naixement-i-mort-de-l-assemblea-de-catalunya.html>. Acesso em: 09/01/16.

SMITH, Anthony D., 1997, *La Identidad Nacional*, Trama Editorial, Madrid, España.

SÚMATE, 28/09/13, *Asociación Súmate: Juntos vamos a construir un nuevo país*, Súmate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GG8T92i8V6Y>. Acesso em: 20/03/16.

TATJER, Mercedes, 2006, *La Industria en Barcelona (1832-1992). Factores de Localización y Cambio en las Áreas Fabriles: Del Centro Histórico a la Región Metropolitana*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. X, núm. 218 (46). Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-46.htm>. Acesso em 06/01/16.

THE CATALAN PROJECT, 11/09/12, *About - Description*, Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/TheCatalanProject/info/?tab=page_info. Acesso em: 30/05/16.

THE CATALAN PROJECT, *The Catalan Project*, SlideShare. Disponível em: <http://www.slideshare.net/TheCatalanProject>. Acesso em: 30/05/16.

THE CATALAN PROJECT, *Vídeos*, YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/thecatalanproject/videos>. Acesso em: 30/05/16.

THIESSE, Anne-Marie, 2000, *A Criação das Identidades Nacionais*, Temas e Debates, Braga.

TOMÁS, Nicolás, 02/01/16, *La CUP per a 'Deummies'*, El Temps. Disponível em: <http://www.eltmps.cat/ca/notices/2016/01/la-cup-per-a-dummies13023.php>. Acesso em: 25/03/16.

TORREBLANCA, José Ignacio, 31/10/15, *Descubrirse ante la CUP*, El País. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2015/10/30/opinion/1446222205_670440.html. Acesso em: 25/03/16.

TERCERO, Alejandro, 19/09/13, *El 'derecho a decidir': una invención reciente del nacionalismo catalán*, Crónica Global. Disponível em: <http://www.cronicaglobal.com/es/notices/2013/09/el-derecho-a-decidir-una-invencion-del-nacionalismo-catalan529.php>. Acesso em: 01/06/16.

TORO, Marc, 01/04/14, *Ja pots veure la gigafoto de la Via Catalana: entra-hi i busca't*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/politica/Carme-Forcadell_0_1112288941.html. Acesso em: 01/05/16.

TUGAS, Roger; COLOMER, Marc, 24/11/15, *Les respostes de Mas a 'l'agressió' de l'Estat: denúncies als tribunals i més pedagogia sobiranista*, Ara. Disponível em: http://www.ara.cat/politica/Mas-Estat-agressio-liquidacio-autonomia-financera-Generalitat-Catalunya_0_1473452783.html. Acesso em: 19/01/16.

TURNER, Victor, (1969), 1974, *O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura*, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, Brasil.

TV3, 31/08/15, *300*, Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuais. Disponível em: <http://www.ccma.cat/tv3/300/programa/>. Acesso em: 18/04/16.

TV3, 23/11/15, *Economia en colors*, Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuais, SA. Disponível em: <http://www.ccma.cat/tv3/economia-en-colors/programa/>. Acesso em: 06/05/16.

TV3, 11/09/14, *El Cas dels Catalans*, Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuals, SA. Disponible em: <http://www.ccma.cat/tv3/alcanta/el-cas-dels-catalans/el-cas-dels-catalans/video/5234291/>. Acceso em: 08/02/16.

TV3, 12/02/14, *L'estelada, un símbol provisional*, Televisió de Catalunya. Disponible em: La estelada como símbolo provisional. Acceso em: 12/06/16.

UCELAY-DA CAL, Enric, 2005, “‘Ser y no ser’: la visión del españolismo desde la perspectiva catalanista, o lo que se puede aprender escuchando”, *El Nacionalismo Catalán: Mitos y Lugares de Memoria*, Jordi Canal (coord.), Revista Historia y Política, Nº14, [pp. 11 – 44]. Disponible em: <http://www.cepc.gob.es/publicaciones/revistas/revistaselectronicas?IDR=9&IDN=643&IDA=26775>. Acceso em: 05/06/16.

UN PAÍS NORMAL, 15/07/14, *Documental ‘Un país normal’ (català)*, YouTube. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sg82uokyZEU>. Acceso em: 31/05/16.

UN PAÍS NORMAL, *Um País Normal in mass media*, Un País Normal. Disponible em: http://unpaisnormal.eu/en/recull-de-premsa/#.V11MQY7vh_s. Acceso em: 12/06/16.

UOC; LLLL, *La Renaixença*, Lletra.com. Disponible em: <http://www.lletra.com/es/periodo/la-renaixenca/detalle>. Acceso em: 10/02/16.

VARGAS LLOSA, Mario, 2012, *La Civilización del Espectáculo*, Alfaguara, España.

VASILOGAMBROS, Matt, 19/05/16, *Why Spain Banned This Flag From a Soccer Game*, The Atlantic. Disponible em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2016/05/spain-flag-soccer/483569/>. Acceso em: 23/05/16.

VICENS, Laia, 18/11/15, *Com es prenen les decisions a la CUP?: de baix a dalt i d'assemblea en assemblea*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/videos/reportatges/organigrama_CUP-assemblees_locals-territorials-parlament_3_1469883001.html. Acceso em: 25/03/16.

VICENS, Laia, 15/11/15, *El debat intern més transcendent de la CUP, des de baix*, Ara. Disponible em: http://www.ara.cat/politica/intern-transcendental-CUP-prenen-decisions_0_1468053306.html. Accés em: 23/03/16.

VILA, Enric, 15/11/16, *Antonio Baños, el cebo de la CUP*, El Nacional. Disponible em: http://www.elnacional.cat/es/politica/antonio-banos-el-cebo-de-la-cup_16609_102.html. Accés em: 15/11/16.

VILAR, Pierre, 1978, *La Historia de España*, Grijalbo, Barcelona.

VILAR, Pierre, 2011, "En el Umbral de una Historia de Catalunya", *Breve Historia de Catalunya*, Edicions UAB, Belaterra (Cerdanyola del Vallès), [pp. 5 – 20]. Disponible em: http://publicacions.uab.es/pdf_llibres/EYL0003.pdf. Accés em: 16/02/16.

VILLAVARDE, Diego F, 13/07/10, *Michel Foucault: Les Hétérotopies (Radio Feature, 1966)*. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=lxOruDUO4p8>. Accés em: 20/01/16.

VILAWEB, 07/03/16, *Empar Moliner ridiculitza els insults de l'espanyolisme a Gabriel Rufián*. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/empar-moliner-ridiculitza-els-insults-de-lespanyolisme-a-gabriel-rufian/>. Accés em: 21/03/16.

VILAWEB, 07/10/15, *L'ANC rememora el 9-N amb una campanya a les xarxes*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/lanc-rememora-el9-n-amb-una-campanya-a-les-xarxes/>. Accés em: 25/05/16.

VILAWEB, 09/10/15, *La carta de disconformitat amb l'encausament de Mas, Ortega i Rigau per enviar al TSJC*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/la-carta-de-disconformitat-amb-lencausament-de-mas-ortega-i-rigau-per-a-enviar-al-tsjc/>. Accés em: 25/05/16.

VILAWEB, 10/09/13, *El Born Centre Cultural s'inaugura amb una crida a impressionar el món amb la Via Catalana*, VilaWeb. Disponible em: <http://www.vilaweb.cat/noticia/4142375/20130910/born-centre-cultural-sinaugura-crida-impressionar-mon-via-catalana.html>. Accés em: 07/06/16.

VILAWEB, 18/03/16, *Legionaris filofranquistes mantenen les desfilades a Catalunya malgrat les critiques*. Disponible em:

<http://www.vilaweb.cat/noticies/legionaris-filofranquistes-mantenen-les-desfilades-a-catalunya-malgrat-les-critiques/>. Acesso em: 25/05/16.

VILAWEB, 1995, *Què és VilaWeb?*. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/www/quees.html>. Acesso em: 30/03/16.

VILAWEB, 19/05/16, *Com desobeir la prohibició de les estelades a la final de copa*. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/quatre-idees-per-saltar-se-la-prohibicio-de-les-estelades/>. Acesso em: 24/05/16.

VILAWEB, 21/05/16, *Simbologia nazi, provocacions i aldarulls en la manifestació autoritzada per Dancausa a Madrid*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/simbologia-nazi-provocacions-i-aldarulls-en-la-manifestacio-autoritzada-per-dancausa-a-madrid/>. Acesso em: 24/05/16.

VILAWEB TV, 04/03/16, *El primer discurs de Gabriel Rufián al congres espanyol*, Dailymotion. Disponível em: http://www.dailymotion.com/video/x3vvikw_el-primer-discurs-de-gabriel-rufian-al-congres-espanyol_news. Acesso em: 21/03/16.

VINCENT, Lucia; CARRERA, Fernando, *De la sonrisa perfecta al tuit viral*, Anfibia. Disponível em: <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/el-declive-del-hombre-mediatico/>. Acesso em: 23/05/16.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga, 2011, "Imagens: Documentos de Visões de Mundo". Sociologias, Porto Alegre , Vol. 13, Nº28, [pp. 284 - 314]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222011000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 23/01/16.

XURIACH, Roger, 12/10/13, *Catalunya sigue siendo tratada como una colonia* Público. Disponível em: <http://www.publico.es/espana/catalunya-sigue-siendo-tratada-colonia.html>. Acesso em: 20/03/16.

ZABALLA, Bel, 14/12/15, *Lluís Cabrera: 'L'operació de Súmate ha estat un greu error'*, VilaWeb. Disponível em: <http://www.vilaweb.cat/noticies/lluis-cabrera-loperacio-de-sumate-ha-estat-un-greu-error/>. Acesso em: 21/03/16.

ANEXO 1 - Guião entrevistas

_ Entrevista geral

1. Dades personals
 - Nom
 - Edat
 - Lloc de naixement
 - Entorn familiar i social (origen geogràfic i social de la família, llocs on va viure, religiositat, pares independentistes, etc.)
 - Estudis, infància i joventut, sociabilitats (pertinença a associacions, etc.)
 - Ocupació actual, anteriors treballs
2. Sobre la situació actual de Catalunya
 - Com s'informa? (internet, diaris, revistes, TV, llibres, ràdio, al carrer amb persones, etc.)
 - Quins reconeix com a punts importants per haver arribat a aquesta situació?
 - Quines són les seves motivacions personals envers el moviment independentista?
3. En el grup social
 - Amb quines persones pròximes comparteix la mateixa opinió i amb qui parla normalment sobre això?
 - Com és compartida aquesta opinió? (mitjançant *Facebook*, reunions, etc.)
4. Participació en el moviment independentista
 - Participa en el moviment independentista Català? Com? Per què?
 - D'on sorgeix el moviment?
 - Com sorgeix el moviment?
5. Diada
 - Importància de la Diada per al moviment independentista
 - Evolució de la Diada. Causes
 - Representativitat de la Diada per dins de Catalunya i per al món.
6. La independència com a producte
 - Creu que hi ha alguna diferència entre l'independentisme d'altres èpoques en relació a l'independentisme actual? En que veu aquesta diferència?
 - Creu que existeix una diferència en relació als mitjans de comunicació, en com es aquesta comunicant el procés en aquest moment?
7. Productes catalans
 - En relació amb empreses i centres de producció catalanes, troba alguna diferència de postura davant l'independentisme? En cas afirmatiu, per què creu que es va produir aquest canvi?
 - Vostè fa alguna distinció quan adquireix un producte? Vostè compres marques catalanes?
 - Creu que la comunicació i l'estètica dels productes es van modificar arran d'aquest moviment independentista?

_ Entrevista institucions

1. Naixement de l'organització
 - Esdeveniments i situacions que el van produir

- Quan?
- Objectiu principal de l'entitat
- 2. Activitats de l'organització
 - Objectius d'aquestes activitats
 - Com atua l'organització
 - Públic (classe social, característiques del grup, etc.)
 - De quines maneres es comunica a la entitat?
 - Com és el procés intern de la construcció del missatge? Qui participa?
- 3. Funcionament de l'organització.
 - Reclutament d'associats i col·laboradors
 - Acompanyament
 - Fonts de finançament
- 4. Relació i interacció de l'organització amb d'altres organitzacions (institucions, escoles, empreses, govern, etc.), activitats.
- 5. La seva participació en l'entitat
 - La seva trajectòria fins a l'entrada a l'entitat (altres entitats, situació que el van portar a aquesta elecció, etc.)
 - Per què va escollir aquesta entitat per participar en el moviment independentista?
 - Quina és la seva principal activitat a l'entitat?
 - Quant temps dedica a la institució? Participa també en altres institucions?
 -

Entrevistas empreses

1. Posicionament de l'empresa en relació a l'independentisme des del naixement
 - Estratègia de l'empresa en el mercat
 - Va ser alterada en aquests últims períodes?
 - Utilització de la imatge de la "marca" independentista
2. Influència de l'estratègia comercial en els consumidors
 - Es va alterar la venda de producte / servei?
 - Li sembla que aquest posicionament de producte influeix en el moviment independentista?
3. Públic objectiu de la comunicació
 - Quins són els diferents públics a qui va destinat el missatge?
 - Com es fa aquesta distinció? ubicació geogràfica, diferència social, cultural etc.
4. Relació amb altres mitjans de comunicació
 - Hi ha un diàleg silenciós entre vosaltres?
 - Sobre la independència de Catalunya, en què terreny es produeix aquest diàleg? cultural, ètnic, identitari, històric?

ANEXO 2 – Entrevistados

Albert Renté / 59 anos / de Badalona, família catalã_ economista, vizinho de Badalona. Data 16/10/15_2h20'19"

Antonio Santamaria / 58 anos / de Barcelona, família de Andaluzia_ jornalista de *El Viejo Topo* e de *iSabadell.cat*, Barcelona. Data 22/10/15_2h20'19"

Azahra López Linger / 25 anos (aprox.) / de Vilanova i la Geltrú, Tarragona, família de Sevilha_ vizinha de L'Hospitalet de Llobregat, Barcelona. Carlos de Palma Corchado / 30 anos / de Barcelona, família de outras regiões de Espanha e Portugal_ vizinho de L'Hospitalet de Llobregat, Barcelona. Data 19/10/15_2h26'21"

Berta Vidal Berron / 45 anos (aprox.) / de França_ integrante da família de "The Catalan Weekend", Barcelona. Chris Balleret / 40 anos (aprox.) / de La Seu d'Urgell_ integrante da família de "The Catalan Weekend", Barcelona. Data 10/09/15_3'07" + Data 11/09/15_1h56'01" + Data 11/09/15_1h55' + Data 12/09/15_39'53"

David Miró / 42 anos / de Valencia_ Jornalista do *Ara*, Barcelona. Data 12/09/15_1h05'07"

Enric Martínez / 40 anos (aprox.) / de Barcelona, família de outras regiões de Espanha_ representante do partido *Unidos Sí*, Barcelona. Data 22/10/15_3h28'40"

Joan Solé / 26 anos_ encarregado de prensa de *Súmate* e de Eduardo Reyes, Barcelona. Data 08/09/15_2h38'20"

José Maria / 80 anos (aprox.) / de Barcelona_ vizinho do bairro *Eixample*, Barcelona. Data 19/10/15_1h26'53"

Josep Obiols / 41 anos / de Barcelona, família catalã_ vizinho de Gràcia, Barcelona. Judith Freixas Renté / 35 anos / de Barcelona, família catalã_ vizinha de Gràcia, Barcelona. Data 14/10/15_1h38'28"

Liz Castro / 51 anos / de EUA, família de Andaluzia_ colaboradora da *Assemblea Nacional Catalana* (ANC), Barcelona. Data 14-23/10/15_1h34'14"

Lluís Serra / 80 anos (aprox.) / do Prat de Llobregat, Barcelona, família da Catalunha_ colaboradora da *Assemblea Nacional Catalana* (ANC), Barcelona. Data 12/09/15_1h13'20"

Margarita / 55 anos / de Lleida_ Vizinha de Tàrraga, Lleida. Data 06/10/15_2h10'20"

Marcos Pardeiro / 35 anos (aprox.) / de Barcelona, família de Galicia_ jornalista diário *El Mundo*, Barcelona. Data 23/10/15_1h33'47"

N.T. / 50 anos (aprox.)_ *Centre Excursionista de Catalunya* (CEC), Barcelona. Data 12/09/15_1h00'16"

Pere Cardús / 37 anos / de Terrasa, família de França e Andaluzia_ jornalista do *VilaWeb*, Barcelona. Data 06/10/15_33'12"

Quin Torra. / 52 anos / de Girona, família catalanista_ no momento da entrevista, presidente de Òmnium Cultural, Barcelona. Data 08/10/15_56'32"

Ramona / 49 anos / de Lleida_ Vizinha de Alcarràs, Lleida. Data 06-13/09/15_27'14"

Xavier Vilá / 49 anos / de Barcelona, pai catalão, mãe de Murcia_ encarregado de prensa da *Associació de Municipis per la Independència* (AMI), Barcelona. Data 09/09/15_1h07'58"